



LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Número 6 | Junho de 2015



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
DO PADRÃO DA LÉGUA

HINO ÓRFICO À NOITE

Cantarei a criadora dos homens e deuses - cantarei a Noite.

Noite, fonte universal.

Ó forte divindade ardendo com as estrelas, Sol negro,

invadida pela paz e o tranquilo e múltiplo sono,

ó Felicidade e Encantamento, Rainha das vigílias, Mãe do sonho,

e Consoladora, onde as misérias repousam as campânulas de sangue,

ó Embaladora, Cavaleira, Luz Negra, Amiga Geral,

ó Incompleta, alternadamente terrestre e celeste,

ó Arredondada no meio das forças tenebrosas,

leve afastando a luz da casa dos mortos e de novo te afastando tu própria.

A terrível Fatalidade é a mãe de todas as coisas,

ó Noite Maravilhosa, Constelação Calma, Ternura Secreta do Tempo,

escuta, ó Indulgente Antiga, a imploração terrena,

e aparece com teu rosto obscuro e lento no meio dos vivos terrores do mundo.

Herberto Helder, *O Bebedor Noturno, Poesia Toda* (1990, p. 196)

A LIBERDADE

“Hoje a liberdade é tida como um direito absoluto. Mas não há liberdade absoluta. A liberdade não é sequer um direito. A liberdade é um dever, um dever fortíssimo. A liberdade é o respeito pelo próximo”. Manoel de Oliveira, *Notícias Magazine, DN* (9-5-2004)

O DESAFIO DE UM PERCURSO EM COMUNIDADE

Isabel Maria Pereira Antunes Morgado

Diretora do Agrupamento de Escolas de Padrão da Légua

direccao@esplegua.com

Em Educação, qualquer mudança passa por uma aprendizagem colaborativa, de aprendizagem com o outro (Hargreaves & Shirley, 2009). Numa democracia, a Escola terá de assumir a responsabilidade de uma cultura aberta ao pensamento crítico e reflexivo, em situação (Riemen, 2012). Este constitui o desafio central da ação organizativa e supervisiva, em contexto escolar, mais premente ainda em Agrupamento, pela agregação territorial e cultural. Somente pela emancipação de abordagens normativas e prescritivas, valorizando uma cultura de cooperação e aprendizagem, será possível promover uma comunidade coesa (Ferreira & Flores, 2012).

Numa perspetiva ecológica de influências, em que uma organização é influenciada e influencia os sistemas que a antecedem e a precedem, confirma-se a importância dos suportes organizacionais necessários ao desenvolvimento de alunos e docentes (Oliveira-Formosinho, 2009). Na interrelação entre macro e microsistemas (Bronfenbrenner, 1979), é essencial a convergência de práticas e conteúdos, liderança e supervisão.

Assim sendo, é fundamental a assunção, por parte de todos os agentes educativos, que se cruzam neste Agrupamento, da responsabilidade coletiva, na construção de um Agrupamento direcionado para as exigências do futuro, com base na eficácia da concretização de objetivos e metas, ao nível da ação. Trata-se de uma lógica formativa e colaborativa, impulsionadora do desenvolvimento de todos e de cada um, através de um percurso de exigência e qualidade educativas.

Mas sempre considerando, à semelhança de Herberto Helder e Manoel de Oliveira, vultos maiores que nos deixaram recentemente, a diversidade humana, que torna mais complexa e rica a interação em comunidade.

LIÇÕES DE VIDA E DE LIBERDADE

Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Coordenadora da Revista Ler Mais e Escrever Melhor
lermaiseescrevermelhor@esplegua.com

O sexto número da Revista LMEM marca o renovar de um Projeto que, embora mudando de designação para Projeto Comunicar, em virtude do alargamento a outras áreas, preserva o cerne da sua identidade, a nível do aperfeiçoamento reflexivo da leitura e da escrita. Por isso, mantém-se a incidência na construção coletiva da divulgação de uma memória escrita, que continua a abranger, transversalmente, todos os anos e disciplinas do Agrupamento, desde o pré-escolar ao 12º ano.

Este é um tempo de celebração da vida de Herberto Helder e Manoel de Oliveira, pelas suas lições de vida e de liberdade. Lições essas de um legado cultural ímpar, que tornou ditas vivências indizíveis, corporizadas em poemas e em filmes. Irmãos no tempo da partida, foram-no sobretudo em vida, pela construção de obras exigentes, sem transigir com facilitismos de interpretação, gostos mediáticos e políticas em voga. Quer o cinema de Oliveira, quer a literatura de Helder, exigem o esforço dos seus leitores e espetadores, na decifração de um estilo visionário, único e irrepetível, fulgurante nas metáforas e nos símbolos, sem cedências na continuidade da herança do nosso legado cultural. Tanto Herberto Helder, poeta oculto, que recusava entrevistas e prémios, agora descoberto como o maior poeta português da segunda metade do século XX, como Manoel de Oliveira, há muito aclamado cineasta de Portugal e do Mundo, construíram, cada um na sua área, um universo singular, simbólico e codificado.

Fica o exemplo destes nomes maiores da nossa cultura, e sobretudo a sua lição de vida, visível nos textos e imagens que crianças e jovens planificam, constroem, ilustram e que se incluem neste número da Revista Ler Mais e Escrever Melhor. Por isso, a Revista LMEM continuará a apoiar e divulgar pequenos e grandes escritores e artistas, que fazem parte da nossa comunidade educativa AEPL, no imperativo da valorização de uma cultura de escola e de cidadania. Assim sendo, reitera-se o convite habitual à continuação da participação num projeto comum, numa Revista que é feita da contribuição de todos e de cada um, na convergência de múltiplas vontades e linguagens.

EQUIPA DO PROJETO COMUNICAR 2014-2015

Ana Paula Sá, Assunção Tavares, Celeste Paulino e Pessoa, Lúcia Reis, Luísa Pacheco, Luzia Celeste Reis, Margarida Branca Lino, Maria da Assunção Pinheiro, Maria do Carmo Fontes, Maria da Conceição Teixeira, Maria Dulce Soares, Maria Ema Alves, Maria de Fátima Velasques, Maria Isabel Aboim, Maria José Bronze, Maria de Nazaré Coimbra.

PARTICIPANTES

Membros da comunidade educativa do Agrupamento de Escolas de Padrão da Légua.
Alunos e Professores do pré-escolar ao 12º ano, de todos os Departamentos e Áreas.

Ilustrações Alunos do pré-escolar e 1º Ciclo, de Educação Visual, do 5º ao 9º ano, e de Desenho, do Ensino Secundário.

Design capa (Para o Universo – Apollo e Placas Pioneer 1972/3) e **contracapa** (Um coração no átrio do Pavilhão A), Maria Isabel Trigo Coimbra.

ÍNDICE

HINO ÓRFICO À NOITE Poema de Herberto Helder

A LIBERDADE Opinião de Manoel de Oliveira

O DESAFIO DE UM PERCURSO EM COMUNIDADE Diretora do Agrupamento de Escolas de Padrão da Légua, Isabel Maria Pereira Antunes Morgado

LIÇÕES DE VIDA E DE LIBERDADE Coordenadora da Revista Ler Mais e Escrever Melhor, Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

1. A ESCRITA EM PROJETO 7

Texto 1: A ESCOLA E EU, Pedro Pinto, nº24, 9ºE 7

Texto 2: A ESCOLA ATUAL, João Nuno Martinho, nº16, 9ºE 8

Texto 3: A ESCOLA DE HOJE, Alexandra Ribeiro, nº1, 9ºE 8

Texto 4: COMUNICAÇÃO: ONTEM E HOJE, Beatriz Fernandes, nº4, 12ºB 8

Texto 5: O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NO UNIVERSO INFANTOJUVENIL, Joana Torres Silva, nº13, 12ºA 9

Texto 6: INICIAR SESSÃO, Rita Queirós, nº23, 12ºA 9

Texto 7: AS REDES SOCIAIS, Teresa Mafalda Fonseca, nº17, 12ºC10

Texto 8: O PLANETA TERRA, Inês de Sousa Pimenta, nº12, 7ºA10

Texto 9: A LENDA DO RIO AVE, Renata Lopes, nº22, 8ºE10

Texto 10: CARTA AO PAI NATAL, Rita Duarte Moreira, nº24, 7ºF11

Texto 11: CARTA AO PAI NATAL, Sofia Estrela dos Santos, nº25, 7ºF11

Texto 12: CARTA AO PAI NATAL, Pedro António, nº22, 7ºF12

Texto 13: CARTA AO PAI NATAL, Ana Margarida, nº3, 7ºH14

Texto 14: CARTA AO PAI NATAL, Diogo Duarte, nº9, 7ºG14

Texto 15: AS BOTAS DESAPARECIDAS, Carolina Monteiro, nº4, 5ºH15

Texto 16: UM NATAL SOLIDÁRIO, Rita Rodrigues, nº23, 10ºA15

Texto 17: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Ricardo Santos, nº21, 10ºB16

Texto 18: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Ana Luísa Gonçalves, nº7, 10ºC16

Texto 19: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Pedro Paiva, nº22, 10ºC16

Texto 20 NÃO SOU UM DANTAS!, Miguel Silva, nº14, 12ºC17

Texto 21: O QUE FAZ RIR UNS, REVOLTA OUTROS, Carolina Biscaia, nº4, 10ºA17

Texto 22: O SORRISO DAQUELA SENHORA, Inês Morais, nº10, 10ºA18

Texto 23: NÃO SE DEVE FAZER TROÇA DE NINGUÉM, Tatiana Borges, nº18, 7ºE18

Texto 24: TRABALHO DE GRUPO DO 7ºC19

Texto 25: ANÚNCIO, Margarida Fonseca, nº19, 7ºA19

Texto 26: NOTÍCIA FICTÍCIA: IDOSAS ESCAPAM A TOUROS, João Almeida, nº15, 9ºB Vocacional20

Texto 27: A AMIZADE, Daniel Cruz, nº6, 7ºE20

Texto 28: AMIZADE, Maria Beatriz Pinto, nº13, 7ºE20

Texto 29: INFÂNCIA, Margarida Freitas, nº18, 9ºE21

Texto 30: NÓS E A MEMÓRIA, Elisa Silva, nº7, 12ºA21

Texto 31: A INFLUÊNCIA DOS "OUTROS" NA CONSTRUÇÃO DA VIDA HUMANA, Inês Ramalho, nº10, 12ºA22

Texto 32: A SALA DE ESPERA DOS ADULTOS, Pedro Moço, nº12, 10ºD22

Texto 33: A IDADE DA INFÂNCIA, Alex Leites, nº1, 10ºF	23
Texto 34: IMPORTÂNCIA DE UMA INFÂNCIA FELIZ, Sandra Macedo, nº 31, 10ºF	23
Texto 35: A INFÂNCIA, Ana Catarina Cunha, nº2, 10ºF	23
Texto 36: PERCURSO DE INFÂNCIA, Francisca Pereira, nº15, 10ºE	24
Texto 37: INFÂNCIA, Sofia Ribeiro, nº10, 10ºF	24
Texto 38: A IDADE DA INFÂNCIA, Ricardo Dias, nº 29, 10ºF	25
Texto 39: O VALOR DA IGUALDADE, Tamaris Gomes, nº18, 11ºD	25
Texto 40: A IMPORTÂNCIA DA IGUALDADE, Cláudia Santos, nº5, 11ºD	26
Texto 41: O VALOR DA VERDADE, Maria João Mendes, nº9, 11ºD	26
Texto 42: HUMANIDADE, Andreia Tavares, nº3, 11ºD	26
Texto 43: O ALTRUÍSMO, Rui Silva, nº21, 11ºD	27
Texto 44: A IGUALDADE NO SÉCULO XXI, Lígia Caldeira, nº10, 11ºD	27
Texto 45: A SOLIDARIEDADE, Nuno Nunes, nº14, 11ºD	28
Texto 46: O ILUSIONISMO DA MALÍCIA, Rita Couto, nº24, 9ºF	28
Texto 47: UMA HISTÓRIA DE VIDA, Hugo Santos, nº7, 7ºE	28
Texto 48: IGUALDADE, Tiago Teixeira, nº20, 11ºD	30
Texto 49: LIVRES E IGUAIS, Ana Moutinho, nº9, 10ºC	30
Texto 50: DIREITOS HUMANOS, Ana Maria Freire, nº8, 10ºC	30
Texto 51: SORTIDO DE GOSTOS, Catarina Alves, nº5, 8ºF	31
Texto 52: NÃO SER VERDADEIRO, João Pereira, nº9, 7ºE	31
Texto 53: SER AMIGO, Mafalda Miranda, nº12, 7ºE	31
Texto 54: OS DOIS MENDIGOS, Mariana Magalhães Ribeiro, nº14, 7ºE	32
Texto 55: O MEU FUTSAL, Nádia Santos, nº16, Vocacional C	32
Texto 56: O TRABALHO EM EQUIPA, Margarida Santos, nº18, 8ºF	34
Texto 57: IDA AO TEATRO, Raquel Antunes, nº25, 5ºF	34
Texto 58: SE EU FOSSE UM TRIÂNGULO, Rodrigo Silva, nº25, 5ºG	34
Texto 59: SE EU FOSSE UM TRIÂNGULO, João Pedro, nº13, 5ºG	35
Texto 60: CARTA FAMILIAR, Ana Rita Domingos, nº26, 5ºH	36
Texto 61: CARTA FAMILIAR, Carolina Monteiro, nº4, 5ºH	36
Texto 62: OPINIÃO, Filipe Silva, nº11, 9ºVOC B (EBLB)	37
Texto 63: OPINIÃO, Liliana Lima, nº19, 9ºVOC B (EBLB)	37
Texto 64: QUEM SOU EU?, Paulo Vasconcelos, nº22, 5ºB	37
Texto 65: HERÓI DE NÓS PRÓPRIOS, Sara Anjos, nº22, 9ºD	37
Texto 66: OLHO POR OLHO, João Moura, nº8, 7ºE	38
Texto 67: PAISAGEM DE NEVE, João Silva, nº16, 1ªA	38
Texto 68: NEVE FRIA, Helena Sousa, nº13, 1ªA	39
Texto 69: A NOITE MÁGICA, Diana Barros, nº6, 5ºH	40
Texto 70: UM NATAL ENCANTADO, Ana Rita Domingos, nº26, 5ºH	40
Texto 71: UM SORRISO APENAS, Matilde Morais, nº19, 5ºF	42
Texto 72: O TELEMÓVEL: (DES)VANTAGENS, José Pedro Moreira, nº 16, 9º B	42
Texto 73: O HOMEM E O DESCONHECIDO, Joana Torres Silva, nº13, 12ªA	42
Texto 74: ESFORÇO E RECOMPENSA (I), Beatriz Fernandes, nº4, 12ºB	43
Texto 75: ESFORÇO E RECOMPENSA (II), Rodrigo Silva, nº27, 12ºB	43
Texto 76: ALGO DE BOM NA NOSSA VIDA, Mariana Magalhães Ribeiro nº14, 7ºE	44
Texto 77: OUVIR E ESCUTAR É UMA VIRTUDE, Sofia dos Santos, nº25, 7ºF	44
Texto 78: ALGUM DIA HAVERÁ UMA SOCIEDADE PERFEITA? Paulo Pereira, nº20, 7ºF	45
Texto 79: A FRAGILIDADE HUMANA, Inês Ramalho, nº10, 12ªA	45
Texto 80: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA, Catarina Miranda, nº7, 9ºF	45
Texto 81: METÁFORAS DA VIDA, ALUNOS DO 10º D	46

2. GENTES E LUGARES	47
Texto 1: ESPAÇOS, Bernardo Cunha, nº6, 12ºB	47
Texto 2: Conto A GOTA GOTINHA, Ye Chenan, 5º ano	48
Texto 3: Conto OCEANO EM PERIGO, Leonor Silva, 5º ano	51
Texto 4: Conto A GREVE DO PAI OCEANO, Nuno Silva, 5º ano	52
Texto 5: GENTE QUE CONHECI! José Sousa, nº12, 5ºB	54
Texto 6: A VIDA EXISTE MESMO, Sara Anjos, nº22, 9ºD	54
Texto 7: O TERROR DA FLORESTA, Catarina Miranda, nº7, 9ºF	55
Texto 8: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Rita Couto, nº24, 9ºF	55
Texto 9: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Cheila Alves, nº8, 9ºF	55
Texto 10: NASCI NA FLORESTA, Cheila Alves, nº8, 9ºF	56
Texto 11: DESÇO A RUA, Bruna Sousa, nº4, 9ºF	56
Texto 12: A MINHA GRANDE EXPEDIÇÃO, João Filipe Moreira, nº14, 9ºA	57
Texto 13: NO CAMPO, Mariana Magalhães Ribeiro nº14, 7ºE	57
Texto 14: A RUA DA NOITE, Rita Moreira, nº24, 7ºF	57
Texto 15: A VIAGEM DA VIDA, João Gonçalves, nº13, 9ºD	58
Texto 16: DESCONHECIDO, Sara Anjos, nº22, 9ºD	58
3. PÁGINAS DE BABEL	59
Texto 1: LE PORTRAIT DE LA PROF. DE FRANÇAIS, João Freitas, nº 14, 7ºG	59
Texto 2: LE PORTAIT DE MA MÈRE, Augusto Viana, nº6, 7ºF	59
Texto 3: LE PORTAIT DE MA MÈRE, Catarina Magalhães, nº8, 7ºF	60
Texto 4: MON ÉCOLE, João Pedro Modesto, nº15, 7ºF	60
Texto 5: THE ENVIRONMENT, Henrique Lima, nº5, 11ºC	60
4. FÓRUM DE LEITURA	61
Texto 1: CRUZEI-ME COM PESSOA NA AVENIDA, Carina Freitas, nº5, 12ºC	61
Texto 2: A LENDA DE RODOLFO, Catarina Alves, nº5, 8ºF	62
Texto 3: A LUA DE JOANA de Maria Teresa Maia Gonzalez, Ana Freitas, nº2, 8ºF	63
Texto 4: SOMOS TODOS UM BOCADO CIGANOS (I) de Jorge Marmelo, João Carlos, nº8, 11ºC	63
Texto 5: SOMOS TODOS UM BOCADO CIGANOS (II) de Jorge Marmelo, João Alves, nº17, 11ºA	64
Texto 6: A ILHA NA RUA DOS PÁSSAROS de Uri Orlev, Leonor Fernandes, nº10, 10ºD	66
Texto 7: O PAPALAGUI (I) de Erich Scheurmann, Margarida Santos, nº18, 8ºF	66
Texto 8: O PAPALAGUI (II) de Erich Scheurmann, Ana Sofia Macedo, nº3, 7ºF	67
Texto 9: A CIDADE E AS SERRAS de Eça de Queirós, Henrique Lima, nº5, 11ºC	67
Texto 10: A SUPER EQUIPA, Rodrigo Silva, nº25, 5ºG	68
Texto 11: O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, João Pedro, nº13, 5ºG	70
Texto 12: VEMOS, OUVIMOS E LEMOS, Bernardo Cunha, nº6, 12ºB	70
Texto 13: SERMÃO do Padre António Vieira, Ângelo Teixeira, nº7 11ºA	71
Texto 14: A LUA NÃO ESTÁ À VENDA de Alice Vieira, Pedro António, nº 22, 7ºF	71
Texto 15: OS JOGOS DA FOME de Suzanne Collins, Bruno Rebelo, nº13, 10ºF	72
Texto 16: O PRINCIPEZINHO de Saint-Exupéry, Mariana Ribeiro nº14, 7ºE	74
Texto 17: O SONÂMBULO de Robert K. Muchamore, André Silva, nº4, 7ºF	74
Texto 18: CÃO COMO NÓS de Manuel Alegre, André Sousa, nº 5, 7ºF	75
Texto 19: A TURMA de François Bégaudeau, Daniel Cruz, Nº4, 7ºE	75

Texto 20: <i>O VELHO QUE LIA ROMANCES DE AMOR</i> de Luís Sepúlveda, Rita Moreira, nº24, 7ºF	76
Texto 21: <i>OS SONHADORES</i> de António Mota, Rui Teixeira, nº16, 7ºE	77
Texto 22: <i>AS MULHERZINHAS</i> de Louisa May Alcott, Sofia dos Santos, nº25, 7ºF	78
Texto 23: FINAL DO CONTO <i>O BÚZIO</i> de Sophia, Diogo Ribeiro, nº8, 1ºB	79
Texto 24: CONTINUAÇÃO DO CONTO FREI JOÃO SEM CUIDADOS, Margarida Fonseca, nº19, 7ºA	80
Texto 25: POR CAUSA DE UM LIVRO, Daniel Castro, nº6, 1ºB	80

5. TEMPO DE POESIA

Texto 1: RIMAS COM ANIMAIS, alunos do 2.º E da EB de Gondivai	81
Texto 2: ENTRE LAMÚRIAS E AMORES, Helena Areias, nº6, 6ºE	82
Texto 3: TUDO O QUE EU TE DAVA, Maria João Santos, nº14, 6ºE	82
Texto 4: AMOR ENTRE MÃE E FILHO, Rita Castanho, nº17, 6ºE	83
Textos 5: 5 POEMAS, Leonor Silva, nº12, 6ºF	83
Texto 6: ODE À NAVEGAÇÃO, Raquel Sá, nº14, 12ºD	84
Texto 7: ODE ÀS VERDADES, Fátima Faria, nº9, 12ºE	84
Texto 8: ODE AO ESPÍRITO NATALÍCIO, Inês Ferraz, nº13, 12ºE	85
Texto 9: ODE NOBEL, Renata Borges, nº15, 12ºD	86
Texto 10: ODE PORTUGUESA, Sandra Silva, nº16, 12ºD	86
Texto 11: UMA ODE FEITA DE SALTOS ALTOS, Cláudia Almeida, nº6, 12ºD	87
Textos 12: PEQUENOS POEMAS, Rita Miranda, nº30, 10ºF	88
Texto 13: UM SONHO BEM REAL, José Moreira, nº16, 9ºB	88
Texto 14: O NOSSO MAR, Sara Castro, nº25, 9º B	88
Textos 15: ACRÓNIMOS, Bruno Silva, nº7, 7º A, Ricardo Oliveira, nº25, 7º A, Gonçalo, nº7, 7ºC	90
Texto 16: OS JOVENS, QUE FUTURO? André Silva, nº4, 7ºF	90
Texto 17: O MAR, alunos do 1ªA	91
Texto 18: VIAGEM AO PARAÍSO, Nádía Marinho, nº 20, 9º B	91
Texto 19: NÃO SEI COMO DIZER-TE (I), Diogo Silva, nº 9, 9VOC B	92
Texto 20: NÃO SEI COMO DIZER-TE (II), João Almeida, nº15, 9VOC B	92

6. ESCREVER ou VOZES DA COMUNIDADE

Texto 1: POEMA AO PAI, António Estrela, Funcionário AEPL	93
Texto 2: POESIA NA BIBLIOTECA, Ana Araújo e Carolina Marques, 10ºE	94
Texto 3: AS QUATRO FLORES, António Estrela, Funcionário AEPL	94
Texto 4: ADEUS, António Estrela, Funcionário AEPL	95
Texto 5: ELOGIO AOS VALORES DO SABER, José Alberto Monteiro, Professor de EMRC AEPL)	95
Texto 6: PÁGINA DO DIÁRIO DE UM PROFESSOR, Conceição Teixeira, Professora de Português AEPL	97
Texto 7: O QUE SERÁ, QUE SERÁ, Luísa Pacheco, Professora de Filosofia AEPL	98
Texto 8: CARTA ABERTA À MÃE, Mariana Ribeiro, nº14, 7ºE	100
Texto 9: A FAMÍLIA E OS JOVENS, Manuela Pinto, Assistente Operacional	100
Texto 10: A FAMÍLIA, Maria do Céu Gomes, Assistente Operacional	100

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

A revista do projeto Comunicar
com Léguas para ler e escrever.
No Padrão.

Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos (...) e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim.

José Saramago, *A Jangada de Pedra*

1. A ESCRITA EM PROJETO

A Revista **Ler Mais e Escrever Melhor**, do **Projeto Comunicar**, interliga o aperfeiçoamento das competências de leitura e de escrita, como modalidades complementares e interativas da língua, num *continuum* construtivo de uma mesma competência comunicacional e linguística.

O **Projeto Comunicar** pretende o reforço do aperfeiçoamento da competência comunicativa do aluno, através da resolução de situações-problema e da realização de atividades. Porque a escola é o lugar natural de formação de leitores e escritores, de aquisição do hábito e do gosto pela leitura e pela escrita.

A **Escrita em Projeto** é uma secção aberta a textos de diferentes géneros e temas, de autoria singular ou coletiva. Não há restrição de tipologia textual, apenas o cuidado habitual na correção estrutural e linguística dos textos, que devem ser apresentados em suporte informático, prontos para publicação.

Texto 1: A ESCOLA E EU, Pedro Pinto, nº24, 9ºE **Data de edição: novembro 2014**

Todos sabemos que, indiscutivelmente, a escola é um elemento muito importante na vida do homem, mas nem sempre é vivida da melhor maneira.

Será que o ambiente da escola é benéfico para os alunos?

Efetivamente, alguns alunos são facilmente influenciáveis e seguem maus caminhos como os da droga ou de fumar...

Vemos também que certas pessoas sofrem de bullying, porque por alguma razão são diferentes ou excluídas.

No entanto, na escola todos os dias aprendemos coisas novas, o que nos torna mais sábios e, acima de tudo, aprendemos a ser pessoas civilizadas.

De facto, para quem aproveita a escola ela pode levá-lo a ter um futuro melhor.

Sintetizando, o ambiente da escola é benéfico para os alunos se tiverem responsabilidade e vontade de trabalhar.

Texto 2: A ESCOLA ATUAL, João Nuno Martinho, nº16, 9ºE
Data de edição: novembro 2014

Atualmente, discute-se bastante entre os alunos se a escola é ou não uma ferramenta essencial para o futuro do homem. Alguns chegam mesmo a dizer que nela só há testes, avaliações e intervalos.

Será que a escola é, de facto, uma ferramenta importante na vida do homem?

Sabemos que, hoje em dia, por vezes, a escola não tem condições ideais para se trabalhar.

Infelizmente, existem também alguns alunos mal-educados que prejudicam outros que querem aprender.

Contudo, a escola ensina-nos a viver e ajuda-nos a crescer porque nos ajuda a saber ouvir, a ser responsáveis no nosso trabalho, a cumprir regras,...

Efetivamente, a escola desenvolve em nós capacidades de comunicação e raciocínio e isso é uma mais-valia para o nosso futuro.

Por estas razões, sintetizando, julgo que a escola tem um papel extremamente importante na vida do homem. Ela dá-nos cultura e conhecimentos para a vida.

Texto 3: A ESCOLA DE HOJE, Alexandra Ribeiro, nº1, 9ºE
Data de edição: novembro 2014

Todos sabemos que a formação de cada pessoa é importante. Ultimamente perguntamo-nos se a escola é fundamental na vida do Homem.

Será que a escola é mesmo essencial na nossa vida?

De facto, a escola, hoje em dia, pode ter vindo a piorar pelo mau comportamento dos alunos.

Atualmente, o desrespeito é maior, tanto para os professores como para os colegas, o preconceito é maior entre todos, julga-se pela aparência, critica-se, insulta-se, rebaixa-se os colegas e, por vezes, existem casos de bullying.

No entanto, a escola prepara-nos para a vida, tenta-nos ajudar a aceitar as outras pessoas como elas são, ensina-nos também a viver em sociedade e é lá que fazemos as grandes amizades.

É na escola que os professores são exigentes connosco para sermos alguém na vida e pode ser, por vezes, a nossa segunda casa.

Resumindo, a escola pode até ter alguns aspetos negativos, mas o certo é que lá nós nos tornamos alguém. Por isso, a escola é importante na nossa vida.

Texto 4: COMUNICAÇÃO: ONTEM E HOJE, Beatriz Fernandes, nº4, 12ºB
Data de edição: novembro 2014

"Os dias de hoje não são como antigamente", uma expressão muito utilizada pelos nossos avós e, por vezes, pelos nossos pais. O mundo está em constante mudança e, só olhando para trás no tempo, é que nos apercebemos das grandes diferenças, muitas vezes disfarçadas por súbitas mudanças.

No tempo dos nossos avós, se quisessem conversar com amigos ou jogar futebol, eles encontravam-se cara a cara. Não necessitavam do telemóvel para chamar o amigo, utilizavam antes a campainha da porta da casa ou até mesmo gritavam para a janela do quarto do amigo. Hoje em dia, só se fala pelo telemóvel ou pelo computador. E se quiserem jogar um pouco de futebol? É só ligar a consola.

Devido às redes sociais, os jovens perderam a noção da importância de conversar pessoalmente, de poder abraçar os amigos e de olhar uma pessoa nos olhos. Os adolescentes estão a perder as capacidades sociais necessárias para "sobreviver" no mundo social e laboral.

Penso que as redes sociais dão mais importância aos bens materiais e à vontade de os exibir. Já não é só o amor-próprio, mas a aceitação dos outros que interessa. Deixamos de valorizar a nossa opinião e somos manipulados por estranhos.

Não é necessário abandonarmos as redes sociais, apenas é preciso encontrar um meio termo e sermos conscientes das decisões que tomamos.

**Texto 5: O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NO UNIVERSO INFANTOJUVENIL, Joana Torres Silva, nº13, 12ºA
Data de edição: novembro 2014**

Atualmente, os jovens são constantemente bombardeados com “modas e manias” que não contribuem em nada para o seu desenvolvimento intelectual e moral. Assim sendo, as redes incluem-se neste grupo de fatores que apenas conduzem à degradação dos mais novos.

Na minha opinião, as redes sociais podem ser uma ferramenta importante para interagirmos uns com os outros ou até para conhecer o que se passa do outro lado do mundo; mas é essencial salientar que isto só se verifica quando as pessoas são maduras o suficiente para estabelecer limites, não se deixando levar pela “coscuvilhice” ou mesmo corrupção.

Deste modo, como os jovens de hoje em dia cada vez mais tarde atingem a maturidade mental, denota-se uma falta de capacidade por parte destes em distinguir aquilo que podem colocar nestas ditas redes sociais daquilo que apenas lhes devia pertencer a eles. Isto lembra-me, por exemplo, aquelas raparigas que tiram fotos com “roupas escandalosas” (ou até mesmo sem elas) e as espalham na Internet como quem distribui jornais, ou mesmo aqueles que tiram fotografias a tudo o que lhes aparece à frente e as partilham com o mundo, como se este não vivesse na mesma realidade.

Acredito que os jovens de hoje necessitam de mudar os seus hábitos, isto se não queremos conduzir a uma sociedade sem valores nem regras.

**Texto 6: INICIAR SESSÃO, Rita Queirós, nº23, 12ºA
Data de edição: novembro 2014**

Atualmente, as redes sociais representam um grande meio de comunicação e têm, também, grande influência nas pessoas, tanto nos jovens como nos adultos.

Esta nova moda das redes sociais pode apresentar vantagens, mas o certo é que as desvantagens tendem a ser cada vez mais. Apesar de haver pessoas que defendem que as redes sociais são um meio para comunicar facilmente à distância e que ajudam a criar amizades, a verdade é que estes argumentos podem ser facilmente invalidados. Também se pode comunicar com pessoas que estejam longe através de cartas, ou até através do próprio telemóvel, e a verdade é que nenhuma pessoa que se conheça através das redes sociais é mesmo nosso amigo.

É possível enumerar mais argumentos a favor, no entanto, também se deve ter em conta os argumentos contra as redes sociais. A internet promove o sedentarismo, e o fácil acesso a ela agrava cada vez mais a situação. As pessoas ficam em casa, sentadas em frente a um computador, em vez de desfrutar de atividades ao ar livre e da companhia física dos amigos. Hoje em dia também temos acesso à internet nos telemóveis e outro tipo de dispositivos. Resolve-se o problema do sedentarismo, mas começamos a ignorar o que acontece à nossa volta. Quantas são as pessoas que já colocaram fotografias nas redes sociais enquanto estão em casamentos ou noutros eventos importantes, ignorando o momento ou até as pessoas com quem estão?

Estudos recentes provam também que o uso excessivo de redes sociais provoca depressões e mal-estar psicológico nas pessoas. Ao colocarem informações pessoais nas redes sociais, quer sejam fotografias ou qualquer tipo de comentário, as pessoas ficam vulneráveis a comentários por vezes desagradáveis, ou até maldosos, e a críticas por parte de outros. Situações como estas levam a uma baixa autoestima ou até à

desconfiança, uma vez que futuros comentários passam a ser sempre interpretados de forma maldosa.

Factos como estes devem ser tomados em conta quando chega a hora de decidir se é a favor ou contra as redes sociais.

Texto 7: AS REDES SOCIAIS, Teresa Mafalda Fonseca, nº17, 12°C

Data de edição: janeiro 2015

As redes sociais são cada vez mais utilizadas pela sociedade e influenciam frequentemente a nossa forma de pensar e os hábitos do dia-a-dia.

Por um lado, apresentam um leque variado de vantagens, tais como: manter o contacto com amigos e familiares, com os quais não convivemos frequentemente e dispor de informação sobre a vida, a carreira de celebridades e de figuras públicas. Geralmente, as redes sociais também são encaradas como um passatempo divertido e uma forma de fugir ao *stress* do quotidiano.

Por outro lado, as redes sociais têm um fator viciante, visto que grande parte das pessoas não consegue passar um único dia sem elas. Por consequência, deixam de realizar atividades produtivas em prol deste "vício".

Outro problema destes *sites* é terem o poder de alienar de tal forma o pensamento que corremos o risco de deixar de ser quem somos. Isto leva a situações como "ir atrás do rebanho" e fazer coisas ou ter certos ideais só porque toda a gente no *Facebook* diz que é correto.

Posto isto, o que é preciso no que toca a redes sociais é contenção e maturidade. Por um lado, saber quem somos e, por outro, saber dizer "chega".

Texto 8: O PLANETA TERRA, Inês de Sousa Pimenta, nº12, 7ºA

Data de edição: novembro 2014

Na minha opinião, cada cidadão tem o dever de preservar o planeta Terra que se encontra ameaçado devido à poluição causada pelo ser humano e ao aquecimento global.

Contudo, não é isso que acontece, pois ainda vemos muitas atitudes irresponsáveis, como, por exemplo, a utilização excessiva de combustíveis fósseis e de outras matérias primas oferecidas pela natureza, a desflorestação da Amazónia, a poluição de rios e oceanos, o desperdício de água, etc. Estes comportamentos põem em causa o futuro do planeta azul e a sobrevivência de todos os seres vivos que o habitam.

Por isso, é urgente o homem tentar corrigir os seus erros e assumir os seus compromissos como o do Tratado de Quioto, cujo objetivo seria diminuir as emissões de dióxido de carbono. No entanto, alguns países cumprem-no, outros não, o que prejudica o meio ambiente, como temos visto nos últimos tempos.

Assim sendo, é tempo de construirmos um mundo melhor. Para isso, gestos diários como a diminuição da poluição, a reciclagem, a reutilização, a poupança de recursos fazem a diferença e são da responsabilidade de todos.

Texto 9: A LENDA DO RIO AVE, Renata Lopes, nº22, 8ºE

Data de edição: dezembro 2014

Contam-se muitas lendas sobre este rio, mas, para mim, o que aconteceu mesmo foi isto:

Há muitos, muitos e muitos séculos atrás, numa província à beira-mar vivia uma Princesa muito bonita, que, por azar ou sorte, não tinha ainda casado. Um dia, um caçador, ao passar pelo seu palácio, viu-a e logo reparou na sua beleza e nas suas longas e belas tranças. A princesa, mal o viu, apaixonou-se e ele prometeu que iria para a cidade arranjar dinheiro para que os dois pudessem casar e viver juntos.

No momento da despedida, a Princesa disse-lhe:

- Sempre que vires uma ave a voar, lembra-te de mim, pois como uma ave o meu coração sempre estará contigo.

Passaram-se anos, talvez décadas e a cada década a Princesa chorava com saudades, mais e mais, até que se diz que ela, de tanto chorar, formou um rio e que o seu espírito sempre ficou a viver lá, tal como uma ave bem treinada, ainda à espera da sua presa/amor.

Também se diz que, de tanto chorar, as suas lágrimas secaram e ela morreu só.

Texto 10: CARTA AO PAI NATAL, Rita Duarte Moreira, nº24, 7ºF

Data de edição: novembro de 2014

Custóias, 20 de novembro de 2014

Caro Pai Natal,

Esta não é uma simples carta de Natal convencional, pois não venho aqui pedir um telemóvel ou um computador, como a "juventude" de hoje em dia faz.

Provavelmente nem chegarás a ler esta carta, porque os transportes para o Pólo Norte estão muito caros, mas, escrevo-ta mesmo assim. E por falar em portes de envio, infelizmente, não são a única coisa com um preço elevado nos tempos que correm! No entanto, também não é sobre esse assunto que vou escrever, pois não quero estar a entristecer ninguém.

Pai Natal, falando, agora, seriamente. O assunto que venho aqui expor é a "Mentira", aquela palavra enorme e na origem de (quase) todos os problemas. Eu diria até que é um dos jogos com mais adeptos no mundo, pois é um verdadeiro quebra-cabeças diferenciar uma boa mentira de uma má verdade, ou seja, é difícil saber se uma pessoa mente bem ou conta mal a verdade.

Apesar de ter dito que não iria falar de dinheiro, não posso ignorar este tema devido a estar também associado ao "embuste". Algo que me causa alguma angústia é o facto de algumas pessoas estarem com problemas judiciais por usufruírem do dinheiro de uma forma não clara e mesmo quando são confrontadas com esse crime, negam-no, fazendo-se passar por inocentes.

Provavelmente, se alguém chegar a ler esta sóbria epístola, irá estranhar que a mesma tenha sido elaborada por uma criança de 11 anos. Mas, tendo em conta todos os meios de comunicação disponíveis atualmente, que nos permitem estar sempre informados e atualizados, não é complicado perceber esse facto.

Com isto me despeço, esperando que tenhas muito trabalho, distribuindo a verdade por muitos sapatinhos.

Cumprimentos,
Uma criança diferente.

Texto 11: CARTA AO PAI NATAL, Sofia Estrela dos Santos, nº25, 7ºF

Data de edição: novembro de 2014

Querido Pai Natal,

Querido amigo, querido confidente, querido eu interior a quem escrevo.

Conto contigo para desabafar sobre o que sinto. Agora neste tempo só meu e que serve para conversar comigo e contigo. Não sei se receberás esta mensagem, pois não sei se existirás simplesmente na minha imaginação ou se também na realidade. Tanto me faz. Quem quer que a leia, mesmo que seja somente eu, já serve. Já dá para compreender o que eu sinto e tento transmitir.

Enquanto a minha irmã faz a sua própria carta para ti a pedir brinquedos e outros presentes para mim, não muito importantes agora, mas que me enchiam o coração na altura eu que era criança, eu escrevo-te para me confessar a ti e refletir sobre o que fiz e faço. Não vou dizer que me portei bem ou mal este ano, irei dizer simplesmente que fiz o possível para ser o melhor de mim. Errei, disso tenho total consciência e tentarei

remediar o que fiz de mal. Acertei, não sei se mais ou menos do que errei, mas tentarei continuar a acertar e a aprender a fazê-lo quando erro. Às vezes olho à volta e vejo as pessoas a errar e outras a tentarem corrigir os erros das que erram, fazendo assim a coisa acertada. Gosto de ser como elas, ou pelo menos de tentar. A finalidade do Natal, para além de ser juntar a família numa ceia e proporcionar convívios agradáveis, é dar para que alguém receba. Eu adoro dar, porque recebemos alegria e contentamento ao mesmo tempo. É claro que também gosto de receber, mas cada vez dou menos importância aos bens materiais. É certo que trocava todas as minhas prendas de Natal por uma noite de convívio em família. Se ficas a pensar que assim não recebo nada, estás enganado, pois recebo coisas muito mais importantes: amor, carinho, alegria e satisfação. Por isso, nesta carta vou-te pedir coisas, não como as da minha irmã, mas sim coisas importantes para mim: queria simplesmente saúde, alegria, amor e união para minha família e para mim, mas também para o resto do mundo. Eu sei que, enquanto escrevo esta carta, há pessoas no mundo a sofrer e outras a rir, umas a passar fome outras a ficarem enjoadas de tanto comer, umas felizes e outras infelizes. Eu não sei se estou feliz ou infeliz. Eu costumo pensar que estou ambas as coisas ao mesmo tempo. É estranho, mas é assim que eu me sinto. Não sou completamente feliz nem completamente infeliz, mas também, quem o é?

Acho que até isso as pessoas escondem. As pessoas escondem os sentimentos e diluem-nos nas suas palavras e atos. Eu consigo sentir isso. Como pessoa, não escapo porém a essas manobras. Não critico quem o faz nem encorajo ninguém, pois considero que é uma técnica de defesa das pessoas, de si próprias ou das outras.

Peço paz. Essa sensação que todos adoramos sentir e aproveitar. Penso que todos a sentimos, principalmente quando nos fechamos na nossa "bolha" e refletimos sobre tudo o que temos para refletir, pensamos tudo o que temos para pensar, descansamos tudo o que temos para descansar e, quando voltamos à "realidade" já nos sentimos bastante melhor connosco e com os outros.

Tenho esperança que a cada dia possamos aprender mais, e saber remediar o que fizemos de mal. Acabo esta carta com o acabar do meu tempo disponível e com desejo de voltar a escrever uma outra, brevemente.

Com cumprimentos da Sofia

Texto 12: CARTA AO PAI NATAL, Pedro António, nº22, 7ºF

Data de edição: novembro de 2014

Padrão da Légua, 21 de novembro de 2014

Meu Amigo Pai Natal:

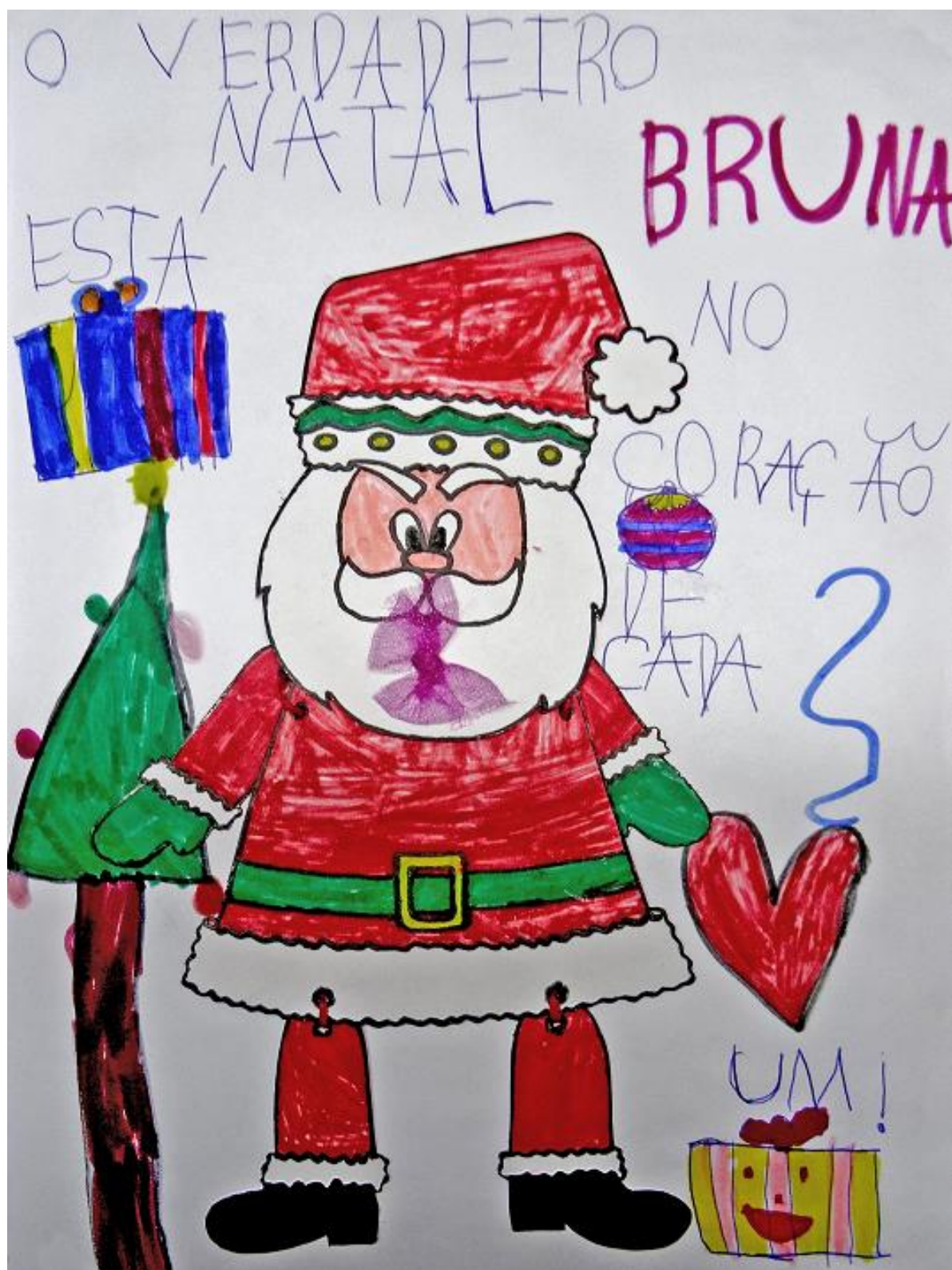
Por mais famoso que sejas, talvez esta carta não te chegue às mãos. Se chegar vais estranhar, pois hoje em dia, chegam-te mais *emails* e SMS's do que cartas. Mas dessa forma não te diria tantas coisas, ia ser mais direto. Assim vou fazer à "moda antiga", como dizem os meus avós, escrevendo-te uma carta. Uma carta tem que ter um selo do correio, vais assim poder ver a minha letra, o papel, as linhas, a cor da tinta da minha caneta, e a forma das minhas palavras, sou "eu por escrito".

Escrevo-te esta carta para me conheceres melhor:

- Julgo ser simpático e divertido, cavalheiro e, por vezes, extrovertido. Julgo também, não ser "convencido", mas é o que dizem algumas pessoas que não me conhecem bem. Jogo voleibol desde os quatro anos de idade, é a minha diversão favorita. Como bastantes *chicletes* de mentol (espero que o meu pai não leia esta carta). Tenho um metro e sessenta de altura e doze anos de idade.

Tenho esperança que sejas generoso na minha prenda, no entanto, troco-a, se for possível, pela paz no Mundo em que vivemos, pois há rapazes e raparigas com a minha idade que convivem todos os dias com a fome e com a guerra, em sítios onde tu não podes, infelizmente, chegar.

Um grande abraço do teu amigo, *Pedro*



Bruna, EB Padrão da Légua
Jardim de Infância Monte da Mina

Texto 13: CARTA AO PAI NATAL, Ana Margarida, nº3, 7ºH
Data de edição: dezembro 2014

Padrão da légua, 9 de dezembro de 2014

Olá, Pai Natal,

Espero que estejas bem.

Quando era pequena, pensava que existias e imaginava-te um senhor velhinho de barba branca muito simpático e solidário, pois pensava que davas presentes a todas as pessoas do mundo, principalmente às crianças.

Na ceia de Natal, depois da meia da noite, deixava-te sempre umas bolachas e um copo de leite quentinho, como se fosse um presente de Natal para ti.

Quando descobri que não existias, pensei que a magia do Natal ia acabar e que aqueles presentes debaixo do pinheiro iriam desaparecer para sempre.

Não me importava que existisses, pois trazias presentes a todas as pessoas do mundo, principalmente àquelas criancinhas que não recebem nenhum presente nessa Noite especial e enchias o mundo das crianças de magia.

Volta sempre que puderes!

Abraços!

Ana Margarida

Texto 14: CARTA AO PAI NATAL, Diogo Duarte, nº9, 7ºG
Data de edição: janeiro 2015

Padrão da Légua, 11 de dezembro de 2014

Olá, Pai Natal!

As férias estão quase a chegar e com elas o teu o descanso acabará. Escrevo-te hoje, e todos os Natais te escreverei, embora tenha quase a certeza de que não receberás a carta. Todavia, se a receberes, não te vou pedir nada, porque muita gente pensa que o Natal é só receber prendas, mas o Natal é amor, amizade, carinho, etc. ...

Quando chega ao mês de dezembro, as ruas são enfeitadas, as famílias fazem, nas suas casas, os pinheiros e anda tudo alegre. Parece que estão num conto de fadas. Fica tudo perfeito!

As crianças adoram esta época, porque se deliciam a receber as prendas que tu lhes dás e eu porque deixo para trás a escola, onde estou neste momento. Mas nem tudo são alegrias, pois aqui, neste país, há muita crise, há pessoas que passam fome, outras que moram na rua e muita gente que não tem emprego.

No mês de dezembro tens muito trabalho, vais ter que fazer as prendas, preparar as renas e a viagem por todo o mundo! Bom, afinal sempre te vou pedir alguma coisa, embora, felizmente, não seja para mim.

O que eu te queria pedir era que a guerra acabasse, que as pessoas que moram nas ruas tivessem uma casa digna para habitarem, com as condições que fossem precisas, que a corrupção no mundo acabasse e, o principal de tudo, paz e saúde para toda a gente que é aquilo de que mais precisamos.

Chegou a hora de me despedir e de ir para casa, no final de mais um dia de aulas.

Até para o ano e lembra-te, em especial, das crianças das famílias mais carenciadas do meu país.

O teu amigo,
Diogo

Texto 15: AS BOTAS DESAPARECIDAS, Carolina Monteiro, nº4, 5ºH
Data de edição: dezembro de 2014

Na véspera de Natal, quando o Pai Natal estava a vestir-se para poder começar a distribuir os presentes, reparou que lhe faltavam as botas.

Sim, é verdade, faltavam-lhe aquelas botas fantásticas, pretas e quentinhas que ele usava sempre que ia em missões importantes naquela neve imensa e gelada.

- As minhas botas?! – gritou o Pai Natal, muito aflito.

- Não sei, senhor! Elas estavam aqui quando as engraxeiei! – disse a Kate, uma duende.

O Pai Natal mandou a Kate convocar todos os duendes, para procurarem as suas botas.

- Pai Natal, Pai Natal, vi o Rodolfo a pegar nas suas botas! – afirmou o duende Pimpão.

- O Rodolfo? A pegar nas minhas botas?

Muito intrigado, o Pai Natal mandou o duende Pimpão chamar o Rodolfo, para perceber o que se tinha passado.

Rodolfo regressava com as botas no seu dorso.

- Rodolfo, porque é que me fizeste isto, queres estragar o Natal? Dá cá as minhas botas! – ordenou-lhe o Pai Natal.

Rodolfo baixou-se, entregou as botas ao Pai Natal e disse:

- Desculpe, Pai Natal, eu não queria estragar o Natal, apenas queria fazer-lhe uma surpresa, para quando chegasse da sua missão. São umas pantufas quentes, mas como não sabia o número que calçava, levei as suas botas e não cheguei a tempo de devolver.

O Pai Natal ficou muito comovido com a intenção de Rodolfo e pediu-lhe desculpa por ter gritado com ele.

Assim, o Pai Natal entregou os presentes às crianças e teve também um Natal feliz e quente, com as suas pantufas novas e o Rodolfo ao seu lado.

Texto 16: UM NATAL SOLIDÁRIO, Rita Rodrigues, nº23, 10ºA
Data de edição: janeiro 2015

Vou falar de anúncios televisivos. Não, não se trata de publicidade que nos leva à aquisição de um produto, mas sim daquela que apela à solidariedade das pessoas, contribuindo com um pequeno donativo, em grandes superfícies.

Um destes anúncios tem como objetivo proporcionar um Natal melhor a crianças carenciadas que vivem em instituições de solidariedade.

O recurso a uma figura pública para nos falar destas crianças e da forma como elas vivem sensibiliza-nos para aderirmos a estas causas. É surpreendente o número de utentes que recorre a esta ajuda e que não tem uma refeição ou um presente nesta altura tão especial. Lembramo-nos, então, dos nossos amigos que, depois do dia de Natal, se pavoneiam com os seus novos jogos informáticos, as novas *jeans* da moda ou se lamentam por não terem recebido aquele presente com o qual tanto sonhavam. Estas pessoas não pensam na quantidade de pessoas sem meios financeiros para proporcionar alguma felicidade aos seus filhos, aos seus netos, aos seus pais...

Voltando à causa anteriormente referida. O seu objetivo não é entregar aparelhos XPTO ou peças de roupa caras, mas, sim, algo para comer, cobertores para se agasalharem ou brinquedos com que se entretenham de uma forma económica e interativa. Como é impressionante ver a felicidade de uma criança ao brincar com um simples xilofone ou com uma corda de saltar.

Embora não pareça, os portugueses continuam a demonstrar a sua solidariedade e, por vezes, até dão mais do que aquilo que podem. Ainda bem. Tais atitudes contribuem positivamente para o sucesso destas campanhas e para que se consiga fazer sorrir uma criança inocente. Pequenos gestos que se devem manter para além desta época. Afinal, *Natal é sempre que um homem quer.*

Texto 17: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Ricardo Santos, nº21, 10ºB
Data de emissão: novembro 2014

O "Artigo 1º" da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* constitui um breve resumo daquilo que são os nossos direitos e deveres a serem cumpridos para uma coexistência harmoniosa em comunidade. Então, porque é que ainda vivemos num mundo pouco pacífico?

Julgo que os direitos humanos, assim como muitas outras declarações são completamente ignorados e desprezados pela maioria das pessoas, visto que, tal como todos nós sabemos, vivemos num mundo onde a falta de respeito é, infelizmente, como que um hábito. Porém, isso é um problema do dia-a-dia ao qual já quase ninguém presta atenção. Se alargarmos os horizontes, observamos que em alguns lugares do globo, os direitos humanos não só estão a ser desrespeitados como estão a ser violados. Desde tiroteios a decapitações, desde crianças a idosos mortos, este é o cenário em que estão as terras orientais. Por muitas declarações e legislações que surjam, os direitos humanos nunca serão inteiramente respeitados, enquanto o Homem continuar a ser um ser mesquinho e egoísta.

Em suma, seria uma mais-valia se as pessoas lutassem pela paz e respeitassem o outro, para que a sociedade se tornasse mais fraterna.

Texto 18: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Ana Luísa Gonçalves, nº7, 10ºC
Data de emissão: dezembro 2014

A existência da Declaração Universal dos Direitos Humanos é uma mais-valia para o Homem, pois define que todos nascem livres e com iguais direitos e dignidade, apesar de isso nem sempre ser respeitado.

Por um lado, existem países islâmicos, onde este primeiro artigo não é respeitado, principalmente em relação às mulheres. Estas sofrem à vista da população. O direito à educação é-lhes negado, existem casamentos arranjados que vão contra os ideais da mulher que, demasiadas vezes, é ainda uma criança quando exposta a estas situações.

Um exemplo de uma situação recente é aquela pela qual Malala Yousafzai passou por querer defender algo tão básico como o direito à educação. Esta manteve a sua opinião, protegeu-a, e os homens do seu país consideraram-na infiel à cultura do seu país, dando-lhe um tiro, do qual Malala, mais tarde, recuperou para continuar a defender a sua ideia inicial.

Por outro lado, existem já países que respeitam parcialmente a existência de igualdade de direitos entre homens e mulheres, como Portugal ou EUA. Um bom exemplo desta situação é o surto de feminismo que ocorreu neste último ano, levando até celebridades a apoiar esta causa como, por exemplo, Emma Watson, com a sua campanha *HeForShe* que defende os direitos da mulher e a igualdade entre sexos.

Em suma, ainda que o primeiro artigo da Declaração Universal não seja respeitado uniformemente, penso que o mundo está num bom caminho para melhorar esta desigualdade e que, um dia, todos terão os mesmos direitos.

Texto 19: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Pedro Paiva, nº22, 10ºC
Data de emissão: dezembro 2014

A igualdade dos seres humanos é um tema polémico, pois apesar de ser um direito de todos, por vezes, esse direito não é cumprido.

Na minha opinião, a igualdade dos seres humanos tem sido cada vez mais respeitada ao longo dos tempos. A evolução do Homem, o aumento da sua capacidade de argumentação e outros fatores que têm vindo a ser adquiridos facilitam o entendimento dos Direitos Humanos e, conseqüentemente, o seu cumprimento. Cada vez mais, são

criadas fundações que ajudam as pessoas com piores condições de vida, de modo a que estas possam usufruir de algo que os países mais desenvolvidos tomam por garantido como a água, a escolaridade, tudo o que todos devem ter. A abolição da escravatura também é outro exemplo do melhor cumprimento dos Direitos Humanos, ao longo do tempo, algo que noutras épocas era perfeitamente normal, e, atualmente, é um ato punível e ilegal.

No entanto, esses direitos continuam a ser quebrados por pessoas que lucram com atividades que tratam humanos como objetos, como o caso da escravatura e tráfico humano. Na maior parte das vezes, as vítimas dessas atividades são consideradas, pelos criminosos que as praticam, de raça inferior, um sinal de que o espírito de fraternidade idealizado pelos Direitos Humanos ainda não é cumprido, pois atinge muitas pessoas, por vezes nações inteiras.

Concluindo, a igualdade humana é mais que um direito, é um dever de todos, e não só de alguns, mas que ainda tem um longo caminho pela frente para ultrapassar certas mentalidades e preconceitos que a contrariam.

Texto 20 NÃO SOU UM DANTAS!, Miguel Silva, nº14, 12ºC
Data de emissão: janeiro 2015

Parecia um maluquinho! À primeira vista, parecia um ser merecedor de um Cartão VIP de um manicómio. Devido às companhias do momento, fui obrigado a uma comunicação para além do simples olhar, que tanto desejava.

Assim que ele me cumprimentou, surgiu-me uma incerteza sobre a sua maluquice. Mas, fruto do hábito, mantive a minha opinião: este homem é completamente louco. Foi neste contexto que o conheci e após alguns diálogos com ele, comecei a ver o mundo sob a perspetiva do maluquinho. Tive vergonha e guardei esta aproximação para mim. Os aristocratas passaram a ser os "tios da Foz", os colarinhos brancos passaram a ser a gente fútil que passeia pelos corredores dos *shoppings*, todos os fins de semana... Já os Dantas ... Bem, os Dantas passaram a ser pessoas como eu... críticas, furiosas e genuínas, que pensam desvendar a mente de tudo e de todos, sem nunca, sequer, tentarem compreender o caminho que, nas sinapses alheias, tomam.

No entanto, abalado e devastado pelas críticas dos Dantas, Fernando Pessoa mostrou-me três formas de entender o mundo, havendo ainda muitas mais para mostrar. Mas este encontro, embora eterno, acabou por se tornar demasiadamente curto.

Este cruzamento com o maluquinho, tornou-me menos Dantas... Dele saí com o gosto pelo que é "louco", pelo que vos convido a provar um pouco da sua loucura e se não o fizerem, não julguem quem o faz, quem o é! Sem nada mais a acrescentar parto para a descoberta dos próximos maluquinhos... Hup lá, hup lá! Eh... ho-o-o-o-o!

Texto 21: O QUE FAZ RIR UNS, REVOLTA OUTROS, Carolina Biscaia, nº4, 10ºA
Data de emissão: janeiro 2015

Hoje em dia, nas redes sociais, circulam notícias que nos tornam felizes, mas outras são revoltantes, como aquela que vou referir.

Efetivamente, a notícia que mereceu a minha atenção revoltou-me de tal maneira que a violência, atitude com a qual discordo, surge-me como a única solução. Deparei com um vídeo que continha uma das maiores anormalidades do mundo: jovens matavam um cachorrinho, utilizando o fogo. Não consigo retirar esta imagem da minha cabeça. Os risos dos jovens e a diversão com que eles cometiam tal atrocidade deram-me vontade de lhes fazer o mesmo ou ainda pior. Pergunto-me como será possível maltratar, magoar ou até matar animais tão dóceis como os cães? Não sei quem cometeu tal ato tão vil nem de onde eram aqueles jovens. Só sei que via alguém a matar um ser indefeso como se se tratasse do jogo mais divertido do mundo. Crueldade pura!

Entretanto, as leis portuguesas contra os maus tratos a animais de companhia são, de certa forma, insultantes e revoltam-me, pois os castigos aplicados às pessoas que infringem a lei são demasiado leves, sendo facilmente esquecidos.

Por isso, a partir do momento em que eu veja alguém a maltratar um animal, divertindo-se, tudo farei para que tal ato não fique impune. Seria bom que todos nós uníssemos esforços para que a vida dos animais fosse protegida e que quem não respeitasse os direitos destes seres vivos fosse severamente punido.

Texto 22: O SORRISO DAQUELA SENHORA, Inês Morais, nº10, 10ª
Data de emissão: janeiro 2015

Todos os anos, na época natalícia, nos maiores supermercados, fazem-se recolhas de alimentos para entregar a famílias carenciadas. Certamente, todos nós já fomos abordados, à entrada de uma destas superfícies, por pessoas de camisola branca e com sacos vazios nas mãos, que solicitam a nossa colaboração.

E eu questiono-me: porque será que estas pessoas andam aqui, de um lado para o outro, dispondo do seu tempo e, muitas vezes, sendo mal-tratadas por pessoas tão pouco altruístas, indiferentes a estes apelos? Reparo que, todos os anos, uma senhora reformada, já idosa, se dedica a esta recolha. Porquê? Porque, simplesmente, lhe dá prazer e lhe proporciona experiências que só poderia ter desta forma? Vejo-a, enrugada e curvada, mas sempre sorridente e de cabeça levantada. Cumprimenta todas as pessoas que entram no supermercado e oferece os tais sacos. O estranho é que, mesmo que ao princípio as pessoas resmunguem ou a tratem com indiferença, no fim, quando regressam, devolvem os sacos que ela lhes tinha disponibilizado, mas com uma diferença: repletos de comida e, em certos casos, de brinquedos. E eu olho, observo, vejo e penso. É uma senhora realmente peculiar. Será por pena, como a expressão de um pedido de desculpas, por compaixão? Qual é o motivo que leva estas pessoas a receber estes sacos vazios e regressarem com eles cheios, prontos a devolvê-los? Então eu, numa missão de descoberta do tal segredo, entro no supermercado pelo lado em que se encontra a tal senhora. Ei-la, sempre enrugada, sempre curvada, sempre de cabeça levantada e com um sorriso na face. Sempre.

E percebo. Esta visão é realmente mágica. Não são as doces palavras que ela pronuncia ou o recurso ao tradicional discurso das pessoas que cumprem essa missão, nem tão pouco a perseguição que todos os clientes odeiam. Esta visão vale mais de que todas as palavras ou qualquer correria. Tenho à minha frente uma mulher feliz, bafejada para ajudar o outro e que partilha o seu entusiasmo, apesar de enrugada e curvada. Esta imagem faz com que o olhar das pessoas que se cruzam com ela brilhe. É esse o segredo. Aquele sorriso, aquela sensação de acolhimento e de fraternidade, apesar da vida. Tudo isso move as pessoas que regressam com sacos cheios, sorrindo também e com um intenso olhar de generosidade.

Uma valiosa lição. Tudo com o olhar e com a visão da senhora enrugada e curvada pela vida, mas sempre sorridente, amiga e de cabeça erguida. Entrei no supermercado com um saco vazio na mão...

Texto 23: NÃO SE DEVE FAZER TROÇA DE NINGUÉM, Tatiana Borges, nº18, 7ª
Data de emissão: janeiro 2015

Tudo aconteceu naquele dia de inverno na tarde em que a minha irmã chegou a casa a chorar e a dizer que tinham feito troça dela na escola primária. Nessa altura eu tinha 3 anos e ela 6. Quando ouvi a minha irmã Alexandra a dizer à minha mãe que lhe tinham chamado gorda, eu fiquei muito triste e muito desapontada com quem lhe disse isso, porque nunca se deve fazer troça de ninguém.

Depois a minha mãe ensinou-me, a mim e à minha irmã, que não devemos fazer aos outros o que não gostamos que nos façam a nós. A partir desse dia nunca mais chamei, nem nunca mais vou chamar "nomes" a ninguém.

Texto 24: TRABALHO DE GRUPO DO 7º C
Data de emissão: novembro 2014



Acenda a sua paixão e dê-nos a mão!

Não maltrate nem abandone o seu animal, pois vai fazê-lo sofrer! Se não conseguir cuidar mais dele, entregue-o na União Zoófila.

Contudo, se ainda não tem um fiel companheiro e gostaria de ter, então, adote um. Mas faça-o com responsabilidade. Trate-o bem, porque, além de se tornar seu amigo, ele irá proteger a sua casa e fará o seu filho descolar-se do PC ou do Tablet.



Seja solidário! Não abandone! Faça um animal feliz!

Diga não a este nosso mundo cão e resgate-os da solidão!

Texto 25: ANÚNCIO, Margarida Fonseca, nº19, 7ºA
Data de emissão: novembro 2014



Se a floresta preservar, o planeta irá ajudar!

As árvores possuem oxigénio e, sem ele, não conseguimos viver. A saúde das árvores é a nossa saúde, por isso evite a desflorestação!

Texto 26: NOTÍCIA FICTÍCIA: IDOSAS ESCAPAM A TOUROS, João Almeida, nº15, 9ºB Vocacional

Data de emissão: novembro 2014

Na sexta-feira passada, duas idosas, ambas de 60 anos, conseguiram escapar, com sucesso, a dois touros-bravos, à solta, numa herdade, em Montemor-o-Novo.

Zeferina Abigaíl da Cunha e Antonieta das Neves faziam a sua sesta debaixo de um chaparro, quando, de repente, acordaram sobressaltadas com sons fortes e estranhos que se aproximavam. Logo avistaram dois touros bravos enraivecidos e, aterrorizadas, viram-se obrigadas a fugir desesperadamente para cima da árvore.

Os animais, esfomeados, devido à falta de pasto na ganadaria a que pertenciam, conseguiram partir a cerca e puseram-se em fuga.

Alertada por testemunhas locais, a GNR compareceu no local duas horas depois. A mesma entrou, de imediato, em contacto com o proprietário dos animais, que logo disponibilizou uma manada de vacas para irem buscar os touros. Depois ofereceu os melhores tratamentos às vítimas. Além disso, proporcionou-lhes uma futura ida a uma tourada.

A GNR afirmou que as duas idosas “percorreram o Vale da Sombra da Morte” e que terem sobrevivido “foi um golpe de sorte”.

Texto 27: A AMIZADE, Daniel Cruz, nº6, 7ºE

Data de emissão: janeiro 2015

Tudo aconteceu num dia de verão, o calor era intenso, a minha cabeça parecia estar a fumar.

Estavam dois amigos a chutar pedras e de repente, um deles, chamado João, acertou no vidro do carro do Sr. Alberto.

-Ora bolas! -disse o João.

Num abrir e fechar de olhos, o Sr. Alberto foi atrás da pessoa errada até porque o João já tinha fugido.

-Que belo amigo! – pensou o rapaz.

E quando ia começar a correr para fugir do Sr. Alberto, tropeçou e bateu com a cabeça no chão. O impacto foi tal que teve de ir para o hospital.

Quando o João soube disto, foi logo visitá-lo ao hospital, mas não tinha ido a tempo, o seu amigo já tinha morrido.

-Não me acredito! Por minha causa ele morreu, por minha causa os pais deles choram pelo filho, vou ficar com esta culpa para toda a vida! – pensou o rapaz.

Não devemos mentir e abandonar os amigos.

Texto 28: AMIZADE, Maria Beatriz Pinto, nº13, 7ºE

Data de emissão: janeiro 2015

Tudo aconteceu, naquele dia de inverno, em frente a minha casa. Eu e a minha irmã estávamos a jogar a bola e apareceu lá uma rapariga. Essa rapariga queria jogar a bola comigo e com a minha irmã. Ela perguntou-me se podia, eu disse-lhe que sim, só que a minha irmã não queria e, então, foi-se embora.

Essa rapariga ficou muito triste, pois nunca ninguém queria estar com ela. Eu disse-lhe para esperar um bocado, porque ia falar com a minha irmã. Cheguei ao pé da minha irmã e disse-lhe que ela tinha sido muito má para ela e que, se fosse ao contrário, ela também não iria gostar. Ela, no final, arrependeu-se do que tinha feito e veio para a nossa beira. Pediu desculpa e disse que nunca mais iria voltar a fazer o que tinha feito, a ninguém. A partir desse dia, ela ficou a saber que a amizade é muito importante e que devemos tratar bem as pessoas, pois nós também gostamos que tratem bem de nós.

Texto 29: INFÂNCIA, Margarida Freitas, nº18, 9ºE
Data de emissão: janeiro 2015

Infância... não tenho muito para dizer sobre a minha infância. Nunca aconteceu nada de muito importante, mas quem é que não se lembra do primeiro dia de aulas na escola primária? Não recordo esse dia como sendo positivo, mas sim os que vêm a seguir.

Tinha apenas cinco anos. A minha mãe acordou-me à pressa, não podia chegar atrasada no primeiro dia! Era uma escola perto de minha casa, em cinco minutos chegava lá a pé (os meus pais nunca tiveram carro), mas eu não queria ir. Tinha andado no Porto, no centro, onde cresci. Apesar de viver naquela casa há quatro anos e já saber onde estavam os copos, as toalhas, e muito mais, não conhecia ninguém daquela zona.

Era uma altura complicada, a mãe da minha mãe (minha avó) morrera há pouco tempo, o meu pai estava a trabalhar na Holanda, e a minha mãe estava grávida. Não era definitivamente a melhor situação. Mas o que é que eu podia fazer? O que é que a minha mãe podia fazer?

Sáímos de casa e fomos em direção à escola. Tão perto e tão longe de mim! Nunca tinha ido lá antes. A minha mãe despediu-se rapidamente com um beijo, tinha de ir trabalhar!

Entrei...era tudo novo. As pessoas riam alto, o edifício tinha um grande recreio à volta, o cheiro enjoava-me, pois fazia-me lembrar que estava agora na escola.

Conhecemos os funcionários, a escola, o professor, os colegas... Todos se pareciam conhecer há tempos intermináveis, principalmente os alunos da minha turma. Eu parecia de outro mundo, outra dimensão, pois estava sozinha entre tantos grupos de amigos (nunca fui muito social nem comunicativa).

Foi assim todos os dias, consecutivamente. Eu era uma criança e tinha de passar por tanta coisa ao mesmo tempo.

Todos os dias me apetecia chorar e voltar a correr para os braços da minha mãe. Mas não podia. Era muito tímida e escondia-me na casa de banho quando olhavam para mim.

Até que um dia, alguém caminhou para mim e disse: "Olá! Queres ser minha amiga?". O meu coração brilhou de alegria. Parece estranho, mas foi um dia muito importante para mim.

Podia contar a história da minha primeira ida de férias, mas escolhi este dia. Tudo pelo que passei, como criança, durante estes dias, tornou-me mais forte e corajosa, e agora determinada e confiante.

Às vezes, o mais insignificante pode ser muito importante.

Texto 30: NÓS E A MEMÓRIA, Elisa Silva, nº7, 12ºA
Data de emissão: janeiro 2015

A memória é algo que procura salvar o passado para servir o presente e o futuro, isto é, a memória recorda-nos de experiências vividas e faz com que elas sejam úteis no presente e, eventualmente, para o dia de amanhã.

Sem a memória, ou a capacidade de armazenar factos importantes em todos os sentidos da vida, o mundo e as pessoas seriam um vazio. Não existiria História, nem sociedade.

Como saberíamos o que é o presente? O futuro? Ou o passado? Como saberíamos a identidade de alguém, de uma sociedade ou até a nossa própria identidade?

É a memória que assegura a nossa identidade pessoal.

Sem ela nunca chegaríamos a entender o que é moralmente justo e viveríamos apenas da estética, das emoções e dos sentidos. Acrescentando que, deixaríamos de ser aquilo somos, aquilo que fomos e que gostaríamos de ser.

É devido à memória que nasceu a História, os nossos antepassados.

Há séculos, os portugueses escravizavam homens e mulheres de raças diferentes e foi uma memória coletiva que fez o homem chegar à conclusão que além de errado não é

ético, e fez com que tivesse criado uma lei que, no presente e no futuro, tem de ser cumprida por todos os cidadãos.

É preciso, assim, valorizar e preservar a nossa memória, pois esta é fundamental para na vida do Homem.

**Texto 31: A INFLUÊNCIA DOS "OUTROS" NA CONSTRUÇÃO DA VIDA HUMANA, Inês Ramalho, nº10, 12ºA
Data de emissão: janeiro 2015**

O ser humano é um ser inatamente social, condicionado pela rede de relações que estabelece com outros da mesma espécie. Os "outros" são determinantes para a construção da vida de cada um de nós e para o nosso crescimento a diversos níveis.

O Homem é deveras interessante. Como se observa no reino animal, quando um ser recém-nascido é abandonado pelos da sua espécie e deixa de ter contacto com a mesma, ele não deixa de desenvolver todas as características da espécie, ou seja, não necessita desse contacto para desenvolver os mesmos comportamentos dos do seu género. Se o mesmo acontecer com um bebé recém-nascido verifica-se algo extremamente diferente. Já aconteceu tal ter sucedido a duas irmãs, Amala e Kamala, encontradas na Índia no ano de 1920 (apesar de ser um caso um pouco controverso relacionado com a veracidade de alguns factos), que poucos comportamentos humanos apresentavam. Não andavam normalmente, utilizavam também as mãos para tal, apenas emitiam sons, entre outras situações. Este é, sem dúvida, um exemplo muito drástico que comprova que só em sociedade o Homem se constrói, porém bastante elucidativo da importância da presença dos "outros" na construção da vida humana.

Nas sociedades atuais, existem valores fundamentais, porém todas as sociedades possuem alguns valores diferentes e a importância de cada um difere de cultura para cultura. Apesar de cada um de nós ter a capacidade de refletir sobre o que é certo ou errado e o incrível acesso à informação que hoje está ao nosso dispor nos permitir ter uma mente mais aberta e uma ideia dos valores de outras culturas, muitos dos valores que possuímos são-nos transmitidos pela nossa sociedade (pais, amigos, políticos,...) e, muitas vezes, aceitamo-los sem nos questionarmos sobre eles, o que é compreensível.

Por exemplo, muitas mulheres árabes aceitam o vestuário que lhes é impingido e o facto de os homens poderem ter mais do que uma mulher, pois essa é a realidade e a cultura que sempre conheceram, enquanto para a cultura ocidental isso é estranho e desrespeitoso, para com as mulheres. Assim, a nossa pirâmide de valores e todas as ações que temos (sempre relacionadas com essa pirâmide) dependem intensamente da nossa relação com a sociedade.

Concluindo, não há como negar que o Homem estabelece uma rede enorme de relações com os outros que não se pode cortar, pois, dessa forma, não seria Homem.

**Texto 32: A SALA DE ESPERA DOS ADULTOS, Pedro Moço, nº12, 10ºD
Data de edição: dezembro 2014**

A infância constitui um período introdutório às responsabilidades da vida adulta.

Primeiramente, é nesta idade que se principia a desenvolver a maioria dos sonhos de todos nós. Uma grande parte dos adultos exerce, ao longo da vida, uma profissão relacionada com um ideal ou um gosto iniciados mais cedo, alcançando a atividade profissional com que sempre sonhou. Uma excelente exemplificação é a do meu pai que, quando era mais novo, começou a apreciar circuitos eletrónicos. Na sua adolescência, intensificou essa mesma preferência e, atualmente, trabalha numa empresa relacionada com aparelhos eletrónicos.

Outro aspeto a referir é que é na infância que se começa a observar e analisar o Mundo de uma forma aberta. Nessa altura, temos a esperança de, se sonharmos, podermos vir a realizar os nossos anseios. Muitas vezes, ignoramos as maldades que acontecem e as boas ações prevalecem. Esta crença na vida confere um impulso enorme

à nossa vontade de ser, fazer e existir. Infelizmente, ao longo da adolescência, o otimismo tende a diminuir. No entanto, se persistirmos em alcançar os nossos desejos, através de força de vontade e trabalho, poderemos viver realizados e felizes, ao descobrirmos o verdadeiro sentido da vida.

Concluindo, a infância é a sala de espera da idade adulta.

Texto 33: A IDADE DA INFÂNCIA, Alex Leites, nº1, 10ºF
Data de edição: dezembro 2014

Na minha opinião, a infância é um período fundamental, que funciona como preparação para a vida adulta, podendo ser uma fase de amargura ou felicidade.

Por um lado, há situações terríveis de exploração da infância, um pouco por todo o mundo. Uma criança, submetida a uma situação de trabalho infantil, não vive esse momento da sua vida com a liberdade e inocência que lhe estão associadas. Na verdade, este problema origina uma maturidade forçada e precoce, que não a deixará ser feliz. Na idade adulta, esta pessoa sentir-se-á angustiada e frustrada.

Por outro lado, há crianças a quem é facultada uma infância feliz e repleta de oportunidades, tendo a possibilidade de crescer num ambiente seguro, saudável e calmo. Essas crianças têm o ensejo de ir à escola, aprender e conviver, com os colegas e professores. A família será sempre a âncora mais forte, na medida em que todas as recordações irão, certamente, beneficiar ou prejudicar a vida adulta.

Em suma, a infância pode ser uma época de tristeza ou felicidade, consoante o caminho percorrido, nos primeiros anos de crescimento, enquanto não somos responsáveis para tomar as nossas próprias decisões.

Texto 34: IMPORTÂNCIA DE UMA INFÂNCIA FELIZ, Sandra Macedo, nº 31, 10ºF
Data de edição: dezembro 2014

A infância é uma preparação para a vida adulta, pois é neste período da vida que construímos os nossos conhecimentos e criamos a nossa personalidade.

Uma infância feliz é meio caminho andado para termos uma visão positiva do mundo. No entanto, há que pensar que nem todas as infâncias são felizes. Por exemplo, as crianças que crescem rodeadas de conflitos, zangas e violência, mais tarde, poderão tornar-se adultos violentos e marginais, pois foi o exemplo que tiveram, durante a sua infância e crescimento. Por outro lado, as crianças com uma infância feliz e um bom acompanhamento familiar e escolar serão, no futuro, pessoas bem formadas, capazes de distinguir o bem do mal. Nesta formação dos primeiros anos de vida, é de salientar que as escolas têm um papel fundamental, pois é no ambiente escolar que as crianças começam a aprender a ler e a escrever e assimilam as primeiras regras da vida em sociedade. Há, no entanto, exceções. Por vezes, crianças que foram infelizes e mal tratadas tornam-se grandes homens, no futuro.

Em conclusão, podemos dizer que, de uma maneira geral, todas as crianças que têm uma infância feliz, que são bem acompanhadas e educadas, a nível familiar e escolar, tornar-se-ão adultos responsáveis e felizes.

Texto 35: A INFÂNCIA, Ana Catarina Cunha, nº2, 10ºF
Data de edição: dezembro 2014

A infância é a época mais importante na vida de um ser humano. Aquilo que as pessoas ensinam, dizem ou fazem às crianças vai ser crucial para o seu futuro.

Conseguimos perceber se uma pessoa teve uma boa ou má infância. Por exemplo, uma pessoa alegre, trabalhadora, dedicada e divertida, provavelmente teve todo o apoio parental que precisava e uma infância plena de vida. Contudo, uma pessoa introvertida,

aborrecida e arrogante, provavelmente teve uma infância menos alegre, às vezes sem figura parental, ou até com problemas muito graves.

Tudo aquilo que nos ensinam, quando somos crianças, é muito importante para o futuro. Uma criança nasce e não sabe absolutamente nada. Vai, então, aprender tudo de novo. Está comprovado que uma criança aprende mais, se for motivada. Mas, para um adulto, que já aprendeu a viver de um certo modo, vai ser mais difícil aprender algo diferente, totalmente novo. Por exemplo, isso acontece com a língua. Uma criança, durante a sua infância, ouve os parentes a falar uma só língua, no nosso país, o Português. Ao crescer, essa criança irá aprender outras línguas, como o Inglês, o Francês, o Espanhol ou o Alemão. No meu caso, que sei duas línguas, além do Português, se quisesse ensinar um pouco das mesmas aos meus pais e avós, eles iriam ter mais dificuldades em absorver essas novas línguas do que eu.

Concluindo, a infância é crucial para a para a formação do jovem e a sua vida futura, enquanto cidadão. O que se aprende, durante esse curto período de tempo, vai ajudar a construir todo um futuro pessoal e profissional.

Texto 36: PERCURSO DE INFÂNCIA, Francisca Pereira, nº15, 10ºE **Data de edição: dezembro 2014**

A infância é a fase mais interessante da nossa vida, pois temos imensa curiosidade em relação à descoberta de novas realidades, como falar e andar, bem como de novas maneiras de pensar, agir e viver.

A infância constitui a fase mais divertida e determinante da vida. É nesta época que dizemos a primeira palavra e damos os primeiros passos. É igualmente nesta época que temos menos preocupações. Não temos de pensar em testes ou em trabalho, como os adultos. Chegamos a casa e é só comer, ir para a cama, e, no dia seguinte, acordamos ansiosos por ir para o infantário e conviver com os amigos.

Nesta fase, é essencial interagirmos com as pessoas à nossa volta. Os pais podem partilhar connosco experiências, podem-nos explicar como é o mundo lá fora, como ser independentes, ou seja, prepararem-nos para a vida em adulto. Mas, à medida que vamos crescendo e nos tornamos adolescentes, temos de principiar a seguir o nosso próprio rumo. Cada vez temos de ser mais responsáveis e autónomos, pois necessitamos de estudar e empenhar-nos mais, para um dia conseguirmos arranjar um emprego e ter um futuro pessoal e profissional estável.

Concluindo, a infância pode ser uma fase divertida, mas é também a mais determinante, pois é nela que começa a preparação para a nossa vida adulta. Por isso, os percursos de infância condicionam todo o nosso desenvolvimento e a forma como vivemos em sociedade.

Texto 37: INFÂNCIA, Sofia Ribeiro, nº10, 10ºF **Data de edição: dezembro 2014**

Ao longo dos séculos, o conceito de infância adquiriu diversos significados. Hoje, é visto como uma idade feliz de ver o mundo e de preparação para a fase adulta.

A infância pode ser definida como uma fase de perceção e conhecimento do mundo, através dos sentidos. Ser plenamente criança significa brincar, correr, cantar, acompanhado por adultos responsáveis, que orientam na formação para a vida adulta. Embora esta fase seja caracterizada pela ingenuidade, simplicidade e inocência, no século XXI essa perceção da infância não existe em todo o mundo.

Infelizmente, existem vários países, como é o caso de muitas regiões africanas, onde as crianças são consideradas mão-de-obra barata ou seres desprovidos de quaisquer direitos. Tais factos são-nos dados a conhecer através de histórias verídicas, como, por exemplo, a de Malala. Esta jovem, de apenas dezassete anos, a quem foi recentemente atribuído o Nobel da Paz, lutou para defender os direitos humanos básicos e o acesso à educação das crianças da sua região e acabou baleada por talibãs, ao lutar pelas causas

em que acreditava. Em muitos locais, as crianças são sujeitas a trabalhos árduos, de sol a sol, sem receberem salário e em condições precárias. Além disso, as redes de prostituição infantil continuam a existir, juntamente com muitas outras situações criminosas de exploração de menores, utilizadas como forma de aproveitamento pessoal e de enriquecimento ilícito.

Por isso, podemos concluir que não basta ser criança para ter infância, pois os mais pequenos estão sujeitos a diferentes condições, em todo o mundo.

Texto 38: A IDADE DA INFÂNCIA, Ricardo Dias, nº 29, 10ºF
Data de edição: dezembro 2014

A infância é uma idade marcante na vida de qualquer ser humano, por ser uma época de formação da personalidade e de conhecimentos, correspondendo a uma etapa de desenvolvimento físico e psicológico.

Na infância tudo é colorido, engraçado e divertido. As crianças revelam-se inocentes, genuínas, divertidas e extravagantes. Observam tudo o que as rodeia e não são cruéis, mas sinceras e verdadeiras. A infância é um período de preparação para a vida adulta. Por isso, é importante que os pais acompanhem e apoiem os filhos neste período, transmitindo-lhes valores e conceitos, sobre o que é correto ou não, bem como a importância de saber viver em comunidade. Se as crianças forem devidamente orientadas pelos pais, aprendem a respeitar as opiniões dos outros e a interagir, partilhar, ajudar, apoiar e a comunicar corretamente.

Todavia, por motivos profissionais, alguns pais dedicam pouco tempo aos seus filhos, colocando a sua carreira à frente da família. Esses pais tentam colmatar a ausência e falta de apoio aos filhos, "comprando-os" com brinquedos, roupas de marca, computadores e telemóveis. Tudo isto faz com que as crianças se tornem adultos egoístas, revoltados, inseguros, com dificuldades em interagir com os outros. Mais tarde, alguns tornar-se-ão um espelho daquilo que os seus pais foram, dedicando-se, exclusivamente, ao trabalho e a interesses materiais. Outros poderão enveredar por maus caminhos, como o consumo de drogas ou a prostituição.

Concluo, afirmando que o apoio e acompanhamento dos pais constituem o alicerce mais importante do crescimento de qualquer criança. É necessário que os pais nunca se esqueçam que poucos, mas bons minutos diários com os seus filhos são essenciais, para que estes se possam tornar adultos capazes de reagir, de uma forma positiva, a tudo com que se possam deparar na vida.

Texto 39: O VALOR DA IGUALDADE, Tamaris Gomes, nº18, 11ºD
Data de edição: dezembro 2014

O valor que considero mais importante para a vida do Homem em sociedade, no século XXI, é o da igualdade. Acho este valor importantíssimo e creio que qualquer bom cidadão deverá defender a igualdade.

Como podemos viver num mundo onde a igualdade não é inteiramente cumprida? Embora nem todos a defendam, a igualdade é um valor moral, que todos devemos ter, quer pelo respeito pelos outros, quer pela vontade de sermos respeitados. Para além disso, existindo igualdade, haverá uma maior justiça no mundo e maior solidariedade, paz e equilíbrio na convivência interpessoal.

Atualmente, alguns países continuam a não defender, por exemplo, a igualdade entre as mulheres e os homens, como é o caso de muitos países árabes, onde as mulheres são desvalorizadas e têm menos direitos do que os homens. No entanto, em muitos países existe igualdade e justiça e homens e mulheres, de diferentes etnias, orientações sexuais e crenças, são tratados equitativamente.

Concluindo, embora em alguns países a luta contra a desigualdade ainda nem sequer tenha principiado, podemos ter esperança, pois, em muitos locais do mundo, as diferenças começam a ter um peso cada vez menor, através do respeito mútuo. É certo

que esta batalha pela igualdade durará muitos anos, talvez até séculos. Para essa mudança, será preciso a consciencialização de que cada um de nós pode fazer a diferença, a fim de alcançar um mundo melhor.

Texto 40: A IMPORTÂNCIA DA IGUALDADE, Cláudia Santos, nº5, 11ºD
Data de edição: dezembro 2014

Ao longo dos séculos, os valores da vida em sociedade têm mudado, conforme as necessidades. No entanto, há valores, como a igualdade, que estão esquecidos.

A igualdade é fundamental para a vida social. Não considero que seja um valor em falta no mundo, mas é um valor que parece não ter evoluído com o ser humano. A igualdade é fundamental, uma vez que vivemos num mundo repleto de diferentes povos e culturas. Generalizando ao meu país, considero que ainda não é aceite, de bom grado, ver uma pessoa de origem africana ou oriental a viver na nossa comunidade. Mas é algo com que nos temos de mentalizar, porque, cada vez mais, o nosso país recebe cidadãos de outros continentes e culturas.

Outro dos aspetos é a forma como tratamos as pessoas com uma orientação sexual diferente da nossa. A diferença já não é tão "mal aceite" como era há umas dezenas de anos atrás, mas continuam a existir aqueles que querem erradicar a homossexualidade do mundo, esquecendo que todos somos seres humanos.

Concluo, assim, que a igualdade é importante para todos e que ninguém deve ser tratado de forma diferente. Afinal, somos todos iguais, num mundo multicultural.

Texto 41: O VALOR DA VERDADE, Maria João Mendes, nº9, 11ºD
Data de edição: dezembro 2014

Nos nossos dias, para a construção de uma vida harmoniosa em sociedade, o valor mais importante a ter em consideração é a verdade. Não só a verdade que temos que ter para com os outros, mas também para connosco, pois a verdade é a chave de outros valores, como a honestidade e a integridade.

Em primeiro lugar, uma vida sem verdade, onde a mentira tem o papel central, é uma existência com falsidade, escuridão e amargura. Infelizmente, neste mundo, deparamo-nos, constantemente, com pessoas que ludibriam os outros. Reparemos no exemplo dos políticos que enganam a população com falsas promessas e miragens, acenando com o deslumbramento de um futuro risonho e promissor.

Em segundo lugar, se não formos verdadeiros para com os outros, não podemos esperar ações e atitudes verdadeiras como retorno. Normalmente, a mentira desencadeia todo um conjunto negativo de valores e atitudes, surgindo a desconfiança, a desonestidade e a falsidade. Tomemos, como exemplo, um casal de namorados. Esta relação não se poderá desenvolver sem existir verdade e confiança. O mesmo sucede em qualquer relação profissional, assente em trabalho colaborativo.

Concluo, destacando a importância da verdade como valor essencial nas relações sociais e profissionais, a fim de vivermos, autenticamente, em comunidade.

Texto 42: HUMANIDADE, Andreia Tavares, nº3, 11ºD
Data de edição: dezembro 2014

O Homem tem o poder de construir e tornar melhor o seu mundo, por isso os valores são fundamentais.

Muitas pessoas, em vez de serem felizes e honestas, revelam-se exatamente o contrário! Hoje em dia, os homens mostram-se gananciosos, tudo fazem por dinheiro. Todavia, esta mentalidade não traz a felicidade, a paz ou o amor. Pelo contrário, essa obsessão apenas leva a discussões e desavenças. Na atualidade, podemos observar muitos homens corruptos, pessoas que, para além de terem muito dinheiro, ainda

anseiam por mais e mais, apropriando-se do que é dos outros. Esta atitude de exploração do próximo observa-se com alguns políticos, por exemplo, que são descobertos e condenados por desviarem dinheiro e fundos recebidos da União Europeia. Ora, viver não significa enganar e roubar outras pessoas. Infelizmente, muitos homens não sabem viver em sociedade. Apesar de estarmos no século XXI e de todo o progresso e de tecnologias sofisticadas, as pessoas ainda não aprenderam a viver em conjunto.

A palavra mais forte e mais importante para a vida do homem é a entreatura, mas, infelizmente, a palavra mais utilizada, na atualidade, é a ganância.

Texto 43: O ALTRUÍSMO, Rui Silva, nº21, 11ºD

Data de edição: dezembro 2014

Na sociedade de hoje em dia, as novas tecnologias têm vindo a causar uma perda substancial de contacto humano entre as pessoas, o que provoca falta de altruísmo.

Com a velocidade a que vivemos, o ser humano tornou-se extremamente impaciente e cada vez mais egoísta. Todos querem apenas saber de si. A "lei" de Talião, olho por olho, dente por dente, que impera na sociedade do século XXI, tem trazido inúmeros problemas, um dos quais o agravamento de conflitos, que existem em praticamente em todo o mundo.

Todavia, os conflitos não existem apenas a nível global, mas também no recato do lar. Os relacionamentos estão cada vez menos ricos em matéria sentimental, daí ser egoistamente mais fácil, para a maior parte das pessoas, abandonar o seu parceiro, em vez de resolver os problemas quotidianos, em conjunto. A falta de altruísmo e de paciência, para aquilo que é de facto humano, conduz-nos a outro problema, advindo de um crescente materialismo: a falta de cultura. A começar pela televisão nacional portuguesa, onde a futilidade é promovida e apreciada pela maior parte dos cidadãos, que preferem escândalos ao que realmente importa: programas que aumentem a capacidade de conhecimento e pensamento.

Assim, não basta suportar a vida para sermos felizes ou realizados, porque, com essa atitude, não o vamos ser. Há que ser altruísta, olhar para o outro como igual e sorrir à vida, vivendo efetivamente, em vez de apenas sobreviver.

Texto 44: A IGUALDADE NO SÉCULO XXI, Lígia Caldeira, nº10, 11ºD

Data de edição: dezembro 2014

O valor que considero mais importante, no século XXI, para melhorar a vida do Homem em sociedade, é a igualdade.

Em primeiro lugar, para não haver injustiças, é necessário que toda a população seja tratada de modo equitativo e justo, com igualdade de género. Contudo, sabemos que nem sempre este valor é respeitado. Poderei dar, como exemplo, uma mulher que procura trabalho. Esta é, muitas vezes informada que o seu salário não irá ser igual a um homem, que desempenha exatamente as mesmas funções. Estas situações são profundamente injustas e desnecessárias, visto que todo o ser humano merece o mesmo respeito e apreço, pelo seu trabalho e valor.

Em segundo lugar, é essencial prevenir e, pouco a pouco, erradicar, o racismo e a xenofobia. Não há nenhum fundamento para menosprezar ou explorar outro homem, só porque este possui um tom de pele diferente, tem outra cultura ou religião. Nunca entenderei um indivíduo racista, que, mal vê alguém vestido com trajes muçulmanos, automaticamente deduz estar em presença de um terrorista. Não estaremos a generalizar injustamente? Todos nós somos de "carne e osso". Por isso, as diversas religiões e etnias têm de ser respeitadas e tratadas de igual forma, caso contrário nunca haverá paz e verdadeiro diálogo entre culturas.

Concluindo, penso que a igualdade é a base da convivência em sociedade. É fundamental aceitar as diferenças e, sobretudo, aprender com elas.

Texto 45: A SOLIDARIEDADE, Nuno Nunes, nº14, 11ºD
Data de edição: dezembro 2014

Na minha opinião, o valor mais importante, para vivermos em sociedade, no século XXI, é a solidariedade, pois devemos, sempre que podemos, ajudar os outros.

Não é apenas dar uma esmola a um pobre, o que é uma forma de solidariedade muito comum, mas, também, ajudar um colega com dúvidas numa disciplina, ou apoiar alguém com mais dificuldades num desporto, por exemplo, e ajudá-lo a melhorar. Felizmente, há pessoas, com mais possibilidades financeiras, que ajudam os mais necessitados, como o jogador David Beckham, que costuma auxiliar instituições de caridade. Um outro exemplo de solidariedade acontece quando é organizado um evento desportivo, um jogo de futebol, com um estádio cheio de pessoas. No final, as receitas revertem para associações que podem ajudar os mais desfavorecidos. Eu pude observar este exemplo no jogo de despedida do Deco, em que as receitas foram doadas a associações de caridade.

Concluindo, posso dizer que a solidariedade é um dos valores mais importantes da sociedade, pois podemos ser felizes ajudando os outros a sê-lo também.

Texto 46: O ILUSIONISMO DA MALÍCIA, Rita Couto, nº24, 9ºF
Data de edição: novembro 2014

O ser humano mais malévolo tem conseguido, durante alguns períodos da sua história, salientar-se perante tantos outros bem mais humildes, trabalhadores e empenhados, apenas com o objetivo de alcançar algo tão fútil, como seja uma réstia de poder ou voz de comando. Nada disto seria tão negativo se esse homem poderoso não se esquecesse dos valores da gratidão, da fraternidade, da solidariedade e do respeito pelos outros.

A ganância do poder, com fins lucrativos ou apenas pelo poder em si para subjugar os outros, acaba por magoar muitos dos que se submetem, podendo até ser considerada uma forma subtil de representação de uma hipocrisia, uma vez que muitos desses homens, que não distinguem o bem do mal chegam a pretender mascarar as coisas para confundirem os seus próximos.

Assim, todos ficam a pensar que aquele homem ganancioso poderá apenas ser determinado nos seus atos, o que é pura ilusão, pois a determinação de um homem leva-o para além de seus horizontes, enquanto a sua ganância só pode levá-lo à perdição.

Texto 47: UMA HISTÓRIA DE VIDA, Hugo Santos, nº7, 7ºE
Data de emissão: janeiro 2015

Esta história aconteceu quando eu tinha 9 anos e estava no 4º ano. Foi no início do ano escolar, na primária, na altura em que um menino novo de 12 anos entrou na nossa turma.

Era alto, um bocadinho gordo e tinha uma deficiência na perna esquerda, por isso mancava. Lembro-me de que todos os dias, os meus colegas e eu gozávamos com ele por ser assim. Quando chegou a época natalícia, esse menino mudou de escola por causa do nosso comportamento e nunca mais o vi.

Um ano mais tarde, enquanto jogava andebol, comecei a ter problemas físicos e nasceram-me dois papos nos joelhos. Durante algum tempo, não pude jogar e na escola era gozado pelos outros alunos.

Durante esse período, aprendi como era ser diferente, aprendi a mágoa, a desilusão e percebi a infelicidade desse menino.

XVII TORNEIOS DESPORTIVOS

INTERESCOLAS SECUNDÁRIAS DE MATOSINHOS

ABRIL 2015

BADMINTON

ESC. SEC. PADRÃO DA LÉGUIA

13

ANDEBOL

ESC. SEC. ABEL SALAZAR

13 E 14 MANHÃ

FUTSAL

NAVE PROF. COSTA PEREIRA

14 E 15 TARDE

VOLEIBOL

NAVE ILÍDIO RAMOS

14 TARDE E 15

BASQUETEBOL

ESC. SEC. J. GONÇALVES ZARCO

15 E 16 MANHÃ

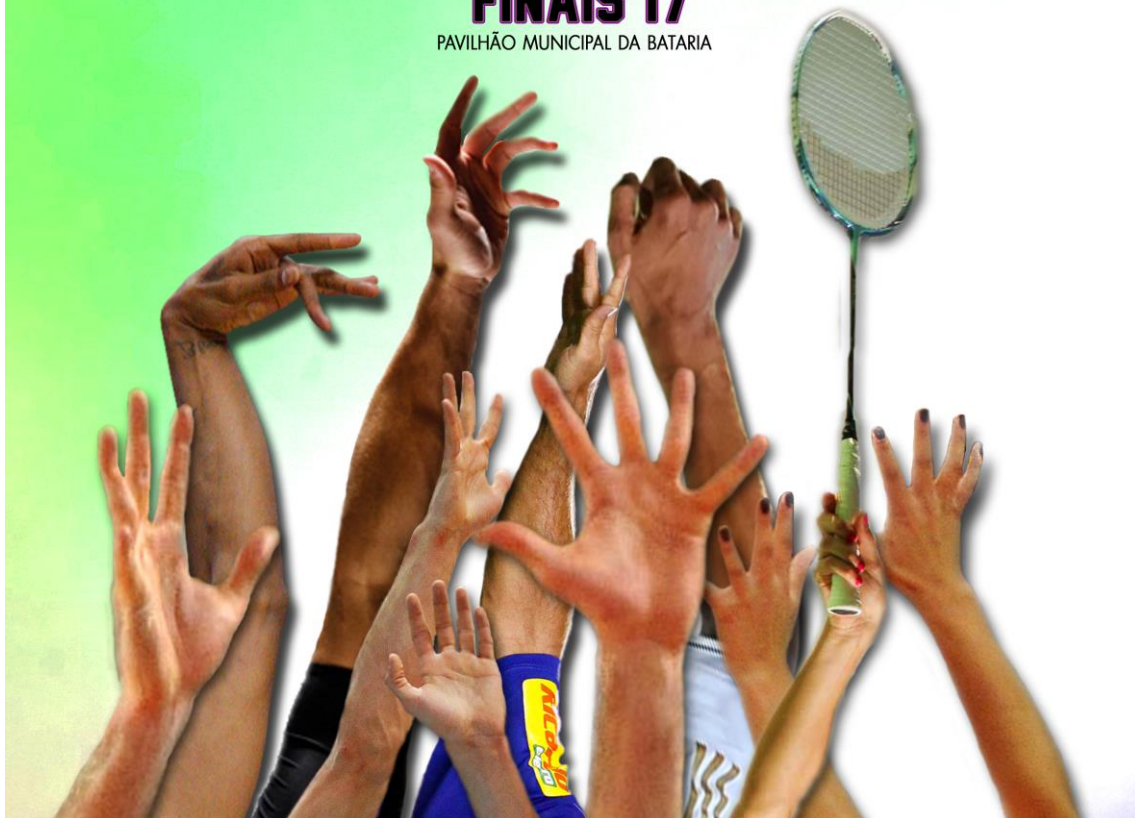
ATLETISMO

PAVILHÃO MUNICIPAL DA BATÁRIA

16 TARDE

FINAIS 17

PAVILHÃO MUNICIPAL DA BATÁRIA



**Concurso de Cartazes alusivos aos XVII Torneios Desportivos
Interescolares Secundárias do Concelho de Matosinhos
1º lugar - Inês Álvaro, EBSPL - AEPL**

Texto 48: IGUALDADE, Tiago Teixeira, nº20, 11ºD
Data de edição: dezembro 2014

O valor, que eu considero mais importante para a vida do homem, na sociedade atual, é a igualdade.

Considero a igualdade fulcral, pois ainda hoje existe o racismo. A título de exemplo, os africanos continuam a ser considerados, por muitos, uma raça inferior, perpetuando a injustiça da discriminação étnica. Por exemplo, há um ano, o dono dos LA Clippers (um clube de basquetebol norte-americano) não deixou a namorada tirar uma fotografia com um dos jogadores, só por ele ser africano. Em consequência, foi multado em mais de dois milhões de dólares, em virtude da sua atitude racista.

Outra razão, pela qual eu considero a igualdade o valor mais importante, é o facto de, ainda hoje, haver escravatura, algo que as pessoas pensam que já acabou. Infelizmente, está estimado que mais de 20 milhões de pessoas são vítimas de tráfico humano. Não há muito tempo atrás, foi desmantelada uma rede de tráfico humano, cujas vítimas, antes de seguirem para os seus destinos, passavam pelo nosso país.

Para concluir, eu considero a igualdade um valor importante, uma vez que somos todos seres humanos, e devemos olhar, uns para os outros, como iguais.

Texto 49: LIVRES E IGUAIS, Ana Moutinho, nº9, 10ºC
Data de emissão: janeiro 2015

Todas as pessoas existentes no Mundo nascem com o direito de serem livres e iguais, sendo estas premissas essenciais, mas tal coisa não acontece nos dias de hoje.

Atualmente a desigualdade entre seres humanos é um problema, que existe em demasia. Se uma pessoa tiver cor de pele diferente de outra, irá ser discriminada, se nascer numa determinada região, já terá direitos diferentes, se gostar de pessoas do mesmo sexo, a liberdade não existirá para elas. Um cidadão de raça negra e outro de raça branca, provavelmente o de raça branca irá mais longe na sua vida profissional do que o de raça negra. A desigualdade de géneros, por exemplo, acontece na maior parte do planeta, pois há mulheres que não têm direito à educação, não vão à escola, só por terem nascido raparigas. Um assunto mais recente demonstra-nos que os homens têm um salário mais elevado do que as mulheres, apenas por serem do sexo masculino.

Nos dias de hoje, em vez de as pessoas agirem umas com as outras, apenas agem para si próprias ou agem contra as outras, criando guerras e conflitos. Mas cada vez mais esta situação está a melhorar, pois estando um país inteiro em crise, as pessoas preocupam-se mais com os outros, na esperança que a crise melhore.

Concluo que concordo com 1º artigo transcrito da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pois todo o Homem tem o direito de ser livre, ser igual aos outros e ter a capacidade de pensar por si só.

Texto 50: DIREITOS HUMANOS, Ana Maria Freire, nº8, 10ºC
Data de emissão: janeiro 2015

Todo o ser humano deve ser igual em dignidade e ter os mesmos direitos, incluindo a liberdade e o poder de escolha, desde que não interfira negativamente e com o sentido de prejudicar outro, podendo assim viver em fraternidade com os seus semelhantes.

É essencial numa sociedade haver igualdade entre as pessoas, tanto a nível da religião, orientação sexual, sexo, cor de pele, não havendo assim discriminação ou a negação de alguns direitos, como por exemplo o bullying ou a desigualdade de géneros que são situações delicadas, que têm vindo a prejudicar o equilíbrio da sociedade já há longo tempo.

Devemos, então, agir com consciência e agir corretamente, porque ninguém tem o direito de perturbar o outro, nem de interferir na sua liberdade, pois se o fizer deverá ser levado à justiça e condenado pelos seus crimes.

Contudo, ainda existem países onde os direitos humanos não são respeitados, principalmente a igualdade entre gêneros, é o caso dos países árabes, onde as mulheres são vistas como "objetos", que só servem para ter filhos e para os criar. São privadas assim da educação e até são obrigadas a andar tapadas, só mostrando os olhos.

Em suma, os direitos humanos universais têm de ser cumpridos em todo o Mundo, sem exceções, para que possa existir equilíbrio na comunidade mundial.

Texto 51: SORTIDO DE GOSTOS, Catarina Alves, nº5, 8ºF
Data de emissão: janeiro 2015

Era uma vez três raparigas: a Ana, uma rapariga muito calma com belos cabelos loiros que parecem fios de ouro e com um estilo muito descontraído, a Carolina, muito tímida e reservada, de uma inteligência extrema e realmente chocante e a Sofia, uma autêntica rebelde, com cabelos tão pretos como o carvão e uma atitude forte. Eram todas diferentes e talvez por isso não se previa que viessem a ter uma boa química.

Um dia, estavam todas no pátio da escola quando chocam umas com as outras e os livros, que traziam na mão, espalham-se no chão, gerando uma enorme confusão. Ficam todas fulas umas com as outras e o ódio paira no ar criando um mau ambiente.

A partir daí, sempre que se encontravam, desprezavam-se e a cada dia a sua indiferença, umas para com as outras, aumentava. Certo dia, chegou uma nova aluna, uma rapariga – podemos dizer – extravagante. Ela tinha o cabelo todo às cores, até parecia que tinha acabado de engolir um arco-íris e o cabelo não era o único motivo, toda ela parecia uma salada de cores. Chamava-se Laura e rapidamente criou uma boa empatia com cada uma das raparigas.

Laura odiava vê-las aborrecidas e decidiu que tinha de pôr um ponto final nisso. Convidou-as a todas para uma festa de pijama em sua casa, ocultando a parte de que estariam lá todas. Por coincidência, chegaram as três ao mesmo tempo e angústia e desconforto não faltaram, mas a Laura conseguiu convencê-las a conversar e a descontraí-las. No fim descobriram que tinham coisas em comum e gostos iguais.

Nunca devemos julgar ninguém pela primeira impressão e dar sempre, a nós mesmos e aos outros, uma oportunidade para os conhecermos e nos darmos a conhecer.

Texto 52: NÃO SER VERDADEIRO, João Pereira, nº9, 7ºE
Data de emissão: janeiro 2015

Tudo aconteceu naquele dia de verão, no dia 2 de agosto de 2013, tinha eu 11 anos. Fui para casa do meu amigo Francisco, porque ele estava muito triste, por isso comecei a fazê-lo rir e ele ficou mais contente. Fomos os 2 jogar e ele com a bola partiu uma peça de vidro de que a sua mãe gostava muito.

Começou então a chorar e eu apoiei-o. Entretanto, chegou a sua mãe e perguntou-me porque estava ele a chorar e eu respondi que ele tinha partido a sua peça de vidro preferida. Ele levantou a cabeça e disse-lhe que eu é que a tinha partido, disse-me que eu tinha que a pagar, mas eu respondi-lhe que não tinha feito nada. A mãe do meu amigo não acreditou em mim.

Na minha opinião, o meu amigo não teve a coragem de ser verdadeiro, com a sua própria mãe, e perdeu a minha amizade.

Texto 53: SER AMIGO, Mafalda Miranda, nº12, 7ºE
Data de emissão: janeiro 2015

Tudo aconteceu naquele dia de primavera, na escola. Eu andava no quinto ano e tinha uma melhor amiga chamada "Sofia". A Sofia costumava meter-me em problemas, fazendo coisas como: usar o meu telemóvel ou a minha conta do facebook e pedir-me coisas emprestadas, que nunca devolvia. Nesse dia, ela queria que eu fosse a um quiosque ao pé da escola comprar gelados. Eu disse-lhe que não, porque não tinha trazido dinheiro. A Sofia, que sabia que eu morava perto da escola, disse-me para ir a casa buscar dinheiro do meu mealheiro. Eu estava a poupar o dinheiro para gastá-lo durante uma viagem que ia fazer com os escuteiros no verão. Então eu expliquei-lhe a situação, mas ela insistiu, dizendo que se eu fosse sua amiga pagava-lhe o gelado. Eu recusei outra vez e ela disse que já não éramos amigas.

No início fiquei triste porque não tinha mais amigos para além dela, mas depois, passado algum tempo, descobri os meus verdadeiros amigos.

Texto 54: OS DOIS MENDIGOS, Mariana Magalhães Ribeiro, nº14, 7ºE
Data de emissão: janeiro 2015

Naquele dia de inverno o frio apertava. O céu estava coberto de nuvens espessas e cinzentas e eu estava a fazer compras com os meus pais. À entrada das lojas costumavam estar sempre mendigos com vestes rasgadas e pobres e também havia ciganos com fotos de meninos na mão que estendiam a mão e pediam: «1 cêntimo, 1 cêntimo senhora...». Eu não sei distinguir se eles passam mesmo fome, ou se apenas queriam o dinheiro para outras coisas.

Estávamos a sair do "Pingo Doce", quando reparei numa senhora que dava dois pães a um mendigo. Ele agradeceu tanto que quase abraçava a senhora. Ia ainda o mendigo no início do pão, quando um senhor, cheio de fome, pobre e sem casa, lhe pediu um dos pães que ele segurava na mão. O mendigo estendeu o braço e sorriu-lhe. Comeram os dois aquele pão.

Como era pequena, talvez não tenha entendido aquela mensagem. Mas agora percebo-a: por vezes, quem tem pouco é quem mais partilha.

Texto 55: O MEU FUTSAL, Nádía Santos, nº16, Vocacional C
Data de emissão: janeiro 2015

É através das nossas falhas que mostramos o que somos, não umas falhadas, mas sim lutadoras. Lutamos pelo que mais queremos: vencer.

Sempre aprendi a ter amor ao que me dão e a vida deu-me o Futsal, mas mais que um desporto é uma paixão. Ninguém sabe definir o amor que tenho à camisola que visto, o amor que tenho por fazer o que faço dentro daquelas quatro linhas.

É um orgulho carregar o símbolo que carrego ao peito. Perdemos batalhas, mas não a guerra. Eu acredito que desistir é para os fracos e nós não somos disso. Aliás, um dos nossos lemas é acreditar e não desistir. "Até as grandes equipas caem": pura verdade, cada vez acredito mais nisso, mas é nessas alturas que devemos unir-nos e juntar forças para continuar. Recomeçar do zero é bom, faz com que não repitamos os mesmos erros.

Não é fácil lidar com insultos, lidar com as "pedras que nos atiram", mas nós sabemos ser superiores.

**"O desporto tem o poder de superar velhas divisões
e criar o laço de aspirações comuns."**

Nelson Mandela (Discurso, 1996)

XVII TORNEIOS DESPORTIVOS

INTER-ESCOLAS SECUNDÁRIAS

MATOSINHOS ABRIL 2015

13 BADMINTON
Sec. Padrão da Légua

13 ANDEBOL
Manhã 14 Sec. Abel Salazar

15 BASQUETEBOL
Manhã 16 Sec. J. Gonçalves Zarco

14 FUTSAL
Tarde 15 Nave Prof. Costa Ferreira

16 ATLETISMO
Tarde 16 Pav. Municipal da Bateria

14 VOLEIBOL
Tarde 14 Nave Ilídio Ramos

15 VOLEIBOL
15 Nave Ilídio Ramos

FINAIS
17.04.2015
Pav. Mun. da Bateria
Leça da Palmeira

Concurso de Cartazes alusivos aos XVII Torneios Desportivos Interescolas Secundárias do Concelho de Matosinhos
3º lugar – Laura Rodrigues, EBSPL - AEPL

Texto 56: O TRABALHO EM EQUIPA, Margarida Santos, nº18, 8ºF
Data de emissão: janeiro 2015

Num belo dia de Primavera, Laura e Benedita, duas amigas inseparáveis, tinham um trabalho de grupo para fazerem. Claro que tinham ficado no mesmo grupo, pois funcionavam bem juntas... o que não veio a acontecer naquele dia.

Encontravam-se em casa de Laura, como era habitual acontecer, e estavam bastante empenhadas, o que não lhes faltavam eram ideias. O problema talvez fosse mesmo esse, as inúmeras ideias, distintas, que cada uma tinha causaram o conflito.

A Laura queria a letra cor-de-rosa, a Benedita letra preta, a Laura queria imagens "quantas mais melhores", dizia ela, a Benedita optava por uma ou duas. Estava uma total desordem, até queriam pôr uma letra de cada cor, por exemplo: "Nós escolhemos este tema porque..."

Logo perceberam que assim não dava, discutiram, explicaram os seus pontos de vista e decidiram que iam repartir as ideias, se a letra fosse cor-de-rosa as imagens seriam poucas e assim sucessivamente.

Assim, podemos constatar que, ao trabalharmos em equipa, alcançamos mais facilmente os nossos objetivos, porque tudo se torna mais fácil quando se tem alguém com quem discutir pontos de vista.

Texto 57: IDA AO TEATRO, Raquel Antunes, nº25, 5ºF
Data de emissão: janeiro 2015

No último sábado, o meu primo fez anos e fomos todos festejar a casa da minha avó. Entretanto, como os meus pais foram a um concerto solidário à noite, a minha tia, que ficou comigo e com o meu irmão, teve a excelente ideia de irmos ao teatro.

Estava escuro e frio quando saímos de casa, pois eram as 10h da noite. Quando chegamos, a sala de espetáculo estava já silenciosa, «o espetáculo ia, sem dúvida, começar».

Sentamo-nos à espera que os atores iniciassem a peça.

Entraram em cena, e cada um, por sua vez, encarnava na perfeição as personagens. As luzes centraram-se neles e todos os olhos dos espectadores seguiam cada passo que o ator dava, conseguiam arrancar gargalhadas do público, pois a peça era cómica.

Eu sentia-me a flutuar como num sonho. Imaginava-me naquele brilhante palco, a música suave a embalar-me e no fim as palmas do público a fazer-me vibrar de contentamento.

O espetáculo tinha chegado ao fim e as palmas ecoavam por toda a sala, aquecendo a noite fria.

Os atores agradeceram e as longas cortinas vermelhas fecharam. Era hora de regressar. Tinha adorado! Ao sair para a noite, já cerrada, perguntava-me se os meus pais demorariam muito a chegar. Estava ansiosa por lhes contar como a minha noite tinha sido fantástica.

Texto 58: SE EU FOSSE UM TRIÂNGULO, Rodrigo Silva, nº25, 5ºG
Data de emissão: janeiro 2015

Se eu fosse um triângulo equilátero, a minha profissão seria polícia porque tinha os lados todos iguais. O meu chefe seria um triângulo acutângulo porque a voz dele era muito aguda como os seus ângulos?!

O meu pai seria um triângulo retângulo porque era o mais alto da família, a minha mãe um triângulo obtusângulo porque lhe estava a doer as costas. A minha irmã poderia ser um triângulo isósceles porque tinha só dois lados com a mesma medida e o meu cão, o Salsicha, seria, sem dúvida, um triângulo escaleno porque, quando crescer, será muito comprido. Quando eu visse triângulos com as medidas de ângulos e lados errados, iria prendê-los porque não respeitavam a lei dos triângulos. Eles iriam para tribunal. Então

descobrir-se-ia que eles eram polígonos. Os juízes, triângulos, expulsavam-nos do país Triângulo e iriam para o país Polígono.

O meu trabalho seria muito duro até que, um dia, teria o dia mais cansativo da minha vida: prender o senhor Círculo que estava no nosso país. Ele tinha fugido de cidade para cidade... mas o GPS dele tocou no monitor da esquadra. Apareceu a informação que ele estaria no Banco e que os triângulos estavam todos em apuros...

Até que eu chegava e dizia:

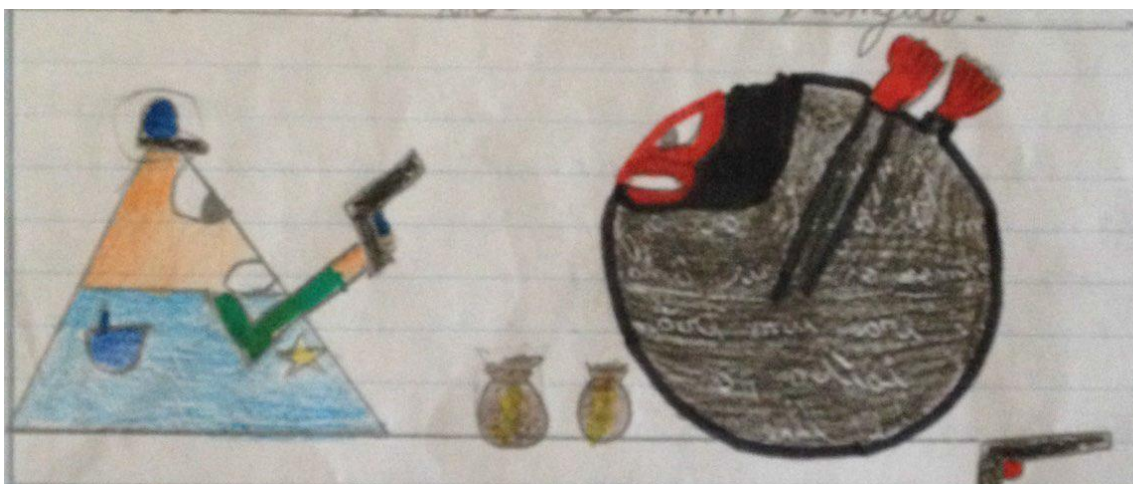
- Pousa a arma, levanta os braços!

Ele iria para a cadeia e nunca mais voltaria a roubar nos bancos da Triangolândia.

Eu seria nomeado "Polícia do ano"! Receberia troféus e medalhas que os triângulos haviam comprado com muito dinheiro. Então pegaria no microfone e diria:

- Eu não preciso de troféus, nem medalhas. O que me interessa é que vos tenha ajudado, triângulos de todas as espécies e características!

E esta é a vida de um triângulo...



Texto 59: SE EU FOSSE UM TRIÂNGULO, João Pedro, nº13, 5ºG

Data de emissão: janeiro 2015

Se eu fosse um triângulo seria um Super Triângulo, por isso seria um triângulo equilátero, para dar uns murros todos iguais a todos os vilões (há que ser justo!).

O meu parceiro seria o "Capitão Triângulo Retângulo" que veio defender a justiça com o seu ângulo reto.

O meu objetivo era prender os quadrados e os retângulos do meu amado país, a "Triangulândia". O meu maior inimigo era o "Círculo". Ele alimentava-se de triângulos, por este motivo é que era tão gordo e redondo. De todos os inimigos que tenho, um é tão fraco, tão fraco, que até já lhe parti a hipotenusa: é o Triângulo Obtusângulo.

Nunca se ouviu dizer isto de um super herói mas eu gosto do que faço.

A minha família "Ribeiro Triangular" são o meu pai, que é um triângulo Isósceles, ou seja, tem dois lados iguais. O nome dele é "Manelângulo". A minha mãe, que é uma Acutângula, chama-se "Trilisa" e o meu irmão, "Trifonsângulo".

Já falei muito de mim, agora vou falar do meu país. Há muito tempo o meu país era dividido por duas terras, a Terra dos Ângulos e a Terra dos Lados e cada uma era dividida por três cidades. A Terra dos Ângulos dividia-se nas cidades Triângulo

Acutângulo, Triângulo Retângulos e Triângulo Obtusângulo. A Terra dos Lados dividia-se nas cidades Triângulo Isóscele, Triângulo Escaleno e, por último, na cidade Triângulo Equilátero.

Atualmente, graças a mim e ao meu companheiro, vivemos num país onde todos os polígonos triangulares vivem em harmonia, mas há sempre situações a resolver. Agora, tenho de ir travar uma batalha com o senhor Pentágono, que está a transformar os outros triângulos em pentágonos. Quando eu cheguei, dei um murro ao pentágono e ele deu-me a mim. Eu mandei raios lasers e ele mandou-me a mim, eu só posso descrever esta luta como fantástica (claro que ganhei eu!).

Espero que tenham aprendido a lição: geometria mais ficção científica, mais aventura, é igual a diversão.

Texto 60: CARTA FAMILIAR, Ana Rita Domingos, nº26, 5ºH

Data de emissão: janeiro 2015

Padrão da Légua, 23 de outubro de 2014

Querida professora Suzel,

Estou cheia de saudades suas, não vejo a hora de a ir visitar.

Esta escola é muito divertida e gosto muito dos professores e da minha turma. Fiquei mesmo na turma onde eu queria: 5ºH.

A escola também é muito grande e cheia de alunos altos e baixos. Estou a esforçar-me para tirar boas notas, não tenho disciplina preferida, mas tirei 82% a matemática.

No primeiro ciclo a escola não era tão grande, era menos confusão e não tínhamos muitas disciplinas! Agora é tudo diferente, mas acho que me estou a adaptar muito bem.

Já conheci novos amigos e reencontrei o João Rajão que andou na minha turma no primeiro ano. Lembra-se?

Na biblioteca já requisitei muitos livros e também já fui à máquina comprar comida.

Adoro esta escola, mas também tenho muitas saudades daí.

Gosto muito de si! Um beijinho grande!

Ana Rita Domingos

Texto 61: CARTA FAMILIAR, Carolina Monteiro, nº4, 5ºH

Data de emissão: janeiro 2015

Porto, 23 de outubro de 2014

Olá querida professora,

Tenho tido muitas saudades suas. Este ano estou a estudar na Escola do Padrão da Légua.

Os meus novos colegas são "fixes" e os professores são muito divertidos.

As minhas disciplinas preferidas são E. T., E. V., História, Ciências, Ed. Física, Português, Matemática, Ed. Musical e Inglês.

Na escola onde eu estou, há uma biblioteca muito bonita e cheia de livros.

A escola do Padrão tem muitos alunos e funcionários que são muito gentis para todas as pessoas. Nesta escola existem muitos gatos fofinhos e coloridos e na minha antiga escola era diferente.

Todos os alunos têm personalidades diferentes e eu gosto de falar com eles todos porque assim consigo aprender coisas novas, sobre locais e maneiras de pensar diferentes da minha.

Beijinhos,

Carolina Monteiro

Texto 62: OPINIÃO, Filipe Silva, nº11, 9ºVOC B (EBLB)
Data de emissão: janeiro 2015

Na minha opinião, os sem-abrigo deveriam ter os mesmos direitos que todos os outros cidadãos. Mas não é isso que acontece. Incomoda-me que não tenham uma família nem uma casa onde viver. Incomoda-me que sejam ignorados pelos políticos. Estes nada fazem. Incomoda-me que haja pessoas que os desprezam e os veem como excluídos da sociedade, mostrando toda a sua desumanidade ao não lhes prestar qualquer auxílio. Aqueles que lhes estendem as mãos são voluntários de associações de solidariedade que, fazendo o que podem, lhes levam um cobertor ou uma sopa quente para enganar a fome e o frio. Se eu fosse rico, ajudava-os financeiramente a construir uma nova vida e assim já não os teria de ver sós e abandonados.

Concluindo, este é um problema social que sempre existiu e que parece não ter um fim à vista, até porque a tendência é aumentar, devido ao agravamento do desemprego.

Texto 63: OPINIÃO, Liliana Lima, nº19, 9ºVOC B (EBLB)
Data de emissão: janeiro 2015

No meu ponto de vista, os jovens convivem, hoje em dia, cada vez menos, devido à existência das novas tecnologias. Estas vieram aumentar o seu isolamento, pois em qualquer local, são vistos concentrados no seu telemóvel ou no seu tablet. Até na escola, o convívio é substituído por um isolamento individual e conjunto, pois estamos uns com os outros, mas silenciosos, separados por um mesmo motivo: o telemóvel.

É certo que todos reconhecemos a grande utilidade das novas tecnologias e as vantagens que elas apresentam, entre muitas outras a importância das redes sociais no aumento do círculo de amigos. Contudo, trata-se de "amigos" virtuais que nunca conhecemos presencialmente e que nos fazem gastar o nosso tempo *on-line*, acabando por contribuir para a diminuição do convívio com os amigos reais.

Concluindo, as novas tecnologias vieram para ficar e para ameaçar as relações pessoais, enquanto não soubermos "consumi-las" sem excessos e de forma racional.

Texto 64: QUEM SOU EU?, Paulo Vasconcelos, nº22, 5ºB
Data de emissão: janeiro 2015

Olá!

Sou um objeto muito desejado pelos jovens.

Tenho a forma de um retângulo e meço entre dez a quinze centímetros. Sou feito de plástico resistente ou de uma liga de metal, e ainda de outros materiais. Normalmente sou preto, cinzento ou branco, mas as pessoas gostam de me pôr capas de diferentes cores com desenhos ou formas divertidas, para ser mais bonito e ficar mais protegido.

Sou muito utilizado para enviar mensagens e para telefonar, mas também sirvo para ouvir música e tirar fotografias. Há também quem goste de jogar jogos em mim ou de navegar na internet. Posso ser comprado em pequenas lojas, em grandes centros comerciais ou através da internet.

Quem sou eu?

Texto 65: HERÓI DE NÓS PRÓPRIOS, Sara Anjos, nº22, 9ºD
Data de edição: fevereiro 2015

Todos nós sabemos que as situações difíceis são o fermento de muitas das nossas vidas. Quando elas aparecem, por vezes, deixamo-nos abater e permitimos ao eco da amargura penetrar na nossa índole. Nem sempre sabemos porquê.

Cada um tem a sua experiência própria de vicissitudes. Uma vez por outra, encaramo-las como uma enorme escada constituída por degraus cada vez maiores. E

somos obrigados a subi-la, já que todas as outras nossas opções se refugiaram no ventre do tempo. Custa, é verdade. Eu concordo com isso.

Há sempre um dia em que algo de mau teima em perseguir-nos. Somos débeis e fracos e não sabemos lidar com isso. Tudo nos salta das mãos, tropeçamos e deixamos que as mãos do chão nos acolham, a nossa tensão parece um mar revoltado e os olhos da tristeza derretem-se, deixando lágrimas escorrerem na nossa face. Queremos desabafar. Mas quem será digno de cuidar das nossas palavras, sem que elas se magoem ou se percam com o vento? Essa é a pergunta difícil.

Temos uma vontade sedenta de um abraço. Mas porquê? É simplesmente um contacto físico na vossa opinião, certo? Pois eu vou ser teimosa e discordar. Para mim, um abraço é um poema escrito na pele. Contudo, é necessário alguém peculiar para o fazer. Um herói capaz de assegurar as meras palavras que uma alma rasgada escreveu num poema íntimo. Só que nem sempre esse herói existe. O que fazemos, então?...Extraímos o nosso ego e colocamo-lo diante de nós. Observamos os seus olhos transparentes e minguantes e abraçamo-lo. Não custa assim tanto olhar para dentro de nós. Precisamos apenas de ganhar coragem e chegar ao topo da "escada". Depois iremos perceber que todos "aqueles" problemas foram os degraus que nos levaram à vitória.

Por isso, para concluir, digo apenas o seguinte: procurem sempre o herói que está dentro de vós. Se não o encontrarem, busquem-no noutra pessoa e lembrem-se: para se ser herói, não é preciso ter asas. Basta ter o dom de nos fazer sorrir...

Texto 66: OLHO POR OLHO, João Moura, nº8, 7ºE

Data de emissão: janeiro 2015

Quando andava na pré-escola, havia meninos que me batiam.

O meu pai, farto da situação, disse-me que se eles me batessem, eu também lhes devia bater para me defender.

No dia seguinte, enquanto estava na casa de banho, um menino achava que aquele urinol era só dele e então bateu-me. Fiz nessa altura o que o meu pai me tinha mandado: ferrei-lhe bem! No mesmo dia, os meus pais foram chamados à direção, pois eu tinha-lhe mordido com tanta força que o menino teve de levar vários pontos no braço.

Aí aprendi que a violência só nos traz prejuízo.

Texto 67: PAISAGEM DE NEVE, João Silva, nº16, 1ºA

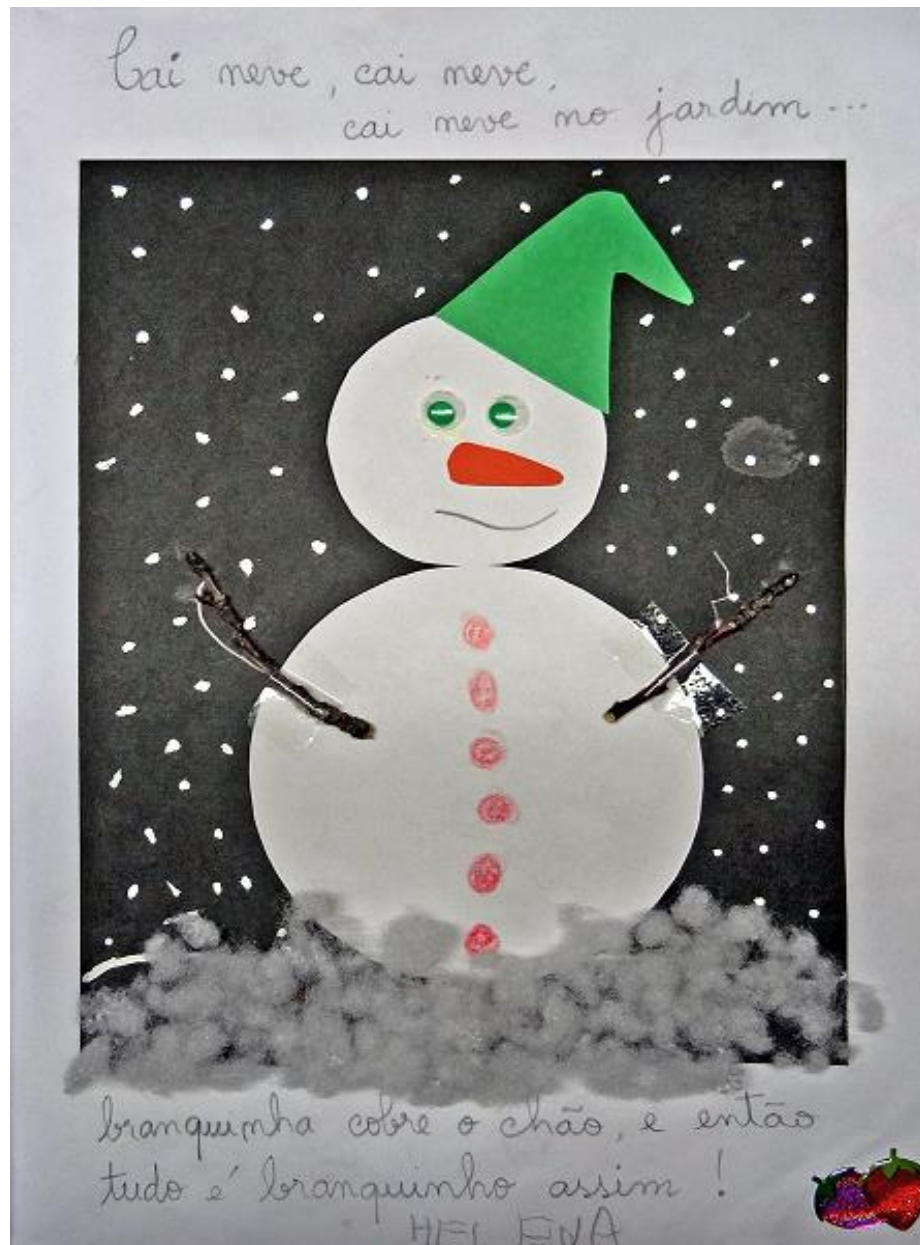
Data de emissão: fevereiro 2015

A paisagem de neve transmite-me uma sensação de perda de algo, com valor sentimental. Ou então a perda de um ente querido, que acabou por partir. Até consigo imaginar esse ente a iniciar a sua viagem, vagueando pela neve fria e desaparecendo por entre os pinheiros cobertos de gelo. A neve a cair faz-me lembrar o choro, sendo cada cristal uma lágrima, que floresce nos nossos olhos.

A paisagem revela também algo misterioso, algum acontecimento que eu não posso prever. Em especial, o que esta imagem demonstra é a incerteza do que me espera do outro lado, a incerteza do meu futuro.

**"Cai neve, cai neve no jardim...
Branquinha cobre o chão, e então
tudo é branquinho assim! "**

Helena, EB Padrão da Léguas



**Helena, EB Padrão da Légua
Jardim de Infância Monte da Mina**

**Texto 68: NEVE FRIA, Helena Sousa, nº13, 1ªA
Data de emissão: fevereiro 2015**

Sentir a neve fria nas mãos foi como se sentisse uma contração no corpo todo. Ver aquela paisagem branca, linda e fria, fez-me lembrar todas as almas que eu perdera, num daqueles dias frios de Inverno.

A neve, para mim, é uma confidente. Como se pudesse chegar ao cimo da montanha e deitar para fora todas as minhas tristezas e lágrimas. Poderia falar sozinha, para, quando descesse, voltar a sentir todas as alegrias e só subir àquela montanha no próximo Inverno, como se fosse um ritual.

A neve é a perfeição da imperfeição, faz-me sentir liberta, capaz de dizer o que quero, sem que ninguém me amordace.

Texto 69: A NOITE MÁGICA, Diana Barros, nº6, 5ºH
Data de edição: fevereiro 2015

Numa noite fria e coberta de neve, no inverno, eu passeava junto a um lago congelado.

Brincava com as pequeninas pedrinhas de gelo, até que decidi construir um boneco de neve. Nele coloquei um cachecol vermelho e verde, um chapéu preto e velho, três botões na barriga e os restantes no rosto gelado. Por fim, fiz o nariz com uma cenoura.

Passado algum tempo, dele começaram a nascer brilhos cintilantes e uma luz que iluminava todo o jardim. O boneco de neve começou a mexer-se até que disse:

- Olá! Eu sou o Paulo.

- Estás vivo? – perguntei, assustada e a tremer.

- Sim, - respondeu ele. – Sabias que depois de um grande nevoeiro existe uma terra que ultrapassa a imaginação, onde vive a magia e outros bonecos com vida como eu, onde a diversão e a criatividade não têm limites e onde os sabores e as cores nunca acabam.

- Verdade? Posso conhecê-la? – disse eu.

- Sim. Vem comigo, segue-me e caminha contra o vento.

Assim fomos nós a cobrir a neve de pegadas e a resistir à neve e ao frio, pelo menos eu, pois o Paulo contou-me que um boneco de neve não tem frio, nem medo. Ele ensinou-me a ser corajosa e não desistir do meu objetivo.

Agora tenho um novo amigo e sou feliz.

Texto 70: UM NATAL ENCANTADO, Ana Rita Domingos, nº26, 5ºH
Data de edição: fevereiro 2015

Num dia de inverno, a Mariana acordou muito feliz porque só faltava uma semana para o Natal e estava muito ansiosa para enfeitar a casa. Mas quando se levantou e foi à sala, aos quartos, não encontrou ninguém. Reparou, de repente, que em cima do móvel estava um bilhete que dizia: «Querida, fomos comprar enfeites para o Natal. Assinado: pai e mãe.»

Ela ficou contente porque ia enfeitar a casa, mas também ficou triste porque não gostava de ficar sozinha.

Decidiu acalmar-se e foi fazer o pequeno-almoço, só que começou a ouvir uns barulhos na sala e assustou-se. Foi ver e era a sua cadelinha, a Pipoca.

- Pipoca! Que susto! – disse Mariana.

Mas a Pipoca nem sequer prestou atenção. Estava mais preocupada com um homem de barbas brancas e de fato vermelho a descer pela chaminé.

- É o Pai Natal! Que bom!-disse Mariana aos saltos.

- Pois sou eu mesmo, vim aqui para te pedir um favor.

- Qual é?- perguntou Mariana.

- Precisava que me ajudasses com o relógio do tempo porque sem querer...

- O que se passou?

- É que hoje devia ser dia vinte e quatro de dezembro, mas o relógio do tempo estragou-se e o mundo ficou atrasado uma semana.

- Ai não! E agora?

- Como o teu pai consegue arranjar muitas coisas, podia arranjar o relógio.

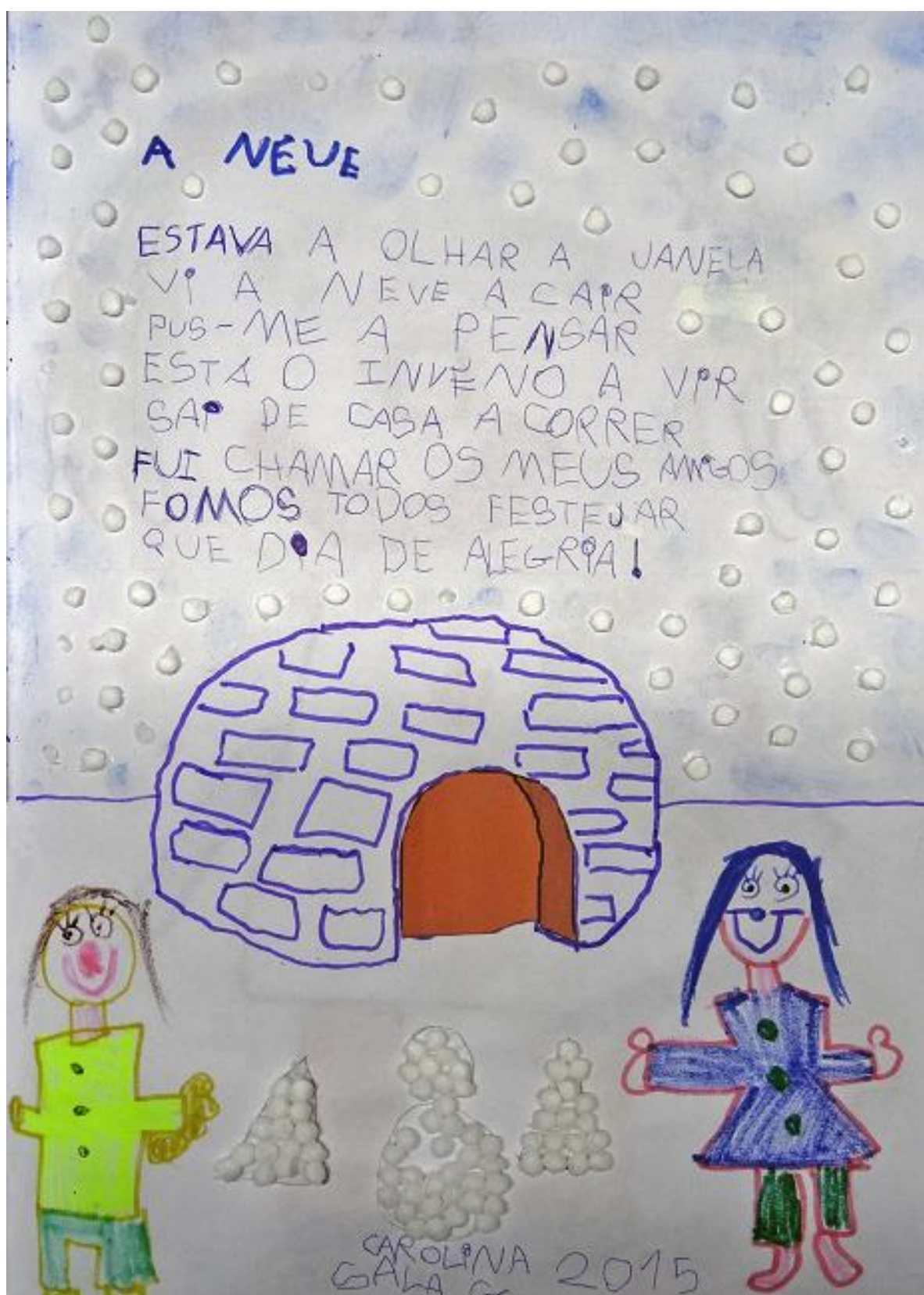
- Está bem, eu peço-lhe – disse Mariana.

Quando os pais chegaram, a Mariana pediu ao seu pai e ele arranjou o relógio.

À noite, quando todos estavam a dormir, Mariana foi à sala e pousou o relógio à beira da árvore de natal e de seguida foi dormir.

O Pai Natal pegou no relógio e o tempo avançou uma semana.

Quando Mariana acordou, já era dia de Natal, e debaixo da árvore estavam muitas prendas. Todos abriam as prendas com rapidez enquanto Mariana pensava no Natal encantado que tivera.



Carolina, EB Padrão da Légua
ATIVIDADE "LER E ESCREVER PARA CRESCER"
Pré-escolar e 1º Ciclo, Jardim de Infância Monte da Mina

Texto 71: UM SORRISO APENAS, Matilde Morais, nº19, 5ºF
Data de edição: fevereiro 2015

A velhinha Francelina caminha com passinhos curtos de menina. Com 90 anos, não admira! No bairro toda a gente lhe chama «Maçãzinha» porque, quando ela sorri, as maçãs do seu rosto quase escondem os seus olhos.

Certa manhã, D. Francelina regressava das compras, com o cesto num braço e o guarda-chuva no outro. “Que tempo horrível!”, pensava a velhinha, puxando o seu xaile com riscas azuis para a frente.

De repente, surgiu dos altos montes uma rajada de vento e o guarda-chuva foi pelos ares. A pobre Francelina ainda tentou apanhá-lo. “Pior a emenda que o soneto”: o cesto abriu-se e as laranjas rolaram pelos paralelos da calçada.

Nesse momento, o Jorge e os amigos passavam pelo outro lado da rua... Os rapazes desataram a rir a bandeiras despregadas perante as desventuras da velha senhora. Mas, o que fez o Jorge? O Jorge fuzilou-os com o olhar, atravessou a rua e foi apanhar o guarda-chuva da velhinha. Depois, recolheu, uma a uma, as laranjas caídas e colocou-as no cesto da D. Francelina.

- Muito obrigada, meu menino! – agradeceu-lhe a velhinha.

- De nada. Foi um prazer ajudá-la, minha senhora!

- Toda a gente me chama Maçãzinha – disse-lhe ela, sorrindo.

Quando o Jorge se juntou aos amigos, no outro lado da rua, o Rui perguntou-lhe:

- A velhinha deu-te umas moedas, não?!

- Não.

- Então?

- Um sorriso apenas.

Texto 72: O TELEMÓVEL: (DES)VANTAGENS, José Pedro Moreira, nº16, 9ºB
Data de edição: fevereiro 2015

No meu ponto de vista, o uso do telemóvel traz muitas vantagens, mas também imensas desvantagens.

Julgo que é extremamente prático, pois permite a fácil comunicação com a família e os amigos. Em caso de acidente, também se mostra uma forma de contacto rápida com a polícia, bombeiros e outras entidades. O telemóvel chega mesmo a ser um instrumento de trabalho, em certos empregos e, com o avanço da tecnologia, esta pequena máquina tornou-se capaz de tirar fotos, de reproduzir música e até de aceder à internet.

No entanto, o uso do telemóvel na Escola provoca a desconcentração do aluno. Também às refeições, não é bem-vindo, porque transforma um momento propício ao convívio e conversa, num momento de silêncio. O facto de também estarmos, constantemente, agarrados ao aparelho, à espera de uma mensagem ou de uma novidade no *facebook*, comprova que estamos, cada vez mais, dependentes dele. Outra das desvantagens do telemóvel é a libertação de radiações que, segundo alguns estudos, podem ser prejudiciais para a nossa saúde.

Apesar de haver cada vez mais necessidade de usarmos meios tecnológicos, acho que não devemos exagerar. É o caso da utilização do telemóvel: pode aproximar os que estão longe, mas também promove, por vezes, o afastamento dos que estão mais perto.

Texto 73: O HOMEM E O DESCONHECIDO, Joana Torres Silva, nº13, 12ºA
Data de edição: fevereiro 2015

Desde os tempos mais remotos, o Homem apresenta-se como um ser bastante pequenino em comparação com aquilo que desconhece. Apesar do conhecimento da Humanidade, ao longo dos anos, ter vindo a aumentar, o ser humano continuará até ao fim dos seus dias a ser uma pequena partícula na infinidade do universo.

Como sabemos, os Descobrimientos foram um importante feito para o povo luso, servindo, não só, para glorificar os portugueses, como também para o desenvolvimento dos seus conhecimentos, associados à descoberta de novos países, culturas, hábitos, costumes. Assim sendo, a descoberta do nosso sistema solar, bem como dos elementos que o constituem, também se demonstrou um importante feito para a Humanidade. Apesar das diversas teorias da formação do universo e da vida, o Homem continua a ter diversas dúvidas e a haver inúmeras falhas no que diz respeito a estes temas. Tudo isto é conseguido à custa dos conhecimentos do Homem e, por vezes, de algumas tentativas que acabam por dar certo. O aperfeiçoamento de certas técnicas e o desenvolvimento de alguns instrumentos permitiram, desde cedo, a descoberta da Lua, de outros planetas e do Sol, mas hoje, apesar de tudo isto, sabemos que o universo é infinito e que o seu conhecimento total será muito difícil.

Por outro lado, o Homem também tem muito pouco conhecimento no que diz respeito a um dos órgãos mais importantes na sua vida: o cérebro. O ser humano apenas utiliza uma pequena parte do cérebro, sendo que a função do restante é desconhecida. Ao aprofundar o estudo, o Homem poderia ser capaz de identificar outras valências cerebrais, contribuindo para despistar e até curar doenças altamente incapacitantes para o Homem.

Conclui-se, então, que o desconhecido vai continuar a ser uma importante questão que o Homem quererá resolver de modo a tornar a sua vida mais prática e simples.

Texto 74: ESFORÇO E RECOMPENSA (I), Beatriz Fernandes, nº4, 12ºB
Data de edição: fevereiro 2015

Como seres humanos, todos nós temos sonhos e desejos pelos quais temos de lutar e apenas com esforço da nossa parte tal acontece.

Desde as coisas mais simples até às mais complexas é necessário esforço: se tiver fome, tenho de subir à árvore para apanhar a maçã. Devido ao meu esforço, superando as dificuldades e ultrapassando os meus medos, que neste caso eram bastantes, (E se eu caísse enquanto me dirigia à árvore? E se esfolasse o joelho nos ramos da árvore? E se, quando chegar ao topo da árvore, descobrir que afinal são pêras?) fui capaz de chegar ao meu grande objetivo. É verdade que a recompensa sabe bem melhor quando olhamos para trás e nos conseguimos ver a nós próprios a deitar abaixo as barreiras que nos metiam medo.

Na sociedade atual, o grande objetivo é diminuir o esforço das nossas ações. Todos nós temos bens, recompensas, mas não lhes damos a devida importância porque não trabalhamos para as obter. Voltemos às maçãs: se eu quiser comer uma maçã, vou à frutaria. É claro que a vou comprar com dinheiro que recebi em troca de muito esforço, no entanto, a recompensa (neste caso, a maçã) não é tão docinha nem fresca como se eu a colhesse no meu jardim. Tal como Miguel Torga escreve, "O que importa é partir, não é chegar", o que dá prazer é a viagem.

Apesar de, por vezes, o esforço ser algo assustador, temos que manter os olhos no prémio, nunca esquecendo que esta viagem nos ajuda a crescer e a manter um rumo na nossa vida.

Texto 75: ESFORÇO E RECOMPENSA (II), Rodrigo Silva, nº27, 12ºB
Data de edição: fevereiro 2015

A temática de esforço e da recompensa está presente, permanentemente, na vida da humanidade. Esta questão aparece sempre que estamos prestes a tomar uma decisão, seja esta de que importância for: "Será que vale a pena o esforço?", "Será que o resultado compensa o risco?". É com base nesta problemática, ou noutras resultantes desta, que as decisões são tomadas, bem ou mal.

A problematização em estudo é a base de qualquer sociedade humana e esta nunca deve ser posta em causa ou de parte. Por exemplo, na política: Se o governo, ou órgão

governante, tomar decisões precipitadas sem tomar em atenção todos os lados do problema, pode desencadear situações comprometedoras para o país. Sendo o mais sensato recorrer a opiniões externas e à reflexão esforço / recompensa, tomando assim uma decisão mais segura para o país.

Um exemplo da má utilização da temática em reflexão será a criação de conflitos armados. Já tivemos vários exemplos desastrosos a nível mundial deste desvio completo da razão, senso comum, raciocínio e lógica, distorcendo assim os resultados da problemática em estudo, associando apenas o seu bem e o bem da sua pátria à recompensa e não ao bem da humanidade. Tais exemplos seriam as duas guerras mundiais provocadas pelo petróleo (causadas ou intervencionadas pelos EUA) e os mais recentes conflitos na Ucrânia ou Síria. São estes exemplos a distorção da noção de bem e mal, da noção de "recompensa".

Para finalizar, nunca devemos ignorar a problematização esforço / recompensa, mas sempre pondo o bem geral como "recompensa". Não devemos dar prioridade ao bem privado se isso implicar o mal alheio como "esforço".

Texto 76: ALGO DE BOM NA NOSSA VIDA, Mariana Magalhães Ribeiro nº14, 7ºE
Data de edição: outubro de 2014

Nos dias que correm, a importância da comunicação é enorme, tanto para o sucesso individual como para o profissional.

Na minha opinião, saber comunicar é vital. É importante falar e ouvir, porque assim sabemos exprimir o que somos, o que valem, os nossos defeitos e as nossas qualidades. Se não soubermos comunicar com clareza, objetividade e sensibilidade, não conseguimos exprimir-nos, e isso prejudicará o nosso sucesso individual. Por exemplo, quando fazemos amigos, também temos de saber falar para estabelecer fortes relações.

Quando estamos no emprego, é necessário comunicar corretamente. Ignorar a importância deste facto pode levar a desentendimentos com os nossos colegas, cometendo erros. Se pensarmos, dependemos da comunicação para tudo: propor ideias, defender um projeto, vender um produto, etc.. Todas as atividades referidas exigem que saibamos comunicar de forma clara e objetiva. Por isso, saber conversar em situações profissionais é essencial para alcançar o sucesso.

Concluindo, a comunicação é algo de bom na nossa vida que nos ajuda a alcançar o sucesso individual e profissional.

Texto 77: OUVIR E ESCUTAR É UMA VIRTUDE, Sofia dos Santos, nº25, 7ºF
Data de edição: fevereiro de 2015

Hoje cada vez ouvimos menos. Não estou a falar de pessoas com dificuldades auditivas, mas sim de pessoas que mesmo ouvindo, não escutam as outras, ouvem só o que querem ouvir, não o que se lhes tenta dizer.

Penso que muitos dos problemas, senão todos, se baseiam na "não compreensão do outro". Se todas as pessoas assimilassem a informação que lhes é destinada, talvez pudessem resolver problemas, principalmente políticos e religiosos. Veja-se como exemplo as guerras político-religiosas.

Também penso que ouvir é muito importante, pois cada vez mais as pessoas querem ser ouvidas, mas não querem ouvir. Hoje as pessoas distraem-se com as novas tecnologias, como por exemplo em *chats*, quando se trocassem informações e vivências de forma autêntica e na presença uns dos outros, podiam interagir de forma mais saudável.

Em suma, devemos ouvir melhor os outros e acima de tudo perceber as suas ideias e intenções. Ouvir e escutar é uma virtude para vivermos em comunidade.

Não vamos deixar de dar ouvidos a este assunto, pois não?

Texto 78: ALGUM DIA HAVERÁ UMA SOCIEDADE PERFEITA? Paulo Pereira, nº20, 7ºF
Data de edição: fevereiro de 2015

Saber ouvir e compreender os outros é muito importante, porque é sinal de respeito, e se houver respeito socializamos melhor.

Na sociedade há diferentes tipos de pessoas, com diferentes personalidades, e nós temos de saber lidar com as diferenças de cada um. Na minha opinião, devemos respeitar toda a gente, independentemente da cor, estatuto, raça, religião e opinião.

Do meu ponto de vista, o respeito entre todos é o mais importante, pois haverá menos guerras. Tome-se como exemplo a Síria e a Crimeia. Se soubessem ouvir e compreender as diferentes opiniões, poderiam chegar a um acordo, evitando a guerra.

Concluindo, digo que se houver paz, há harmonia. Se houver harmonia, há tranquilidade. Se houver tranquilidade, sabemos ouvir. E se soubermos ouvir, mais facilmente compreenderemos as outras pessoas e a própria sociedade. Respeitar é o mais importante. Por isso pergunto, algum dia haverá uma sociedade perfeita?

Texto 79: A FRAGILIDADE HUMANA, Inês Ramalho, nº10, 12ªA
Data de edição: fevereiro de 2015

Se hoje vivemos num mundo tecnológico e global é, sem dúvida, devido à constante procura do conhecimento, apesar de ser infinito o que ainda desconhecemos.

Como sabemos, ou deveríamos saber, a Terra, o nosso planeta, é apenas uma pequena, pequeníssima parte daquilo a que chamamos Universo. Isto é assustador, pois, quando pensamos na questão, percebemos que podemos ser os “donos” do nosso mundo, mas estamos muito longe de saber o que é realmente o Universo. Somos impreterivelmente pequenos, frágeis perante o desconhecido e, quando não conhecemos, criamos mitos, lendas, verdades empíricas. Por exemplo, na Idade Média quando se defendia que a Terra era o centro do Universo e nas sociedades modernas quando se afirma a existência de extraterrestres. Apesar disso, não podemos negar os esforços da humanidade na procura do conhecimento. Foi esta sede de superar o previamente alcançado que levou o Homem à Lua e, quem sabe, o levará, um dia, a Marte.

Uma das grandes ameaças que o Homem desde sempre enfrenta são as doenças. Existem milhares de doenças, sendo que de muitas ignoramos as causas, o modo de transmissão e, infelizmente, a cura. Isto leva a que milhares e milhares de pessoas morram ou sofram, por não haver ainda conhecimento suficiente para tratar a sua patologia. Contudo, o ser humano não cessa de tentar combater este mal, sendo prova disso os estudos científicos realizados para obter vacinas, tratamentos, medicamentos, por exemplo, a busca de um tratamento eficaz, de uma cura, para o vírus da SIDA, o que é revelador da incessante procura de algo mais que caracteriza o ser humano.

Concluindo, existem ainda hoje, no século XXI, muitas situações que expõem a fragilidade do Homem, porém essas situações são a motivação para sermos ambiciosos e superarmos os nossos próprios limites.

Texto 80: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA, Catarina Miranda, nº7, 9ºF
Data de edição: dezembro 2014

Desde sempre, a escrita tem sido um pouco menosprezada. Não lhe é dado o devido valor. As pessoas continuam a acreditar que não é preciso ler/escrever livros, mas a verdade é que estes elementos são extremamente necessários para a nossa vida. Por que motivo será, então, a escrita tão importante?

Começemos por mencionar as sms. Quando as escrevemos, perdemos muito menos tempo, ou seja, não refletimos tão profundamente como nas cartas sobre o assunto que queremos tratar.

Por um lado, ao escrevermos uma carta tudo é muito bem pensado e podemos contar tudo aquilo que sentimos. Por outro, a escrita (de cartas, principalmente) facilita-

nos a vida. É muito mais simples transmitirmos aquilo que pensamos e sentimos através do papel do que por palavras faladas, já que, por este meio, tomamos todo o cuidado em dizer exatamente aquilo que pretendemos e podemos escolher entre o que contamos e aquilo que não contamos.

Como podem ver, a transmissão dos nossos sentimentos através da escrita é uma parte fundamental na vida. Até porque nos ajuda a compreender as outras pessoas de uma forma diferente e melhor.

Espero que a minha opinião vos encoraje a escrever mais e melhor.

Texto 81: METÁFORAS DA VIDA, ALUNOS DO 10º D

Data de edição: Março 2015

A vida é assim mesmo, um mar enganador e cheio de ilusões. *Ana Catarina Pereira*

A nossa vida tem várias portas, por isso temos de optar por aquelas que nos levam às melhores escolhas de futuro. *Beatriz Almeida Miranda*

A vida é uma lâmparina que, quando se apaga, já não se volta a acender. *Bruno Mota*

Vive a tua vida ao máximo, no correr do vento, porque não tens outra. *Diogo Silva*

Na vida tudo pode ser belo, na praia dos teus pensamentos. *Fábio Brito*

Nunca pensei que a vida fosse uma pista repleta de obstáculos, mas esse é um verdadeiro desafio para todos nós. *Francisco Ribeiro*

A vida é um caminho de escolhas a fazer e desafios a enfrentar. *Hugo Filipe Machado*

A vida é uma roda de bicicleta sempre a girar, pois dá muitas voltas. *João Vitor Pinto*

Sem poder de escolha, percorremos uma estrada infinita, mas limitada, a que chamamos vida. *Leonor Fernandes*

A vida é uma agulha, que nos magoa quando quer. *Miguel Ângelo Teixeira*

A vida passeia de mãos dadas, com os abismos e as torrentes. *Pedro Moço*

A vida é um rio, desde a nascente até à foz no mar. *Ricardo Coelho*

A vida nasce de quase nada e morre de quase tudo. *Ricardo Cardoso*

A vida é um labirinto, mas temos sempre por onde escolher. *Rúben Silva*

Vem viver o balancé da vida, vem conhecê-la! *Tiago Macedo*

A vida é curta, uma construção mínima, equilibrando o presente e o futuro. *Tiago Alves*

A VIDA

A vida é o dia de hoje,

A vida é ai que mal soa,

A vida é sombra que foge,

A vida é nuvem que voa;

A vida é sonho tão leve

Que se desfaz como a neve

E como o fumo se esvai:

A vida dura um momento,

Mais leve que o pensamento,

A vida leva-a o vento,

A vida é folha que cai!

(...)

João de Deus (1830-1896)

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

A revista do projeto Comunicar
com Línguas para ler e escrever.
No Padrão.

*(...) Sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.*

António Gedeão, *Movimento Perpétuo*, 1956

2. GENTES E LUGARES

Viajar é descobrir, conhecer, compreender. É, sobretudo, sonhar com outras paragens e novos rostos, na esperança de descortinar a alma de lugares e pessoas, que nos encantam, simplesmente por existirem. É possível empreender viagens no espaço-tempo da nossa imaginação, em lugares somente visionados à distância, nas palavras de um livro, nas cores de um postal, em imagens da internet.

Esta secção constitui, portanto, mais do que um registo, um tributo a todos os que têm almas de sonhadores e aventureiros, na procura incessante de outras gentes e lugares.

Texto 1: ESPAÇOS, Bernardo Cunha, nº6, 12ºB
Data de edição: janeiro 2015

Na minha opinião, as relações humanas com espaços são deveras importantes. Tal como as relações interpessoais, as relações pessoa-espaço (podendo este último ser físico ou mental) são importantes para um ser racional.

Começemos pelos espaços físicos. Para mim, o contacto com outras pessoas é importante e, por essa razão, gosto de contar com um espaço físico onde é possível o contacto humano, como por exemplo a escola. Por outro lado, às vezes cria-se a necessidade de um tempo a sós, e no meu caso, o espaço onde tal é possível é o meu quarto. Esse tempo a sós é um meio para encontrar também um espaço mental. Isto já entra no domínio do pensamento pelo que agora se torna de difícil explicação.

A meu ver, toda a gente necessita de um espaço de reflexão no interior da sua mente. Está sempre lá, é inerente à condição humana. É impossível descrever esse espaço, pois não é real, apenas é uma meditação sobre o que quer que o utilizador/dono desse seu espaço queira. E varia conforme a altura, tanto que pode ser uma reflexão profunda sobre uma questão filosófica ou teológica; como um pensamento superficial acerca do sabor da refeição prévia; ou também pode ser uma preparação mental para um evento futuro. Tudo isto dentro de um mesmo indivíduo.

Os espaços não só são importantes, como vitais. Toda a gente necessita de espaços físicos para existir, mas os espaços do pensamento permitem-nos realmente "ser".

Texto 2: Conto A GOTA GOTINHA, Ye Chenan, 5º ano
Data de edição: maio 2014

1º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2013/2014
Categoria Ensino Básico – 2º Ciclo

Num dia, quente de verão, no cimo de uma montanha muito elevada, nasceu a gota Gotinha. A Gotinha era transparente como diamantes e brilhante como cristais.

Quando a Gotinha abriu os olhos, viu a sua mãe, a Neve e as suas irmãs mais velhas. A seguir viu uma paisagem enorme à sua volta composta por florestas, campos, jardins, rios, e, ao fundo, muito longe dali, o Oceano.

- Ó Gotinha, vai ter com as tuas irmãs, senão ainda te atrasas. Não podes ficar aqui para sempre! – disse a mãe Neve suavemente.

- Mas mãe, onde é que vamos? – perguntou a Gotinha.

- Primeiro vão até ao vosso pai Rio e ele levar-vos-á até ao outro local – respondeu a mãe Neve.

Está bem mãe, adeus!

Dito isto, a Gotinha escorregou propositadamente até às suas irmãs que estiveram à sua espera. De seguida, deram a mão umas às outras, da mais velha até à mais nova. Formaram um fio de água e com a indicação da mãe chegaram até ao pai, o Rio.

- Bom dia, pai! – cumprimentaram todas ao mesmo tempo.

- Bom dia, queridas! Então estão preparadas para uma viagem até ao vosso avô? – questionou o pai.

- Quem é o avô? – questionou a irmã mais velha da Gotinha.

- A vossa mãe não vos contou? Então vocês é que vão descobrir quem é o avô.

- Pai – disse a Gotinha – dá-nos uma pista, por favor.

- O avô é maior do que qualquer animal ou planta. – respondeu o pai.

Puseram-se todas a pensar e o pai delas continuou:

- Vamos andando, para não nos atrasarmos. O avô ainda está à vossa espera. Ele vai ensinar-vos imensas coisas.

E lá foram umas atrás das outras, em fila indiana, passando pelas paisagens maravilhosas que a gotinha tinha visto quando esteve à beira da sua mãe.

Então lembrou-se que também vira o Oceano que era enormíssimo e disse assim:

- Pai! Pai! Já sei quem é o avô!

- Então diz lá, Gotinha.

- É o Oceano! Eu já o tinha visto quando estive à beira da mãe!

- És esperta! – elogiou o pai.

- Obrigada.

Quando chegaram perto de um lago poluído, as gotas despediram-se do pai e filtraram-se na terra quando aí chegaram, tiveram que passar por imensas raízes e, por fim, chegaram até ao seu avô, o Oceano.

Mas ficaram muito espantadas por ver o avô todo sujo e cheio de lixo. Então o avô explicou-lhes:

- Não se admirem pelo meu estado, os meus primos Oceano Atlântico, Oceano Índico, Oceano Glacial Ártico e Oceano Glacial Antártico, também estão assim como eu. Estamos todos poluídos por causa dos humanos, destruídos dos ambientes naturais. E nós somos uma das maiores vítimas do Planeta Terra.

- Porque é que os seres humanos fazem isso? – perguntou uma das irmãs gotas.

- Porque querem ser todos ricos, de uma porcaria do dinheiro. Mas nem todos poluem, esses ajudam-nos e tratam dos poluídos – responde o avô Oceano.

- Avô, que oceano é o senhor? – perguntou a Gotinha.

- Eu sou o Pacífico, o maior de todos. E nós todos somos compostos por água. E a água ocupa dois terços da superfície da Terra – explicou o Oceano Pacífico.

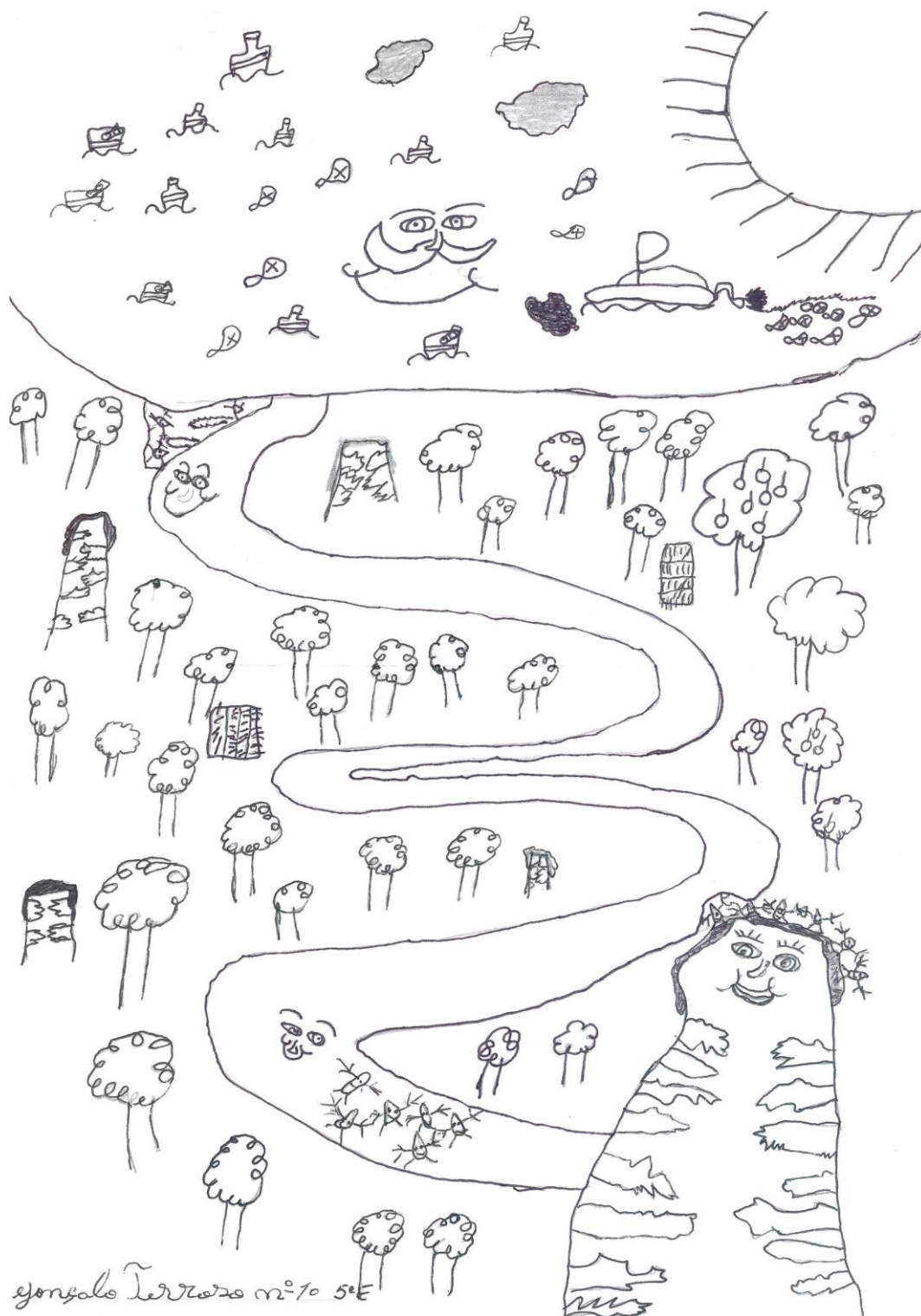
- Então toda a superfície da Terra está poluída? – disse uma das irmãs gotas.

- Não. Não estamos todos poluídos mas quase todos. Por exemplo, os vossos pais não estão poluídos.

- Já estamos a perceber tudo, avô – disse a Gotinha.
- Então vou-vos mostrar tudo o que sei. Assim foram. Todas atrás do seu avô, viram imensos seres vivos mas o que lhes desagradou foi terem visto alguns peixes mortos.
As gotinhas e as suas irmãs aprenderam quase tudo sobre as águas e o que acharam mais importante foi a poluição e o ciclo da água.



A Gota e a sua Mãe, a Neve - Ana, 5°C



A gota Gotinha e o Oceano em perigo - Gonçalo Terroso, 5ºE

As ilustrações dos contos foram realizadas no Ateliê de Artes e/ou em sala de aula Projeto A MINHA ESCOLA É A ESTRELA, da Escola Básica de Leça do Balio

Texto 3: Conto OCEANO EM PERIGO, Leonor Silva, 5º ano
Data de edição: maio 2014

2º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2013/2014
Categoria Ensino Básico – 2º Ciclo

O guardião dos mares conta que no início do século XIX a Oceânia, formada por todos os mares, passava por grandes dificuldades pois, um petroleiro tinha naufragado nas suas águas e tinham sido derramadas toneladas de petróleo.

As águas ficaram contaminadas e milhares de seres aquáticos e terrestres estavam a morrer.

Quem mandava em todos os mares era um Polvo gigantesco que não sabia resolver a grave situação em que se encontravam.

Então, resolveu pedir ajuda ao rei Leão que mandava nos seres terrestres. Mas como é que ele conseguia chegar ao rei Leão que vivia no meio da selva?

Cansado de tanto pensar e como já era muito tarde o Polvo resolveu ir descansar e pensar no caso. Adormeceu e sonhou que tinha feito uma viagem até à selva.

Falou com o rei Leão que lhe explicou o que havia de fazer para limpar as suas águas:

- Tens que pedir ajuda a todos os seres, principalmente às aves, que podem com a ajuda de baldes retirar o crude das águas – disse o Leão.

De repente, o Polvo acordou! Tinha sido um sonho, mas já sabia o que havia de fazer. Foi até à margem, chamou a Águia-real e contou-lhe o seu sonho.

A águia compreendeu a situação e comunicou a todas as aves que tinham de ajudar a salvar a vida dos habitantes dos mares.

Começaram todo um trabalho muito duro e demorado, mas valeu a pena, pois, passados alguns dias, as águas voltaram a ser límpidas e férteis.

A vida no oceano estava salva mas só foi possível devido à ajuda de todos os seres do Planeta Terra.



As gotas Gotinhas de mão dada - Mariana Russo, 5ºB

Texto 4: Conto A GREVE DO PAI OCEANO, Nuno Silva, 5º ano
Data de edição: maio 2014

3º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2013/2014
Categoria Ensino Básico – 2º Ciclo

No Oceano do planeta verde, terra misteriosa e de um azul borbulhoso, precisamente a um mês da celebração das grandes Festas Atlânticas, do tipo do Natal no planeta terra, que junta as famílias do oceano inteiro, os dragões marinhos encontram-se num estado de nervos aflitivo. Tal nunca tinha acontecido antes, um pensamento destes jamais lhes tinha passado pela cabeça e o pior é que durante todo o ano não houve o mais pequeno sinal de que uma tragédia como esta se poderia avizinhar.

O que fazer?

O Pai Oceano, grande rei dos 11 mares, "meteu" greve.

A dragão Dulcineia, diretora geral da "Festividades Atlânticas Lda." e responsável chefe pelo projeto Festas Atlânticas de 2014, estava de "cabeça perdida", simplesmente, já não sabia o que mais podia fazer, para convencer o Pai Oceano a participar neste projeto. Felisberto, o diretor comercial, tinha-lhe simplesmente transmitido que o Pai Oceano estava deprimido e que nem os apelos mais "doces", das cartas das crianças aquáticas, tinham sido suficientes para o motivar.

O que fazer? -pensou Dulcineia, a Atlântica está em crise! Vou convocar de imediato uma reunião.

No dia seguinte, às 9 horas em ponto, reuniu com todos e declarou:

- Bom dia, minhas criaturas aquáticas, convoquei-vos para esta reunião de urgência porque como todos já devem estar ao corrente, a Atlântica 2014 está em crise. A figura central da nossa campanha está em greve, parece que está deprimida. Não sabemos qual a razão desse estado de espírito, mas temos que resolver este problema, o mais rápido possível.

- Isso não é um problema! - afirmou o confiante Bonifácio, administrador das festas - Arranja-se outro, o Rato Mickey não estará disponível? Tenho a impressão que, nesta altura do ano, não deve estar com a agenda muito ocupada! Ou talvez a Pantera Côr-de-rosa, que voltou a estar na moda, nesta última edição de DVDs do jornal "Marítimo". É só averiguar qual deles "pede" o salário mais baixo.

- O sr. Doutor vai-me desculpar - protestou a dragão Constância, diretora de publicidade - mas não posso concordar com essas sugestões. A figura carismática de avozinho "barbatanas largas" e ternurento não é comparável a nenhuma dessas personalidades. O Rato Mickey é demasiado esperto, ainda fica com metade das prendas, sem darmos por isso, e a Pantera Cor-de-rosa adora fazer travessuras. Enfim, penso que nenhuma destas figuras se enquadra na imagem da nossa festa.

- Eu diria que a Pantera Cor-de-rosa até se enquadraria na perfeição, avaliando pelo comportamento de algumas das criancinhas de hoje em dia...Hihihih - rematou Bonifácio.

- Para mim, tanto faz, uns ou outros, desde que não ultrapassem o orçamento - disse Rodolfo, o guarda das riquezas e tesouros do oceano.

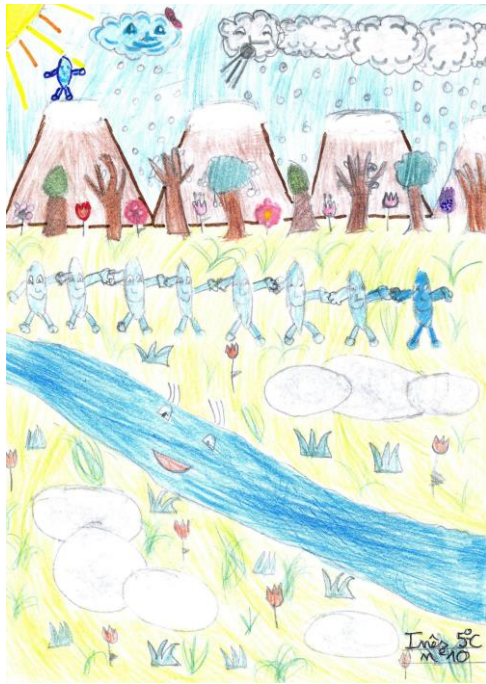
- Eu penso que a nossa colega Constância tem alguma razão - afirmou Dulcineia - Afinal, a nossa imagem de marca sempre foi o Pai Oceano. A sua notoriedade é absoluta. Não nos podemos esquecer que as cartas, que recebemos, lhe foram todas dirigidas e que as pessoas estão a contar com a sua presença, na Festa deste ano. Qualquer outra opção poderá ser um fiasco! Na minha opinião, deveríamos falar com o Pai Oceano, para sabermos qual a causa disto tudo.

- Assim seja! - responderam todos ao mesmo tempo.

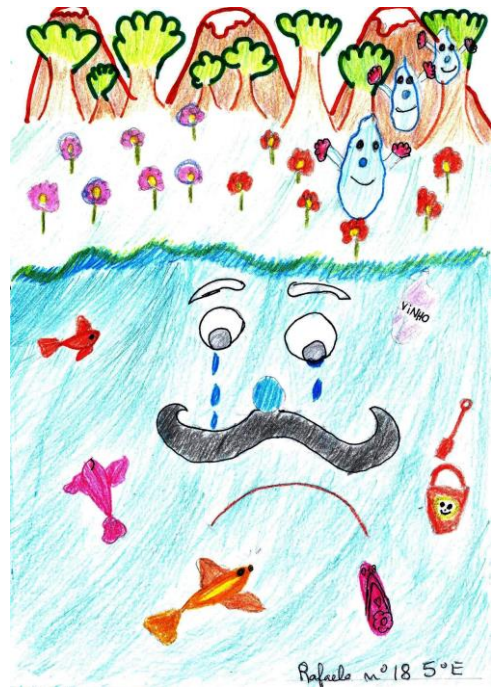
No dia seguinte, após várias tentativas falhadas, para falar com o Pai Oceano, Dulcineia decidiu, finalmente, fazer-lhe uma visita:

- Truz, truz, truz. Está alguém na gruta? Pai Oceano, é a Dulcineia, precisava de falar consigo, urgentemente.

Não se ouvia nada, nem um ruído. Só a brisa do oceano, a soprar...



A gota Gotinha - Inês, 5°C



Oceano em perigo - Rafaela, 5ºE

- Truz, truz...
- Boa tarde, Dulcineia, que fazes aqui?
- Queria muito falar consigo, estou muito preocupada com a nossa Festa Atlântica.
- Entra, mas como sabes estou em "greve". Não pretendo participar na Festa.
- O Felisberto disse-me que estava deprimido...
- Qual deprimido, qual quê? Não estou deprimido, estou indignado, enraivecido...
- Mas porquê?
- Ora, porquê? Porque estou "farto" de ser imitado, se fossem só os terráqueos, mas não, são todos... Todos os pais vestem aqueles fatos "made" não sei onde e pior, compram as barbatanas, barbatanas falsas, onde já se viu! Fazem passar-se por avozinhos e alguns, nem barriga nem escamas têm, se bem que isso está a mudar. E as caudas? As caudas transformaram-se em pequenos motores com luzes... Estou cansado de ser ultrajado! E não é tudo! Usam a minha imagem fora de tempo, ainda faltam meses para o Festa Atlântica e já me penduram nas entradas das tocas, nos corais! Se ainda fosse nas chaminés, como "manda" a tradição da terra, mas não. Perdi toda a minha credibilidade, já não posso representar a Atlântica!
- Isso não é verdade...
- Até me fusionaram com um cavalo-marinho e me puseram a comunicar com ele, via ligação radioelétrica! Estamos no oceano!
- Sim, mas ao menos essa, não era terráquea...!
- O que mais me entristece é saber que isto tudo contribui para que as crianças aquáticas deixem de acreditar na minha existência. Os pais vestem medonhas fantasias e acabam por ser descobertos pelos seus filhos. É o fim! Estou em greve, já disse...
- Nem por um trenó aquático de fibra de vidro?
- Não, nem mesmo por essa generosa oferta!
- Pai Oceano, se queres que as crianças acreditem no Oceano e em ti, tens tu próprio de acreditar no teu valor e, sobretudo, no sentimento de alegria que lhes transmites. Achas mesmo que todas as criaturas aquáticas, que se deixam encantar por esta maravilhosa e solidária quadra, devem deixar de ter festa atlântica e de sonhar?
- Hummm! Vendo bem as coisas, tens razão. A oferta do trenó ainda se mantém?

Texto 5: GENTE QUE CONHECI, José Sousa, nº12, 5ºB
Data de emissão: janeiro 2015

Conheci a professora Amália no primeiro dia de aulas, estava eu no 1ºano.

Encontrava-me na sala de aula com os meus colegas quando ela entrou. Era uma senhora de estatura mediana, com um sorriso grande, olhos castanhos (quase amarelos) e cabelos curtos da mesma cor.

Começou por se apresentar, sorrindo para nós com simpatia. Em seguida, pediu-nos que também nos apresentássemos.

Gostei logo da nossa professora.

Foi sempre meiga, muito educada, divertida e amável para todos nós.

Nas suas fantásticas aulas aprendi português, matemática e estudo do meio.

Corrigiu, com paciência, os meus erros e ajudou-me a ultrapassar as dificuldades.

Jamais esquecerei a professora Amália, uma pessoa muito importante na minha vida.

Texto 6: A VIDA EXISTE MESMO, Sara Anjos, nº22, 9ºD
Data de edição: dezembro 2014

O tempo é desfolhado. O Homem prolifera. A Natureza é despida. As florestas frondosas são substituídas por meros espaços fúteis, em menos tempo do que se imagina...

Obdúlia, uma criança pequena, procurava encontrar os extremos dela própria enquanto vagueava pela floresta. Via os raios de luz serem filtrados pelas folhas verdejantes, enquanto de leve, o vento balbuciava nos seus olhos. Tudo parecia calmo. Aquele espaço era um dos últimos que restavam do planeta, onde ainda se poderia dizer que a cor do vento predominava. E por saber o quão peculiar e precioso aquele lugar era, ela procurava nele um sinal que fosse, que pudesse provar que a vida se mantinha salva, enquanto permanecia sentada num dos ramos daquelas árvores. Apesar de cansada, Obdúlia continuava passo a passo, curiosa e desejosa por encontrar a vida algures por ali. Tentava imaginá-la na forma de uma folha ou outro ser lendário, vestida de cores variadas, símbolos do seu esplendor. Porém, ela não encontrava coisíssima nenhuma. Nem a mais pequena voz melodiosa.

Farta, a criança parou para refletir. Todas as pessoas diziam que a vida dependia de espaços como aqueles, mas se assim era, porque é que ela não conseguia voar?

Com esse pensamento, a menina achou que a tinham enganado e que ela era vítima daquelas mentiras. Tornou-se raivosa, a pequena. Se não encontrava a vida ali, então era porque ela nem sequer existia. A sua alma perdeu a vivacidade. Ficou numa tonalidade de antracite. As mãos do mal envolveram o seu coração tenro em idade.

Trazia nos seus bolsos um único fósforo que tencionava usar. Furiosamente, raspou-o num tronco rugoso e mal a chama luzidia e flamejante se acendeu, a criança deixou-o cair furtivamente no meio da folhagem. Nesse momento, de uma pequena chama nasceu um grande incêndio. Com isso feito, Obdúlia procurava obrigar a vida a aparecer à frente dela, desesperada por fugir do fogo. No entanto quem se viu nesse papel foi a própria miúda.

O incêndio alastrou e encurralou-a. Punhados de pessoas apareceram em seu socorro, mas eram incapazes de a salvar!... A cor laranja pintava todo aquele lugar.

A criança, fraca, deixou-se cair. À medida que se afogava nas chamas, ela conseguiu ver a vida. Concluiu, então, que não era mentira, afinal. Ela existia mesmo naquela floresta e, tal como as árvores, a vida partiu, sentada não nos ramos, mas no colo da pequena. O prelúdio da morte chegara...

Texto 7: O TERROR DA FLORESTA, Catarina Miranda, nº7, 9ºF
Data de edição: dezembro 2014

Ouvi dizer que estavam a construir um novo espaço urbano perto do meu local de vivência e, por isso, decidi vir investigar.

Desloco-me por entre ruas e edifícios. Tudo parece normal, sem mudança aparente quando me deparo com a ideia de que estou no meio de árvores. Reparo numa placa que indica que há obras aqui mesmo ao lado. Chego-me mais ao perto e começo a ouvir um leve sussurro. Olho em volta, para compreender de onde vem, porém ninguém parece falar comigo.

“Foge! Tens de te ir embora! Vai! Nós vamos todas morrer e tu serás o próximo!” diz a voz, agora gritando. Penso ouvir mais alguns gritos e lamúrias, mas o som ensurdecedor das máquinas e serras, usadas por humanos com o coração poluído, impede que escute claramente. Estará alguém a tentar enviar-me uma mensagem acerca do futuro que se aproxima ou serei apenas eu a enlouquecer?

Chego, então, à conclusão de que toda esta confusão é feita pelas armas usadas pelos homens, já mecanizados, que destroem uma floresta, outrora magnífica. É como se eu próprio sentisse a dor daquelas a serem assassinadas, brutalmente. E percebo que, qualquer dia, seremos nós, as pessoas, a pedirmos socorro. O problema é que, por essa altura, já nada restará para nos ajudar...

Preservem o ambiente e deem valor àquilo que têm agora, pois, mais tarde, podem vir a arrepende-se!

Texto 8: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Rita Couto, nº24, 9ºF
Data de edição: Outubro 2014

Desço a rua, cumprimento os meus vizinhos, entro no autocarro, sorrio para a menina que está a conduzir e digo-lhe “Bom dia!”. Surpreendentemente, ela responde-me, feliz. Quando me sento, reparo no que me rodeia; as pessoas comunicam umas com as outras, algumas desanimadas, outras que as encorajam e lhes dão forças para continuar mas todas elas muito sociáveis e solidárias. Pareceu-me a viagem mais rápida da minha vida, e ao contrário dos outros dias, gostava de poder ficar durante mais tempo naquele autocarro, talvez mais barulhento, mas alegre. Respirava-se esperança no dia de amanhã dentro daquele transporte.

Encontro-me com a minha mãe à porta do supermercado. Quando entramos, dirigimo-nos ao multibanco, no qual está uma senhora à nossa frente. Ela lamuria e diz triste “Parece que hoje em dia vivemos só para pagar contas!”. Finalmente, quando chega a nossa vez, reparamos em dinheiro esquecido naquela caixa (à qual se resume a nossa vida). Como alguns outros fariam, a minha mãe alerta a senhora e dá-lhe o seu dinheiro. Ela recebe-o surpreendida e começa a sorrir com imensa gratidão. A minha mãe acaba de mudar o dia de uma pessoa.

Afinal, nem tudo tem de mudar. Nem tudo está a mudar. As nossas boas ações despoletam as boas ações das outras pessoas. Podemos fazer alguém mais feliz, mesmo se não o conhecermos. Acho que todos os dias deveriam ser assim, as pessoas deveriam ser mais livres, mais humanas e não se deveriam levar tanto a sério. E se todos fizéssemos uma boa ação todos os dias? Acho que a nossa vida seria muito melhor.

Eu gostei da minha vida hoje. Espero gostar dela também amanhã.

Texto 9: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Cheila Alves, nº8, 9ºF
Data de edição: Outubro 2014

Saio de casa e dou de caras com a brisa suave do vento. Está um dia radiante, como sempre. A caminho do pequeno mercado da aldeia, passo pelo distribuidor de leite, que todos os dias, traz aos habitantes leite fresco. Este dirige-me um grande sorriso e diz-me “Bom dia!” e, da mesma maneira, respondo-lhe. Todos os meus vizinhos, que se

preparam para o dia, mostram-me, também, um grande sorriso e acenam-me. Sempre tão simpáticos.

Chego ao mercadinho e a sra. Augusta cumprimenta-me e ajuda-me a concluir as minhas compras do dia e assim que nos dirigimos para o balcão para pagar as compras, começamos a pôr a conversa de costume em dia.

É bastante agradável poder viver numa área assim. Acordar com o cacarejar do galo, abrir a janela para arejar a casa e ver as pessoas da aldeia a conversarem entre si, os imensos animais pertencentes à quinta da região a fazer o habitual barulho que cortam o som das ondas do mar e as crianças a brincarem alegremente à apanhada ou a fazer corridas como cavalos.

Aqui na aldeia é assim, todos se conhecem e todos se preocupam uns com os outros. Nada melhor que isto.

Volto a casa, com as minhas pesadas compras, que consegui trazer graças à ajuda de um adorável rapazito. Sinto-me feliz. Será que irá sempre ser assim?

Texto 10: NASCI NA FLORESTA, Cheila Alves, nº8, 9ºF
Data de edição: dezembro 2014

Nasci na floresta e fui criada pela mesma. Quem me acolheu foi Van, uma mulher alta e com grandes cabelos loiros e brilhantes. Com ela estava Sebastian, um lobo gracioso, enorme com um pêlo bastante luminoso e cinza. Van morreu há pouco tempo. E então agora quem me faz companhia é Sebastian. Não tenho muito a dizer sobre mim. Apenas que sou uma rapariga de 17 anos que tem um lobo como companheiro e a floresta como sua casa. A casa que agora está ameaçada...

Todos os dias acordo e agarro no meu arco para procurar o meu almoço tendo Sebastian sempre comigo. Mas, enquanto caminhava, algo de estranho aconteceu. Ouvia barulho. Muito barulho. Aproximei-me... Não... Não... Não! Não pode ser! Estão a destruir a minha casa! Como se atrevem!? Estava prestes a intervir, porém Sebastian impediu-me. Não podia fazer nada. A repugnante civilização estava perto. Os humanos, ao longo dos séculos, tornaram-se cada vez mais possessivos. Gananciosos. Destruidores. Quanto mais descobrem, mais anseiam. Mesmo que isso implique destruição em massa. O espaço das florestas e das matas tem vindo a diminuir, para que cresçam espaços urbanos. Árvores, plantas, animais e as suas famílias têm sido sacrificadas para que tal aconteça. E a humanidade não irá parar até que a sua destruição também se concretize. Ainda não se aperceberam de que o que nos dá vida é a Natureza. A nossa mãe. Filhos ingratos e egoístas! A nossa mãe que nos deu vida. E nós só sabemos desprezá-la. Até quando isto irá continuar? Será que a humanidade abrirá os olhos e perceberá o que faz?

Infelizmente, um dos nossos traços humanos é só nos apercebermos da importância de algo, quando sentimos a sua falta. E esse dia está perto.

Texto 11: DESÇO A RUA, Bruna Sousa, nº4, 9ºF
Data de edição: outubro 2014

Desço a rua, começa a chover, tiro o guarda-chuva, aranha metálica que se estende no ar. Pequenas gotas transparentes e pesadas caem do céu lentamente. À minha volta pessoas correm à procura de abrigo. Os carros que passam arrastam poças de água pelos passeios, molhando-os. O dia é escuro, mas alegre, pois no meio do cinzento carregado das nuvens, há sempre esperança de que um raio de sol venha a brilhar mais tarde. Parou de chover. Olho em volta. Tudo regressa ao normal. As pessoas continuam o seu caminho apressado. Fecho o guarda-chuva. Já não sei onde vou.

Texto 12: A MINHA GRANDE EXPEDIÇÃO, João Filipe Moreira, nº14, 9ºA
Data de edição: fevereiro 2015

A bordo do *Beagle* tudo estava a correr bem. O mar estava calmo, os ventos suaves e os tripulantes já se encontravam a almoçar.

Eu, no entanto, estava debruçado na proa, pois o pequeno-almoço balançava mais que o barco num dia de tempestade. Não ia enjoar outra vez!

De repente, no horizonte, surge, uma pequena ilha. Era um paraíso de altas palmeiras e de uma costa de areia branca, onde, para além dos rochedos e dos destroços trazidos pelas ondas, se via uma espécie de répteis esverdeados deitados ao sol. Como é que aquelas lagartixas vieram parar àquela ilha no meio do mar?!

Mal desembarcámos, fui observar aqueles animais, mas fugiram depressa para dentro de uma pequena gruta. Pareciam iguanas marinhas.

Mais tarde, enquanto o grupo descansava na praia, decidi explorar o interior da ilha. Depois de ter sido atacado por um exército de formigas e quase alvejado pelos pássaros que esvoaçavam por entre as árvores, cheguei perto de uma enorme catarata onde se via um arco-íris por cima da água. Um homem, provavelmente um náufrago, recolhia água de um depósito talvez construído por ele. E vislumbrei umas enormes tartarugas. Será que estava a ver bem? Voltando à imagem daquele homem, percebi que ele havia naufragado há muitos anos, mas depressa se apaixonara pelos seres e pela paisagem daquela lindíssima ilha.

Infelizmente, a semana passou depressa e tínhamos de zarpar rumo a casa. Depois de acordar o bando de preguiçosos da tripulação, carregámos o barco e partimos.

O velho homem não nos quis acompanhar. Preferiu ficar na sua ilha. Eu tive de voltar para vos contar esta história que me ficará na memória para sempre.

Texto 13: NO CAMPO, Mariana Magalhães Ribeiro nº14, 7ºE
Data de edição: janeiro de 2015

Naquele dia, o sol brilhava e estava tudo muito calmo e silencioso no campo.

Pairava no ar um cheiro a bolos de canela e compota de framboesa. O céu estava límpido e azul com o sol reluzente, tão brilhante e amarelo que parecia a joia do inalcançável céu... Sentia-se uma brisa refrescante que fazia as folhas das árvores sussurrarem como se cantassem todas juntas. Os troncos das árvores eram castanhos, grossos e rugosos, mas ao mesmo tempo acolhedores. A erva tinha sido acabada de regar, pois ainda estavam suspensas gotas que pareciam pérolas. Era verde, macia e salpicada de flores silvestres acabadas de florir. Permanecia no ar um perfume bom e intenso. Mais adiante, havia um rio cuja água cantava entre rochas. A água refrescante refletia o brilho do sol. Ouvia-se o canto dos pássaros, o som do vento e o cantar das folhas e do rio a correr. Ao longe, montanhas azuladas emolduravam a paisagem.

O campo, alegre e cheio de cor, invadiu-me de tanta felicidade que fiquei de olhar perdido no horizonte, a respirar o ar puro da Natureza.

Texto 14: A RUA DA NOITE, Rita Moreira, nº24, 7ºF
Data de edição: fevereiro de 2015

É na Maia que se localiza a minha rua da noite.

Da minha janela eu a vejo, tal como um infantário antigo, tapado por um verdejante cedro, de grandes folhas desenhadas minuciosamente e rodeado por duas pequenas e humildes hortas, cercadas por um muro velho, mas resistente, feito de empedrado e coberto de musgo.

Aqui os invernos são frios, de sol rasteiro que nos fere os olhos, mas também de um vento tímido e suave, que se pode tornar num nervoso vendaval. Já os verões são amenos, de brisas leves e refrescantes.

Ainda da minha janela, à esquerda, posso avistar um correr de casas simples, que vão levando o meu olhar até lugares mais distantes, lugares onde apenas se veem prédios altos. A luz é escassa. Apenas os esguios pirilampos iluminam este lugar.

Esta é a minha escura e reconfortante, pequena rua da noite.

Texto 15: A VIAGEM DA VIDA, João Gonçalves, nº13, 9ºD

Data de edição: março 2015

A minha viagem mais perigosa iniciou-se há 14 anos. No dia 26 de dezembro de 2000 comecei a viagem da vida, rumo ao desconhecido.

Para mim, crescer é uma aventura, porém as pessoas não vêem o amadurecimento como tal. Quando nascemos, estamos completamente desprotegidos sem sabermos como andar e muito menos como agir. Haverá aventura maior do que aprender a viver? Durante o crescimento, caímos muitas vezes e, por vezes, levantar é tarefa difícil, pois como todas as outras viagens, a vida tem muitas peripécias. Durante este percurso o desafio é ser persistente e pensar sempre que o contrário de ganhar não é perder, mas sim desistir.

Ver o que éramos comparativamente com o que somos é um exercício fantástico de se fazer. E pensar no que somos e no que seremos é igualmente espetacular. Saber que ainda estamos no início da nossa viagem a adaptarmo-nos a todo o seu encanto consegue deixar-me, em qualquer momento, com um sorriso de orelha a orelha. E saber que ainda há muito por descobrir deixa-me curioso e expectante. Apesar de ansioso pelo futuro, não gasto o presente a pensar nele, porque o futuro chegará e quando, no futuro, olhar para o passado não quero pensar que o gastei a pensar no futuro.

A vida é a mais bela viagem. Aproveitá-la é imperativo. A partir do momento em que começarmos a marcar a nossa vida com entusiasmo, ela marcar-nos-á com alegria.

Texto 16: DESCONHECIDO, Sara Anjos, nº22, 9ºD

Data de edição: março 2015

O mar respirava calmo. O mar penteava as ondas espigadas do oceano. O barco, velho e carrancudo, deixava-se navegar.

As vicissitudes que tive de enfrentar levaram a minha índole a precisar de espaço. Espaço para equilibrar as minhas energias sem deixar umas afogarem-se mais que outras. Era trabalho árduo. Difícil, sem dúvida.

Dizem que é no mar que limpamos o nosso interior. Eu estava suja, muito até, e a viagem que me encontrava a realizar parecia ser a solução. Parti com um objetivo: alcançar o desconhecido. Não tinha experiência, nem mesmo juízo. Todos me chamavam louca, mas só por terem inveja da minha coragem. E era isso que eu mais apreciava.

Por vezes, quando escovamos algo, aparecem riças ou nós dos quais nos tentamos desenfrear. Mas no ponto, no meio do nada, onde eu, o meu barco, e o chinfrim das gaivotas permanecíamos o assunto era bem mais complicado. Aí tudo fica mais agitado, revoltado. As velas contraem-se à medida que o vento as abraça. Perde-se o equilíbrio. Perco-me a mim própria. Sabem aquela sensação de que a morte nos amacia a pele e nos olha desalmadamente? Eu corria esse risco. Porém ainda não era daquela que iria comer terra fria. O lenho ficou perfurado. A água sedenta dela mesma, engolia-se cada vez mais. Naquele instante, tudo parecia tão grande, mas tão pequeno ao mesmo tempo...uma oposição efémera, digo-vos, desde já. Decidi mergulhar. Deixar as ondas guiarem-me até onde elas queriam. Pelos vistos nem elas sabiam.

Enquanto via o naufrágio, esqueci-me de segurar firmemente as minhas energias. Inclinará demais. O peso foi de tal ordem que não me sustentei. Deixei que os dedos salgados do oceano me envolvessem o corpo e, com ele, a alma. Esta ficou limpa, tenho quase a certeza. Agora, perguntam-me: porquê? Para que serviu, afinal, tudo aquilo? O que me levou a realizar a morte? Pois eu esclareço-vos: foi o entusiasmo, aquela vontade que nos consome e com ela nos faz mover o mundo...

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

A revista do projeto Comunicar
com Línguas para ler e escrever.
No Padrão.

«*Com medo de o perder nomeio o mundo...*»
Vitorino Nemésio (1959)

3. PÁGINAS DE BABEL

No século XXI, as línguas configuram uma Babel de povos e culturas, nas suas formas de nomear o mundo e de o representar por signos, em comunicação múltipla.

As **Páginas de Babel** constituem um espaço aberto à expressão e à comunicação, em diferentes línguas estrangeiras, no entendimento da essencialidade e funcionalidade do conhecimento linguístico, para a construção pessoal e profissional do jovem, enquanto cidadão de um País, da Europa e do Mundo. É nesta perspetiva plural que as páginas seguintes se abrem à comunicação em outras línguas.

Texto 1: LE PORTRAIT DE LA PROF. DE FRANÇAIS, João Freitas, nº 14, 7ºG **Data de edição: novembro 2014**

Elle s'appelle...
Elle a 57 ans. Elle est portugaise.
Elle habite à Maia, au Portugal.
Elle est grande et elle n'est pas mince.
Elle a les yeux marron.
Elle a les cheveux blonds.
Elle est gentille et elle aime bien s'amuser, mais quand elle s'énerve, elle crie fort...
mais je l'aime bien.
Qui est-ce?

Texto 2: LE PORTAIT DE MA MÈRE, Augusto Viana, nº6, 7ºF **Data de edição: dezembro 2014**

Ma mère s'appelle Cristina. Elle est née le 8 avril et elle a 43 ans.
Elle est grande et mince. Elle a les cheveux mi- longs, ondulés et marron. Elle a aussi les yeux marron.
Ma mère est amusante, calme, courageuse, gentille, intelligente, organisée, sensible, sérieuse et sympathique.

Texto 3: LE PORTAIT DE MA MÈRE, Catarina Magalhães, n°8, 7°F
Data de edição: dezembro 2014

Elle s'appelle Maria Magalhães.
Elle a 45 ans et elle est portugaise.
Elle a les yeux verts et les cheveux marron, courts et bouclés.
Elle est sympathique, calme, gentille et intelligente.
C'est... ma mère.

Texto 4: MON ÉCOLE, João Pedro Modesto, n°15, 7°F
Data de edição: fevereiro 2015

J'aime le français, parce que c'est une matière intéressante. Mes langues préférées sont l'anglais et le français, parce que ce sont deux matières faciles.
Le lundi matin, mes cours commencent à neuf heures dix et le mercredi après-midi, je n'ai pas de cours.
À l'école, j'aime jouer à la récréation.

Texto 5: THE ENVIRONMENT, Henrique Lima, n°5, 11°C
Data de edição: fevereiro 2015



"Environmental awareness is something total. One cannot live for half the day concerned with the environment and the other half ignoring or destroying it." – *Suryo Prawiroatmodja*, Indonesian environmental educator

Nowadays, everyone knows how our species' actions are affecting the Earth, our home. From drastic climate changes to an increasing number of diseases, what we do has an enormous impact on our future and on the future of mankind.

Therefore, the quote above, by Suryo Prawiroatmodja, mentions a huge issue, which starts on our attitude before certain situations. It is on our daily lives that we should implement measures to stop unnecessary pollution, and not just take action when it is most useful to us, as the mentioned environmental educator says "One cannot live for half the day concerned with the environment and the other half ignoring or destroying it".

Furthermore, the cartoon shown points to another common thought that people have. We always think we are not to blame and that the others are the ones who should be preventing the horrible future we have ahead. However, most of the times, we are contributing for the extreme temperatures, higher sea levels, melting of the ice caps and even to diseases even more than the people who surround us.

In conclusion, I think that if we wish to change the current course of our lives, we must start by considering our daily routines and decrease the amount of waste and pollution. This way, we might even be able to overcome the current issues of our planet and stop the global warming from spreading, the ozone layer depletion from continuing, the natural disasters from becoming so frequent and the rise of the seas from destroying cities and habitats.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

A revista do projeto Comunicar
com Línguas para ler e escrever.
No Padrão.

Ler é sonhar pela mão de outrem.
Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

4. FÓRUM DE LEITURA

O **Fórum de Leitura** constitui um espaço aberto à publicação de experiências de leitura de alunos, funcionários, professores e encarregados de educação.

A divulgação da descrição e crítica de obras de autores nacionais e estrangeiros, lidas em contexto escolar ou familiar, é o objetivo de uma secção que tem nas atividades «O Livro dos Livros», «A Companhia dos Livros» e «Viajar com Livros» os expoentes de um esforço coletivo de motivação para a leitura individual e para a aquisição de hábitos de leitura, dentro e fora da sala de aula.

A publicação de **impressões de leitura** de uma obra, de um conto, de um artigo... poderá funcionar como momento de reflexão de um primeiro leitor e momento de motivação de muitos segundos leitores. Afinal, o escritor só existe em simbiose com o leitor, numa relação mútua de enriquecimento pessoal e cultural. Mesmo que o escritor se distancie, no horizonte intransponível do fingimento da palavra, para sempre gravada no tempo. Retomando o poeta, cabe ao leitor todo um sentir múltiplo, eu-ele, pois «Sentir? Sinta quem lê» (Fernando Pessoa, *Isto*).

Texto 1: CRUZEI-ME COM PESSOA NA AVENIDA, Carina Freitas, nº5, 12ºC
Data de edição: janeiro 2015

Matosinhos, 13 de dezembro de 2014
Querido diário,

Finalmente, pude sair de casa. Foram testes atrás de testes, trabalhos atrás de trabalhos... coisas de escola. Bem, agora já posso dizer que estou de férias e que posso ir respirar um pouco sem me preocupar com o que tenho de fazer a seguir.

Hoje decidi ir até ao Porto ver as luzes de Natal de que tanto gosto... o grande pinheiro que ilumina a Avenida toda... o sentimento natalício é realmente inconfundível. Sabes que gosto de lá ir sempre acompanhada, mas estava a precisar de um tempo só comigo e com os meus pensamentos... lá fui sozinha. Quando cheguei, a primeira coisa que procurei foi um banquinho para me sentar. Sentada, comecei a olhar em redor e a contemplar aquelas luzes que me aquecem a alma. Depois, comecei a observar as pessoas que iam passando... Cheguei até a ficar parva comigo mesma quando pensei que estava a ver Fernando Pessoa... sabes... em corpo e alma. Mas não. Isso seria impossível.

Por mim passou uma senhora com um ramo de flores, sorrindo para elas e cheirando-as ... Depois passou uma criança a saltar e a gritar, com uma prendinha na mão, estava realmente em êxtase. Ao lado da criança, estava um senhor, já de idade, suponho que fosse o seu avô, que olhava para a criança e que demonstrava saudades daqueles tempos... do tempo em que ele também fora uma criança e saltara de tanta felicidade. De repente, começou a chover. Corri para debaixo de um teto para não me molhar.

Esperei que parasse de chover, mas a chuva teimava em não ir embora... O mais curioso é que, quando começou a chover, houve três pessoas que não correram para se abrigar, ficaram ali, debaixo da chuva, a molharem-se com ela. Ficaram ali como se nada se passasse... Achei-os realmente muito estranhos. Mas, meu diário, lembra-te do que te disse há pouco? Quando referi que cheguei a acreditar que tinha visto Fernando Pessoa? Na verdade, vi-o. Vi Fernando Pessoa quando passei pelo avô da criança que olhava nostalgicamente para o seu neto, desfiando memórias da sua infância. Vi Alberto Caeiro quando passei pela senhora que ia cheirando e olhando para as suas flores. Vi Álvaro de Campos naquela criança que saltava e gritava de alegria, com todos aqueles sentimentos à flor da pele, com aquele excesso de sentir... Por fim, vi Ricardo Reis naquelas pessoas que ficavam a apanhar chuva... Sabes porquê? Porque elas estavam a aproveitar o momento que passava e isso era a única coisa importante para elas.

Esta minha ida ao Porto tem que se lhe diga... tu sabes como eu sou muito observadora, mas desta vez fui mais além. Descubri que Fernando Pessoa se encontra em todos nós, nos mais pequenos gestos e atitudes que temos... E em todos os segundos que passam, cruzam-se no nosso caminho muitos "*Fernandos Pessoas*" ... Na verdade, Fernando Pessoa nunca morreu, porque cada um de nós tem um pouco de si.

Até à próxima.

Texto 2: A LENDA DE RODOLFO, Catarina Alves, nº5, 8ºF

Data de edição: janeiro 2015

Vou-vos contar uma lenda que muitos já ouviram mas que nunca ninguém percebeu: a lenda de uma pequena rena chamada Rodolfo, com um nariz tão vermelho quanto os lábios da bela Branca de Neve.

Rodolfo, além de ser de uma beleza extrema, fazia parte de uma longa linhagem de renas reais, ajudantes do Pai Natal e, por isso, era muito respeitada e invejada por todas as renas da sua idade. Rodolfo era arrogante, convencida e de uma malvadez profunda, fazendo com que as suas amigas a detestassem secretamente.

Um dia, chegou uma nova rena à fazenda do Pai Natal que, graças ao seu maravilhoso encanto, beleza e simpatia, se tornou rapidamente muito popular. A rena Rodolfo ficou com inveja dessa nova rena e, sem o conhecimento de ninguém, foi ameaçá-la. Mas, para sua surpresa, o caso era bem pior pois, atrás daquela engenhosa farsa de rena simpática, na verdade a rena era tão má e arrogante quanto Rodolfo, até pior, podemos dizer, e, para se vingar daquelas ameaças, a recém-chegada gozou com o seu reluzente e até aí muito cobiçado nariz vermelho, à frente de todas as outras renas.

A partir daí, Rodolfo foi muito gozada e humilhada, sendo ridicularizada todos os dias e as suas amigas abandonaram-na. Ela andava sempre sozinha e nunca ninguém lhe falava, apesar de, por onde quer que passasse, haver sempre alguém a sussurrar algo sobre ela e sobre o seu horrível e humilhante nariz.

Rodolfo sentia-se só e muito triste, mas, num último raio de esperança, a partir de uma enorme e enferrujada porta de metal, saiu um homem com uma longa e pontiaguda barba branca, óculos redondos de fundo de garrafa e uma grande placa feita de pano e linha no seu peito, com as palavras "Pai Natal". O Pai Natal aproximou-se dela e, com uma grande carícia, questionou-a sobre os últimos acontecimentos. Rodolfo não hesitou e explicou-lhe tudo, sendo que, à medida que falava, derramava uma lágrima por cada palavra que saía da sua boca e, com lindas e majestosas palavras, o Pai Natal, disse-lhe:

- Minha querida, não precisas de chorar, não precisas de ter medo, o que precisas é de levantar esse focinho e lembrar-te que a esperança é a última a morrer e que, por

vezes, fazemos escolhas erradas mas, desde que o nosso coração seja puro, podemos sempre remediá-las.

Todos podemos prever o que o Rodolfo fez a seguir mas, tal como muitas, esta é apenas uma lenda sobre uma história com muitos anos, passada de geração em geração. Uns dizem que Rodolfo era frágil e fraca, outras apenas uma rena entre muitas mas, enfim, esta é a minha versão da Lenda de Rodolfo.

**Texto 3: A LUA DE JOANA de Maria Teresa Maia Gonzalez, Ana Freitas, nº2, 8ºF
Data de edição: janeiro 2015**

O livro *A Lua de Joana* fala-nos de uma rapariga chamada Joana, que perdeu recentemente a sua melhor amiga e que lhe escreve cartas a desabafar. Apesar de Joana não entender o porquê de a sua melhor amiga ter-se metido no mundo da droga (causa da sua morte), vai acabar por, também, ir lá parar e morrer da mesma forma da amiga.

Eu gostei deste livro, pois achei-o bastante interessante. Na minha opinião, o tema é bastante interessante e deveria ser mais abordado. Qualquer adolescente/jovem devia ler este livro, pois ele mostra-nos as consequências que este ato tão mau, o consumo de droga, pode ter numa pessoa e talvez fizesse com que pensassem mais antes de cometer o mesmo erro.

O título adequa-se a ele, já que o lugar onde a personagem principal (Joana) toma as suas decisões e reflete sobre o seu dia-a-dia é a lua presente no seu quarto.

A minha personagem preferida é Joana, porque é a que sofre mais mudanças ao longo da história e que, por isso, sensibiliza mais sobre este tão mau hábito.

Gostei imenso da forma como é escrito este livro (as cartas para a melhor amiga de Joana), pois cativa-nos e aproxima-nos da história e da personagem Joana, visto que é como se fôssemos os únicos a ler os seus desabafos.

Concluindo, devido ao facto de eu ter gostado bastante do livro e de achar o tema bastante importante, aconselho vivamente a sua leitura.

**Texto 4: SOMOS TODOS UM BOCADO CIGANOS (I) de Jorge Marmelo, João Carlos, nº8, 11ºC
Data de edição: janeiro 2015**

Nota bibliográfica

Manuel Jorge Marmelo nasceu em 1971, no Porto. É jornalista desde 1989. O seu primeiro livro, *O Homem Que Julgou Morrer De Amor*, em 1996, foi editado pela Campo das Letras. Publicou, depois, vários romances, entre os quais *Nome De Tango*, *As Mulheres Deviam Vir Com Livro De Instruções* e *O Amor É Para Os Parvos* e alguns contos. Em junho de 2005 ganhou o grande prémio do conto Camilo Castelo Branco com o livro *Um silêncio Nunca Vem Só*. A seguir, a obra *Uma mentira mil vezes repetida* foi publicada pela Quetzal editores em 2011 e o seu mais recente romance, *Somos Todos Um Bocado Ciganos*, no ano seguinte.

Reconto/ Síntese

Júlio é um rapaz cujos pais são donos do grande Circo Romani. Antes da época natalícia, instalaram-se na pequena cidade de Água Comprida. Num dos primeiros espetáculos, o trapezista Ricardo caiu da corda e magoou-se, pelo que os espetáculos foram suspensos. Júlio, inconformado com a situação e melancólico com o facto de Cristiana, mulher do Ricardo, mas o seu amor, ter ficado junto ao marido, até ele melhorar, decidiu investigar os motivos da queda do trapezista.

Júlio tinha a ideia de que alguém colocara óleo na corda, acidentalmente ou de propósito. Outra das suas teorias era a possível relação deste crime com outro, que acontecera há algum tempo, de que resultara a morte de Pavarotti, o burro cantor. No decurso das suas investigações, Júlio começou a conhecer melhor os artistas do circo e chegou à conclusão de que nenhum seria capaz de cometer tais crimes.

Já que as investigações não davam qualquer resultado, começou, a conselho do pai, a pensar num novo número de circo, para estrear quando Ricardo estivesse recuperado e

o Circo Romani reabrisse. Algum tempo depois, descobriu-se o autor da morte do burro, um homem que fora apanhado a tentar matar galinhas. Porém, todos ficaram muito revoltados ao ouvirem que o homem tinha sido libertado por falta de provas. Voltan, que era o dono do burro e tinha um carinho muito especial pelo Pavarotti, decidiu fazer justiça pelas próprias mãos, matando o assassino de animais. Posteriormente, foi preso, deixando Circo Romani ainda com menos artistas. Finalmente, o pai de Júlio decidiu fechar o circo por falta de condições, sendo esse o final da obra.

Texto 5: SOMOS TODOS UM BOCADO CIGANOS (II) de Jorge Marmelo, João Alves, nº17, 11ªA

Data de edição: fevereiro 2015

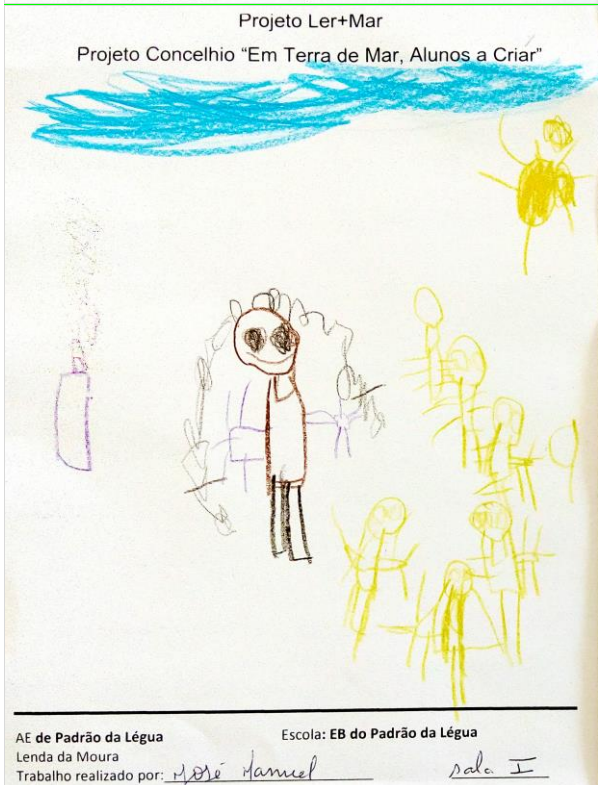
A obra em questão trata, essencialmente, das consequências de duas tragédias que se abatem sobre o Grande Circo Romani: a queda do equilibrista do circo, Ricardo, da corda bamba, e a morte do burro cantor, *Pavarotti*, sendo toda a história narrada pelo filho do dono do circo, Roberto. (...)

Vemos os lados mais sombrios das personagens, à medida que as dificuldades do circo vão, gradualmente, pesando sobre elas e ceifando-lhes a esperança, diminuindo os laços que os unem, os quais, percebemos, não são assim tão fortes – por toda a beleza e magia que espalham, são ainda humanos os elementos do Grande Circo Romani. Vulneráveis à desgraça e à tristeza, estas pessoas têm sentimentos e a discriminação que sofrem à mão dos habitantes da pequena e comuníssima vila de Águas Longas põe a descoberto as suas fraquezas e, ao mesmo tempo, a sua humanidade. Notamos que, por muito felizes que os artistas do circo as tornem, os habitantes da vila nunca terão confiança, respeito ou, sequer, um sentido de obrigação de decência para com estes.

(...) A suspeição da polícia (e de Roberto) de ter havido intervenção terceira na queda de Ricardo e no assassinio de *Pavarotti* e, mais tarde, a certeza e passividade da polícia quando Zé Galinha é identificado como o culpado deste último crime, demonstram a realidade hostil dos sentimentos dos habitantes perante os artistas. A ironia e estupidez nos preconceitos das gentes de Águas Longas são especialmente visíveis nas cenas finais da obra, nas quais Voltan é levado pela polícia e onde nem Carla olha para Roberto enquanto os elementos do circo esperam pelo mágico. Sendo uma vila pequena e pobre, há nela espaço para a marginalização daqueles que realmente se situam na base da pirâmide, como Carla e a sua família. Ainda assim, mesmo com a (suposta) enorme magnitude das diferenças entre as pessoas da vila, todos se juntam para escarniar, galhofar e, afinal, deixar sem qualquer sombra de dúvida que não são considerados bem-vindos naquele miserável local. Esta espécie particular de bairrismo, que consiste tão só e apenas no orgulho fervoroso e febril em algo que não amamos nem apreciamos, mas, simplesmente, e por algum sentido primitivo egoísta, ridículo, patético, queremos partilhar com um número restrito de pessoas, parece-me o grande alvo da crítica latente da obra.

O livro não se concentra especificamente na discriminação sofrida pelo povo Romani ou por artistas circenses, apesar de, sem qualquer dúvida, expor abusos sofridos por estes grupos. Em vez disso, fiquei com a percepção de que o livro ataca diretamente o âmago da natureza humana: a desconfiança artificial que usamos, de início, como um manto que nos protege, e que até desgostávamos de usar, e que se torna, depois, um belo tecido que assaz bem nos cai e que não hesitamos em vestir e mostrar a qualquer estranho e, por vezes, amigo, que se nos achesse. Assim, devemos desconfiar da própria desconfiança, desse feio tecido, que, dia a dia, nos vai parecendo mais gracioso, mais voluptuoso, até que o usamos de bom grado, e não ousamos despi-lo, acabando por nos tornarmos pouco menos que um caracol dentro de uma carapaça: desligado, rancoroso e cético de tudo o que não esteja dentro do seu mundo.

Como última analogia, e em jeito de conclusão, sinto que o livro nos avisa da construção de muralhas, pois, facilmente, estas se tornam a nossa prisão.



Projeto Ler + Mar
Lenda da Moura
Pré-escolar da Escola Básica do Padrão da Légua
Leonor Gonçalves, Micaela, José Manuel e Lara (sala I)

Texto 6: A ILHA NA RUA DOS PÁSSAROS de Uri Orlev, Leonor Fernandes, nº10,10ºD
Data de edição: fevereiro 2015

Nota bibliográfica

Uri Orlev é um escritor judeu polaco, nascido em Varsóvia, em 1931. O seu pai foi capturado pelos russos, durante a 2ª Guerra Mundial, reencontrando-se com os filhos 15 anos depois. Orlev refugiou-se num gueto, com o seu irmão e a sua mãe, entre 1939 e 1941. Hoje, vive em Jerusalém. Publicou *Lídia, Rainha da Palestina* e *Corre, rapaz, corre!*

Reconto/ Síntese

A obra retrata o percurso fictício de um rapaz judeu, na Polónia, na 2ª Guerra Mundial. Alex tem 11 anos e, após o desaparecimento da mãe, passou a viver com o pai e com Floco, um rato de estimação, partilhando o abrigo, num gueto, com outra família. Um dia, transportaram todos os judeus para campos de concentração e o gueto ficou uma cidade fantasma. Alex conseguiu escapar, mas o seu pai não conseguiu, porém prometeu a Alex que um dia voltaria. Durante meses, o corajoso rapaz conseguiu sobreviver escondido e sozinho, procurando comida em casas e esconderijos abandonados. O jovem construiu um abrigo elevado do chão, com provisões e uma saída de emergência. Nas suas visitas, ao exterior do abrigo, fez amigos e apaixonou-se por uma rapariga polaca.

Após cinco meses, ainda não havia sinais do pai. Embora Alex quisesse acreditar que ele voltaria, começou a perder toda a esperança, até que, certa manhã, finalmente aconteceu: o pai e o filho reencontraram-se.

Recomendação/opinião

Considero que este livro faz parte do conjunto de obras que todos deveriam ter na sua coleção. A obra revela a crueldade existente no mundo e a necessidade de igualdade. Embora o tema da Alemanha nazi seja relativamente comum, esta história é inovadora, uma vez que não focaliza apenas a situação mas também deixa transparecer o ponto de vista de uma criança que é forçada a crescer, mas que sente e vive o mesmo que as outras crianças da sua idade, juntando a realidade e o sonho, num livro comovente.

Texto 7: O PAPALAGUI (I) de Erich Scheurmann, Margarida Santos, nº18, 8ºF
Data de edição: janeiro 2015

O Papalagui é sem dúvida um livro incrível. Tudo nele é bastante bom, desde a mensagem que pretende transmitir, às expressões utilizadas pelo Tuiavii, sendo estas bastante engraçadas, por sinal.

Acho que não faz sentido falar deste livro sem primeiro dar a designação de "Papalagui". Então, "Papalagui" é a designação atribuída ao "Branco, o Senhor" como refere o livro, ou, por outras palavras, os Homens das cidades.

Este livro aborda uma história real, o que nos leva a fazer uma análise crítica à civilização ocidental. Tão real que chega a ser engraçado, porque na realidade aquilo a que damos tanta importância, às vezes, dá mesmo vontade de rir. O livro baseia-se na viagem realizada por Tuiavii, um chefe de uma tribo de Tiavéa à Europa. Escusado será dizer que, para ele, tudo o que vê na cidade é estranho, tudo é ridículo, tudo é pecado.

Podemos constatar que damos demasiado valor a coisas supérfluas, coisas que não têm nenhum valor, que não servem para nada, mas nós atribuímos muitas vezes o motivo da nossa felicidade a essas mesmas coisas. Por outro lado, por exemplo, a luminosidade do Sol, o som do mar e o bom da natureza não têm nenhum valor para nós, os Homens das cidades, o que chega mesmo a ser triste.

É um livro fantástico, com uma mensagem fenomenal, e faz-nos sem dúvida dar valor às mais pequenas coisas, não as querendo desvalorizar ao dizer "pequenas", porque na verdade, são essas pequenas coisas que têm grande significado. É sem dúvida dos melhores livros que já li e acho que toda a gente deveria lê-lo. Ajuda-nos a refletir sobre a vida e o mundo que nos rodeia.

Texto 8: O PAPALAGUI (II) de Erich Scheurmann, Ana Sofia Macedo, nº3, 7ºF
Data de edição: fevereiro 2015

O autor de *Papalagui*, Erich Scheurmann, nasceu em Hamburgo, em 1878 e morreu em 1957, na cidade Armsfeld.

Este livro tem como tema principal os europeus. É constituído por vários discursos de Tuiavii, o chefe de uma tribo, apresentando as suas opiniões sobre o 'o homem branco' depois da sua visita à Europa. No primeiro capítulo, Tuiavii fala sobre as roupas do Papalagui, que cobrem todas as partes do corpo, com a exceção das mãos, do pescoço e do rosto. Também comenta o uso de sapatos, de como estes evitam pisar o chão, comparando-os a canoas, e mostrando que o Papalagui gostava de viver com os pés apertados nelas.

No segundo capítulo, apresenta as arcas de pedra, as cabanas, as ilhas de pedra, as cidades, e as gretas entre elas, as ruas. O chefe comenta o facto de existirem várias famílias de Papalagui, numa só cabana. Além disso, um homem branco podia ser dono de uma cabana tão grande que alojasse todas as pessoas de Samoa, embora não fosse capaz de receber nenhum hóspede sem dinheiro.

No terceiro capítulo, o Tuiavii fica impressionado com o facto de o Papalagui adorar o dinheiro acima de tudo, percebendo que este valorizava demasiado "o metal redondo e o papel forte a que chama dinheiro". Salienta ainda que o europeu pensava que era Deus, fazendo-se passar pelo grande espírito, capaz de criar ou destruir o universo. No quarto capítulo, refere que o Papalagui tem muitos objetos desnecessários. No quinto capítulo, menciona a dificuldade em perceber a contagem do tempo, uma vez que o Papalagui tinha inventado uma máquina que o contava, o relógio. Além disso, revela que este só era necessário porque o europeu vivia na desordem.

No sexto capítulo, o Tuiavii fica admirado com a atitude dos europeus, que possuíam muitos "meus", já que considera que o conceito de posse está errado, pois acredita que o que nasce na natureza é de Deus, estranhando estas atitudes do homem branco, que geravam desigualdades. No sétimo capítulo, o chefe referencia as invenções do Papalagui, tais como as máquinas que andam no ar, na terra, na água e até dentro dela. Entre elas destaca as vantagens do telefone, de onde o homem podia dizer o que queria e as palavras chegavam a uma distância muito grande.

No oitavo capítulo, o Tuavii analisa as profissões inventadas pelos europeus, mas não compreendeu a diferença entre elas, sendo umas mais prestigiadas do que outras. No nono capítulo, evidencia o papel do cinema. Pensa que este poderia ser como uma cabana muito grande, escura, projetada na tela, levando os Papalagui a não conseguir distinguir a fantasia da realidade.

No décimo capítulo, diz que o Papalagui passava grande parte da sua existência a refletir sobre o futuro, esquecendo-se de apreciar o presente, por isso pensava no sol e vivia escondido dele. O décimo primeiro capítulo encerra com um comentário sobre os missionários que enganavam os samoanos.

Na minha opinião...

Eu penso que é uma obra viciante e, para minha surpresa, está dividida em discursos do chefe de uma tribo. Despertou a minha curiosidade e o meu interesse, especialmente, por causa do título, uma vez que me deu vontade de descobrir o que significava Papalagui. Assim, eu aconselho-vos a lerem este livro, pois é divertido e ficamos com uma visão diferente sobre objetos que utilizamos com frequência, bem como tomamos conhecimento de quão diferentes podem ser as culturas.

Texto 9: A CIDADE E AS SERRAS de Eça de Queirós, Henrique Lima, nº5, 11ºC
Data de edição: janeiro 2015

Nota bibliográfica

José Maria de Eça de Queirós foi um romancista português, nascido em 1845, Póvoa de Varzim, e falecido em 1900, em Paris. Nas suas obras, que incluem títulos como *Os*

Maias e O Crime do Padre Amaro, o autor retrata e critica a sociedade do seu tempo. Formou-se em Direito. Para além da escrita, exerceu a carreira diplomática.

Reconto/ Síntese

A obra pretende confrontar dois universos – a cidade e o campo – diferentes não só nos modos de vida, como também nos valores e nas mentalidades. O narrador, José Fernandes, é participante como personagem, tendo uma posição subjetiva. O romance passa-se no século XIX e retrata o convívio, ao longo dos anos, entre Zé Fernandes e Jacinto, em Paris e na região do Douro. A personagem Jacinto defendia uma teoria, relacionando o conhecimento e a capacidade humana, ampliada pela tecnologia, com a felicidade. Contudo, apesar de todos os luxos da vida em Paris, essa ideia de felicidade vai desaparecendo, dando lugar ao tédio. A fim de tratar da gestão da quinta dos seus antepassados, Jacinto, acompanhado do seu amigo Zé Fernandes, regressa a Portugal, a Tormes, na região do Douro. Após o choque inicial, numa casa sem luxos, Jacinto encontra a paz e a felicidade, que nunca conseguira alcançar em Paris. No final, casa com Joaninha, prima de Zé Fernandes, e dedica-se a causas sociais.

Recomendação/opinião

Eu aconselharia este livro a um colega, pelos seguintes motivos: é um bom exemplo da riqueza da língua portuguesa; trata um tema atual, porque também no nosso tempo se vive a problemática do binómio civilização/natureza. De facto, vivemos numa sociedade de consumo, que nos inunda de inovações tecnológicas, pondo em causa o equilíbrio ecológico e tornando-nos materialistas. Por isso, a mensagem obriga-nos a refletir sobre as diferenças entre a vida urbana e a vida rural, e entre classes sociais, que hoje são cada vez mais nítidas, no nosso país.

Texto 10: A SUPER EQUIPA, Rodrigo Silva, nº25, 5ºG

Data de edição: janeiro 2015

A propósito da leitura da obra *A fada Oriana* de Sophia de M. B. Andresen

Quando Oriana ia para a cidade, passou um mosquito com rapidez. Oriana disse:

- Onde é que vais com tanta pressa?

- Vou salvar o mundo dos insetos da terrível serpente- respondeu o inseto.

Oriana perguntou-lhe:

- Quais são os teus parceiros?

- São as moscas que têm o ataque aéreo, o gafanhoto que tem o super salto, a barata com a super rapidez, a formiga que tem a super força, a aranha que consegue descodificar códigos, a traça que fura as coisas mais duras, a abelha que lança um ferrão. Terrível é o caracol que tem um ataque nojento.

Oriana adorou tanto a equipa que quis participar e o mosquito, que era o chefe, aceitou. Por isso, transformou-se na "Super Oriana".

Quando ela já se tinha transformado numa heroína, o mosquito recebeu um alerta de que o senhor Castor estava a atacar o mundo dos insetos. Então Oriana e a Equipa "Insetada" foram para o mundo dos insetos debaixo da terra. Claro que Oriana tinha de diminuir e ela fez isso, com a sua varinha de condão.

O Castor era muito grande mas não era muito forte, por isso a Equipa Insetada ganhava-lhe. O gafanhoto distraiu o Castor para depois o mosquito o atacar pela retaguarda, para a aranha descobrir o código para desarmar a bomba, as moscas largarem a rede para prender o Castor, para o caracol o sujar, a barata para criar um remoinho e a formiga para o atirar para outro planeta.

Depois desse dia eles não descansaram. Tiveram de lutar contra a raposa que tinha entrado pelo buraco da Insetolândia. A Raposa era muito esperta, forte e matreira. O chefe mosquito elaborou um plano e o resto da equipa cumpriu-o.

O plano era o gafanhoto saltar muito para distrair a raposa e para a abelha lhe espetar um ferrão. A barata pegava numa corda para a enrolar à volta do pescoço sem o sufocar, para depois as moscas o deixarem tonto. Em seguida a formiga pegava na

raposa e o caracol fazia-o escorregar. Após isto, a aranha fazia uma teia à volta da raposa e a traça criava um ruído que incomodasse a raposa.

Desta maneira, a raposa não conseguiu derrotar aquele esquadrão, o mais forte do mundo! Oriana adorou tanto o esquadrão que quis viver com eles para salvar o planeta.

O mosquito adorou ter Oriana na equipa e fez uma festa com todos os membros.

ANIMAIS QUE HIBERNAM NO INVERNO



Trabalho coletivo
Pré-escolar de Gondivai
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Texto 11: O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, João Pedro, nº13, 5ºG
Data de edição: janeiro 2015

A propósito da leitura da obra *A fada Oriana* de Sophia de M. B. Andresen

... Depois de ter salvo todos os homens e animais, Oriana deitou-se na árvore antiga da floresta. Imediatamente ouviu alguém novinho a queixar-se:

- We! We! We!

Oriana levantou-se muito, muito ensonada (tão ensonada que não conseguia voar, nem sentir as pedras a rasgarem-lhe a pele). Passou de uma ponta à outra, até que se dirigiu à casa do moleiro, da moleira e dos onze filhos: o Pretinho, o Rodolfo, o Empinador, a Roseta, a Relâmpago, a Intelectual, o Terrível, o Desastrado, a Escondida, o Brincalhão e o João. Oriana ficou assustada com o que via. O João estava a chorar e Oriana exclamou:

- Pensei que já os tinha feito todos felizes?!

- Pelos vistos não! - Declarou a moleira com o Jojó ao colo – ele não para de chorar, porque viu um anúncio de cães e gatos e agora quer um animal de estimação!

- E se fosse um peixe? – Interrogou a fada.

- Um peixe, sim! We! We! We!

Então Oriana foi procurar um. Como não encontrou nenhum peixe, ela adormeceu embalada na areia fina, pequenina e branca como a neve, ouvindo o som do vento a soprar. O mar húmido e calmo empurrava as algas que faziam comichão nos seus pés delicados, enquanto as gaivotas pairavam à sua volta. De repente soou um barulho:

- Socorro!

- Esta floresta anda muito barulhenta! – resmungou a fada.

E viu o peixe novamente fora de água. Oriana escondeu-se e começou a rir muito baixinho. "*Desta vez eu não o ajudo!*" - Pensou ela.

Oriana, embora estivesse com desejo de vingança, ainda era uma fada milionária em bondade. Com o tempo, foi-se aproximando e o peixe gritou:

- Socorro! Woof! Ajuda-me!

- Queres que eu te ajude? Como se eu te fosse ajudar!

- Ajuda-me, sua bruxa!

- Assim não te ajudo!

Texto 12: VEMOS, OUVIMOS E LEMOS, Bernardo Cunha, nº6, 12ºB
Data de edição: fevereiro 2015

Obviamente o ver e o ouvir são importantes para uma boa qualidade de vida. Afinal evoluímos para ver e ouvir, e não foi à toa. No início era útil para encontrar comida e fugir de predadores. Mas acho que neste contexto, ver e ouvir vão mais além dos sentidos humanos básicos, neste caso é com o sentido de se compreender o que se vê ou se ouve, com o sentido de se apreciar...

Em termos básicos, ouvir e ver ajuda-nos na orientação pelo nosso mundo e no desempenho de tarefas e funções básicas como no trabalho ou na escola. Mas com a arte é que se faz magia. Desde sempre a raça humana faz arte. E desde sempre esta tem ajudado o ser humano individualmente, com a subjectividade e o gosto pessoal de cada um a trazer felicidade ao indivíduo; socialmente, ao partilhar os mesmos interesses artísticos com outras pessoas, tornamo-nos sociais e partilhamos os interesses; e também como humanidade, pois a criação e apreciação de arte une a humanidade e contribui para o desenvolvimento intelectual da humanidade como um todo.

A arte é maioritariamente inserida numa de três categorias. As artes visuais, sendo ligadas a um dos sentidos mais básicos do *Homo Sapiens*, a visão. As artes musicais, estando ligadas à audição humana. E talvez mais importante, as artes da literatura. Enquanto que, com as outras, o estímulo é dirigido para instintos básicos, na literatura, o estímulo é no pensamento ou imaginação.

Com um livro de filosofia ou de ciências, uma pessoa pode adquirir um enorme conhecimento, reflectindo sobre aquilo que lê. Mas com a literatura narrativa é que uma pessoa desenvolve o pensamento e a arte da imaginação. A subjectividade a que uma narração é sujeita, e até mesmo a imaginação dos espaços físicos e personagens permitem a um indivíduo perceber como é e qual o seu lugar.

Assim, tanto o ver e o ouvir, como o ler, têm uma importância vital para o indivíduo e a sociedade como um todo.

Texto 13: SERMÃO do Padre António Vieira, Ângelo Teixeira, nº7 11ºA
Data de edição: fevereiro 2015

No dia 13 de junho de 1654, na cidade de S. Luís do Maranhão, Padre António Vieira pregou um sermão a repreender os vícios dos homens, principalmente a escravatura que era feita no Brasil: o *Sermão de Santo António*. Na minha opinião, numa sociedade ideal, um valor indispensável seria o respeito mútuo, daí retomar a mensagem do *Sermão de Santo António* que considero muito atual.

Se os Homens se respeitassem não haveria guerras provocadas por diferentes religiões, raças ou princípios, e todos teriam a sua própria liberdade.

Mas, infelizmente, já no séc. XXI, não é o que acontece. Quando não há respeito, todas as diferenças entre os valores de cada um são motivo de diferenciação social ou de guerras que impedem uma vida normal. Veja-se o exemplo das guerras no Oriente. Devido à falta de respeito, a simples diferença de religião é motivo de guerra, terror, mortes injustificáveis e do impedimento da evolução individual e social.

Mas, infelizmente, já no séc. XXI, ainda há milhares de pessoas exploradas devido à ganância de muitos. A escravatura é, pois, uma realidade, não necessariamente igual à do tempo de Vieira, mas feita com outro tipo de "varas", isto é, feita de outro modo, por outro tipo de pessoas, à base do desrespeito mútuo. Tome-se como exemplo o trabalho infantil. Milhares de crianças são exploradas, sobretudo por produtores da indústria têxtil.

Em suma, o respeito é um dos valores mais importantes para a vida em sociedade, já que, ao respeitar as opiniões, a maneira de ser e a cultura de cada um, se asseguram a liberdade e a felicidade, individual e coletiva e se impede que haja "povos" que se aproveitem da vulnerabilidade de alguns para proveito próprio, como o Polvo caracterizado por Padre António Vieira.

Texto 14: A LUA NÃO ESTÁ À VENDA de Alice Vieira, Pedro António, nº 22, 7ºF
Data de edição: fevereiro 2015

Alice Vieira nasceu em Lisboa no dia 20 de março de 1943 e é considerada uma das mais importantes autoras portuguesas de literatura infanto-juvenil. A sua obra mais antiga, cujo título é *Rosa a minha irmã Rosa*, foi escrita em 1979, e a obra mais recente foi escrita no ano de 2013 e intitula-se *O Mundo de Enid Blyton*.

Tudo começa numa turma, onde estão a fazer um teste de História. Conhecem-se todos, moram todos no mesmo bairro e todos vão ao café de D. Estrela que é mãe de uma aluna chamada Júlia. Nesse bairro, existem dois cafés, o "Lua Cheia" da D. Estrela e o "Lua Nova". A rivalidade entre os dois vai criar certos rumores sobre os donos dos mesmos, dando a impressão que o "Lua Nova" quer comprar o "Lua Cheia". Mas no final do livro, ficamos a saber que não passam de mal entendidos sem qualquer significado.

Na minha opinião...

Eu recomendo este livro a pessoas que estejam insatisfeitas com a sua vida, e que tenham muitos problemas difíceis para resolver, porque o livro mostra que, se nós quisermos, podemos sempre "dar a volta ao resultado", como foi o caso da D. Estrela que, tendo morrido o marido (que era o gerente do Café), passou a ocupar o seu lugar, continuando assim o seu trabalho, conseguindo dessa forma continuar a sustentar a sua família. Como conclusão, diria que a leitura deste livro nos ensina que a nossa atitude perante a vida deve ser a solução e nunca o problema.

Texto 15: OS JOGOS DA FOME de Suzanne Collins, Bruno Rebelo, nº13, 10ºF
Data de edição: fevereiro 2015

Bibliografia

Suzanne Collins é uma autora americana, que nasceu no dia 10 de agosto de 1962 em Hartford, Connecticut. Graduiu-se no Alabama School of Fine Arts em 1980, em Artes Teatrais. Mais tarde, completou o bacharelato em Artes e Telecomunicações e, em 1989 obteve o MFA (*Master Of Fine Arts*) em escrita dramática. Em Outubro de 2008, lançou o primeiro livro da trilogia *Os Jogos da Fome*.

Reconto/Síntese

O romance tem lugar num futuro distópico, no país de Panem. Esta terra fictícia encontra-se dividida em doze distritos, com o poder absoluto concentrado no Capitólio. Ao longo da obra, o leitor segue Katniss Everdeen, narradora-personagem, uma rapariga de 16 anos, que habita no Distrito 12. Nos primeiros capítulos, conhecemos a mãe e a irmã de Katniss, bem como Gale Hawthorne, o seu melhor amigo e companheiro de caça.

Começa a Ceifa, um evento nacional, no qual um rapaz e uma rapariga, de cada distrito, são escolhidos, para competirem nos Jogos da Fome. Estes consistem num evento em que 24 participantes são colocados numa arena e devem combater até à morte, para que apenas um sobreviva vitorioso. A seleção dos tributos toma lugar e Primrose é escolhida. Katniss voluntaria-se para a substituir. Durante o evento, é-nos apresentando também Peeta Mellark, o jovem tributo masculino, que irá participar nos Jogos em nome do Distrito 12, ao lado de Katniss.

Katniss despede-se da família e do Distrito 12. A protagonista viaja agora num comboio que se dirige ao Capitólio. Após a curta viagem, Katniss chega ao Capitólio. É então que experimenta um contraste cultural, ao ser tratada esteticamente por Cinna, um estilista, que irá pertencer ao seu grupo de apoio. O extenso período de Katniss no Capitólio fica marcado pelo luxo das refeições e do alojamento, pelo desfile dos tributos, e ainda pelo treino contínuo para os Jogos da Fome.

Finalmente, Katniss entra nos Jogos. Passando por fome, desidratação, frio, cansaço, a jovem mostra-se uma sobrevivente fantástica, conseguindo escapar a adversários mais experientes. Entretanto, é feito o anúncio de que podem existir dois vencedores, desde que ambos sejam do mesmo distrito. Esta nova regra deixa a protagonista exaltada, iniciando a procura de Peeta, que encontra num estado deplorável. A relação dos dois fica mais íntima, à medida que ela cuida dele. Quando se sentem recuperados, tentam regressar ao centro da arena, pois é o único sítio com alguma água restante.

No final, apenas resistem três tributos – o par do Distrito 12 e Cato, um rapaz do Distrito 1, que ansiava matar Katniss desde o início. Numa batalha final, este último é derrotado, porém os produtores dos Jogos revelam que o seu último anúncio se encontra revogado. Katniss e Peeta recusam combater um contra o outro e escolhem morrer em conjunto. Como ficariam sem qualquer vencedor, os produtores declaram ambos vitoriosos, transportando-os para fora da arena. Finalmente, o romance termina com o retorno dos dois tributos sobreviventes ao seu distrito.

Apreciação Crítica

Eu aconselharia a leitura desta obra, porque explora temas atuais. As personagens cativam, à medida que ultrapassam cada desafio. Além disso, a história revela um universo diferente, que vale a pena explorar, interligando valores intemporais, como a vida e a morte, o amor e o ódio, a solidariedade e a traição.

**“O corpo conquista o que a alma deseja: isso é o amor.
A alma conquista o que o corpo deseja, isso é o outro amor.
Mas no desporto o corpo conquista o que a alma conquista; vão
juntos na dinâmica.”**

Álvaro de Campos/Fernando Pessoa (início do séc. XX)

XVII

TORNEIOS DESPORTIVOS INTER-ESCOLAS MATOSINHOS 2014/15



ABRIL 2015

13

BADMINTON

ESC. BÁSICA/SEC.
DO PADRÃO DA
LÉGUA

13

MANHÃ 14

ANDEBOL

ESC. SEC. ABEL SA-
LAZAR

14 TARDE

15

FUTSAL

NAVE PROF. COSTA
PEREIRA

14

TARDE 15

VOLEIBOL

NAVE ILÍDIO
RAMOS

15

MANHÃ 16

BASQUETEBOL

ESC. SEC. J. GON-
ÇALVES ZARCO

16

ATLETISMO

PAV. MUNICIPAL DA
BATÁRIA (LEÇA DA
PALMEIRA)

17

FINAIS

PAV. MUNICIPAL DA
BATÁRIA (LEÇA DA
PALMEIRA)

B4B1S

Concurso de Cartazes alusivos aos XVII Torneios Desportivos Interescolas Secundárias do Concelho de Matosinhos
Menção honrosa – Pedro Oliveira, EBSPL - AEPL

TEXTO 16: O PRINCIPEZINHO de Saint-Exupéry, Mariana Ribeiro nº14, 7ºE
Data de edição: fevereiro 2015

O *Príncipezinho* fala-nos da história de um avião que se despenhou no deserto do Saara. Numa noite, ele é acordado por um pequeno rapaz chamado Príncipezinho que lhe pede para desenhar uma ovelha.

Lentamente, o Príncipezinho foi contando a sua história. Vinha de um minúsculo asteroide chamado B 612 e nele cuidava de uma rosa vaidosa que necessitava da sua proteção total, uma vez que ela era única e muito frágil.

Um dia, cansado da vaidade da rosa e com curiosidade acrescida pelo mundo que o rodeava, o pequeno rapaz decidiu conhecer novos mundos. Iniciada a viagem, o Príncipezinho parou em outros asteroides onde encontrou diversas personagens que se destacaram pelo seu egoísmo, deixando-o muito desiludido. Por fim encontrou um geógrafo que lhe disse que a sua rosa podia morrer, o que o deixou triste e muito preocupado.

No planeta Terra teve vários encontros, mas o principal foi com a raposa, a qual lhe ensinou que o mais importante não se vê com os olhos mas sim com o coração e que o tempo perdido com as pessoas de quem mais gostamos é o que as torna tão importantes para nós. A raposa também lhe ensinou o verdadeiro significado da amizade.

Numa noite, no deserto onde encontrara o avião, o Príncipezinho foi mordido por uma cobra, o que lhe permitiu regressar à sua casa, cheio de saudades da sua rosa.

Na minha opinião...

Na minha opinião, *O Príncipezinho* traz-nos uma mensagem muito simples: "O mais importante não se vê com os olhos, mas sim com o coração".

Enquanto lia este livro, percebia a importância das crianças para as pessoas crescidas, porque por vezes os adultos é que aprendem com as crianças, como é o caso do narrador desta história. Também entendemos a importância das mínimas coisas, o significado de cativar e como as pessoas de quem gostamos são únicas, porque cuidamos e nos preocupamos com elas.

Concluindo, gostei imenso desta obra, pois para além de ter vários ensinamentos, ajuda-nos a sermos melhores no presente e no futuro. Aconselho a leitura deste livro, porque está escrito com uma linguagem simples, bela, correta e acessível. Também apresenta uma moral: "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos". Por isso, aprendemos a ver o mundo de outra forma, a dar valor às pessoas e às coisas que cativamos e, acima de tudo, percebemos que o tempo perdido com as pessoas de quem mais gostamos é que as torna tão importantes.

É por tudo isto que aconselho a leitura da obra *O Príncipezinho* de Saint-Exupéry.

Texto 17: O SONÂMBULO de Robert K. Muchamore, André Silva, nº4, 7ºF
Data de edição: fevereiro 2015

Robert Kilgore Muchamore nasceu em Inglaterra, a 26 de dezembro de 1972 e é um escritor britânico. É muito conhecido por ser o autor da coleção de livros *CHERUB*. Inspira-se na sua família para escrever os livros em que quem reina são os agentes da Cherub. Uma curiosidade é que trabalhou durante treze anos como detetive privado, mas abandonou a profissão para se dedicar à escrita a tempo inteiro.

Tudo começa com o regresso de Bethany Parker, uma amiga de Lauren (a irmã de James), ao campus da *CHERUB*. Como em todos os livros desta coleção, James recebe uma missão e, graças à sua reputação em missões desafiantes, é chamado para investigar um acidente aéreo: um avião, em pleno voo transatlântico, explode, tirando assim a vida a 345 pessoas. A *CHERUB* e os investigadores pensam tratar-se de um ato terrorista. Mas será? Caberá a James e à sua equipa de agentes descobrir e obter respostas para todas as perguntas. Mas não é tudo. Durante o decorrer da investigação, a polícia recebe um telefonema de um jovem que acusa o pai de estar envolvido no acidente. Poderá ser uma pista? Ou será apenas uma brincadeira de mau gosto?

E aqui deixo o suspense e aguço a vossa curiosidade para a leitura deste livro.

Na minha opinião...

O livro *O Sonâmbulo* é viciante, tal como todos os outros que eu já li da mesma coleção. Tem de tudo: descrição de espaços, aventura e emoção, perigo e um leve toque de mistério para criar curiosidade e vício pela leitura.

No entanto, nem toda a gente achará o livro interessante. Por isso, recomendo-o aos leitores que gostam de suspense, mistério e que, acima de tudo, se consigam envolver na história, deixando-se levar até aos mais diversos locais.

Este livro pode parecer grande e em consequência disso aborrecido, mas não, quem pensa isso está muito enganado. A sua leitura é fácil e cativante, pois a linguagem é apropriada para a nossa idade, e, por isso, apesar de ter muitas páginas, quando se acaba de ler até parece pequeno.

Texto 18: CÃO COMO NÓS de Manuel Alegre, André Sousa, nº 5, 7ºF

Data de edição: fevereiro 2015

A inspiração desta história é a relação verídica de Manuel Alegre com o seu cão, chamado Kurika, e a forma como este influenciou a vida de toda a sua família.

Kurika, personagem principal, tinha uma personalidade muito forte: era pouco obediente e acreditava não ser cão, ou seja, intitulava-se um membro da família. Não admitia portas fechadas, amuava quando era castigado e queria ser sempre o centro das atenções. Além disso, só estava bem junto dos donos, como se esse fosse o seu lugar por direito. Comportava-se como irmão dos filhos do autor, partilhando as suas brincadeiras, tristezas e amizade, procurando sempre protegê-los e acompanhá-los para todo o lado. Portava-se como filho da sua mulher, obedecendo-lhe em tudo e sendo especialmente meigo para ela, como se ela substituísse a sua própria mãe.

A relação mais conflituosa era com o narrador que durante anos tentou convencer Kurika e a família que era um cão e não um elemento da família, sem nunca o ter conseguido. Como o dono era o único que o obrigava a cumprir ordens, passear com trela e dormir fora de casa, o animal era especialmente rebelde e teimoso para com ele, tendo o apoio dos "irmãos" que chegavam a virar-se contra o pai para defender o cão.

O narrador vai relatando episódios da vida do cão. Com a sua morte, compreendeu que o cão, afinal, era um membro da família, fazendo parte das suas vidas. Por isso, vai descrevendo como ainda sente a presença do cão, mesmo após a sua morte, enrolado nos seus pés ou a passear pela praia ao seu lado. Assim, o meu excerto favorito é: "Sei que andas por aí, oiço os teus passos em certas noites, quando me esqueço e fecho as portas começa a raspar devagarinho, às vezes rosnas, posso mesmo jurar que já te ouvi a uivar, cá em casa dizem que é o vento, eu sei que és tu, os cães também regressam, sei muito bem que andas por aí." Escolhi este excerto porque mostra como era o cão e as palavras do autor demonstram o afeto que, apesar de não querer admitir, tinha pelo cão. Além disso, este excerto é tão sentido que motiva para a leitura do livro.

Na minha opinião...

Cão como nós é um livro interessante, de fácil leitura e mostra a importância de um animal doméstico, como um cão, na nossa vida. Como tive a experiência de viver com um cão como companhia desde que nasci, compreendo bem o autor e a sua mensagem.

Texto 19: A TURMA de François Bégaudeau, Daniel Cruz, Nº4, 7ºE

Data de edição: fevereiro 2015

O livro relata-nos a realidade de uma escola de um bairro francês.

Uma escola que está longe de ter o ambiente ideal, com alunos de várias etnias e com diversos problemas, tais como o *bullying* e a falta de educação presente na maioria dos alunos. É um regresso às aulas, num novo ano letivo, onde uma das novas turmas do oitavo ano não é propriamente fácil de gerir. Os alunos quando querem são bastante inteligentes, mas o que estraga tudo é o comportamento de alguns deles.

Contudo um professor daquela escola, François, decidiu ajudá-los, principalmente aqueles que tinham alguns problemas com a comunidade escolar. Para que isso fosse possível, começou a interagir com eles, conversando e tentando perceber o que seria melhor para que eles se tornassem uns alunos aplicados e respeitadores.

O professor começa a ensinar-lhes a matéria, com características da vida comum, fazendo com que eles se interessem um pouco mais. Também faz atividades que "toquem" um pouco na sua vida. Um dos projetos do professor era fazer com que eles lessem o *O Diário de Anne Frank* e que depois da leitura fizessem o seu próprio diário em que contassem os seus sentimentos, pensamentos e tudo o que já tinham vivido. Quando o professor leu os diários, apenas foi reforçada a ideia de não desistir deles.

Contudo, o comportamento desses alunos na sala de aula continuava o mesmo, chegando a haver insultos perante o professor e dentro do recinto escolar. Existiram mesmo casos de agressões físicas. A história termina com a expulsão de um dos alunos.

Na minha opinião...

Na minha opinião este livro é muito interessante pelo facto de nos relatar a vida de um professor de francês e a sua respetiva direção de turma. Mostrou-me um lado dos professores que eu não conhecia. Aprendi que toda a gente tem defeitos, mas que as pessoas se quiserem podem melhorar. Para mim, a personagem mais interessante foi o professor, François, pela sua coragem e determinação em não desistir de uma turma que, à partida, todos os outros colegas consideravam perdida.(...)

O que reforça o meu interesse é outro dos aspetos presentes nesta história e que acho importante: o multiculturalismo. Nesta turma existiam elementos de várias nacionalidades e culturas: franceses, árabes, negros, chineses, etc., não sendo raros os conflitos raciais.

Aconselho esta leitura tanto aos pais como aos jovens, pois relata-nos uma realidade que por vezes não é conhecida por ambas as partes. Na minha opinião, todos vão aprender algo com este livro que é baseado em factos verídicos, visto que o autor é professor de francês e escreveu este livro inspirado na sua experiência profissional.

Texto 20: O VELHO QUE LIA ROMANCES DE AMOR de Luís Sepúlveda, Rita Moreira, nº24, 7ºF

Data de edição: fevereiro 2015

Luís Sepúlveda nasceu em 1949, em Ovalle, no Chile, mas atualmente vive em Gijón, Espanha. Para além de escritor é também realizador, jornalista e ativista político chileno. Viajou e trabalhou no Brasil, Uruguai, Paraguai e Peru. Viveu no Equador entre os índios Shuar, quando participou numa missão de estudo da UNESCO. Sepúlveda era, na altura, amigo de Chico Mendes, herói da defesa da Amazônia. Dedicou-lhe então o seu maior sucesso, *O Velho que Lia Romances de Amor*.

A ação principal decorre na Amazônia, no Equador, iniciando-se quando António José Bolívar Proaño, personagem central, já velho, vivia em El Idilio e estava no cais onde se encontrava o doutor Rubicundo Loachamín, o dentista, com a sua cadeira portátil. O doutor Rubicundo vinha a El Idilio duas vezes por ano, trazendo os romances que o Velho lhe pedia, especificamente romances de amor.

Um dia, um indígena remou até chegar junto do *Sucre*, o barco que transportava o dentista, juntamente com várias mercadorias. O indígena viajava, trazendo com ele o cadáver de um gringo morto. Quando o administrador, *A Babosa*, viu o corpo e analisou a ferida do mesmo, acusou os *shuar*, tribo indígena, de o terem assassinado, apesar de os mesmos insistirem que não o tinham feito. Foi, então, que apareceu o Velho e lhe explicou que as marcas no corpo do morto não eram de um manchete, mas sim das garras de uma onça. Entretanto, perceberam que a onça só atacara o gringo, porque este tinha morto as suas crias e ferido o macho.

Mais tarde, na sua choça, através de uma analepse, António recorda a sua mulher, Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo, o seu casamento e o tempo em que viveram em San Luis e a mudança para El Idilio. Dois anos depois, a mulher morreu, vítima de malária. Depois disso, o Velho juntou-se à tribo dos Shuar,

onde aprendeu a conhecer a selva, as suas "leis" e os animais que a habitavam. Apesar de os ter deixado, manteve sempre uma dívida para com os Shuar.

Alguns dias se passaram após o aparecimento do cadáver, até que Proaño partiu com mais homens numa expedição, em busca da onça fêmea. Durante essa expedição, chegaram a uma cantina, onde encontraram mais dois cadáveres mortos, com as mesmas marcas de onça do primeiro. Foi aí que pernoitaram. Enquanto fazia a vigia noturna, o Velho aproveitou a oportunidade para ler mais um dos seus romances. Pouco a pouco, já todos os seus companheiros se encontravam junto dele, que falava sobre Veneza. Na madrugada do dia seguinte, *A Babosa* e os restantes homens abandonaram o Velho, pois tinham todos concluído que a melhor opção era deixar a caça da onça nas mãos de José Bolívar, oferecendo-lhe um pagamento, que ele recusou, pois apenas queria que o seu desgosto acabasse de uma vez por todas.

Acabou por ser a onça a encontrá-lo. Depois de vários confrontos com o animal, o Velho conseguiu, finalmente, esconder-se dentro de uma canoa virada ao contrário, onde permaneceu horas. Entretanto, Bolívar ganhou coragem para atirar sobre a onça, mas apenas lhe atingiu uma pata. Na segunda e última tentativa, o Velho, finalmente, conseguiu matar a onça. Contudo, não deixou de censurar o verdadeiro culpado de toda aquela tragédia, o gringo que matara as crias da onça.

Na minha opinião...

O que me levou a escolher este livro foi precisamente o enredo emocionante e cativante desta história e o apelo à defesa do ambiente, conforme as palavras do autor.

Sensibilizou-me o facto de o Velho ter necessidade de ler romances, nos quais devia existir um sofrimento constante causado pelo amor, mas com um final feliz. A história da onça foi ao encontro do tipo de romances que José Bolívar lia, pois foi o amor pelas suas crias que a tornou agressiva, quando um *gringo* (Norte-Americano) as assassinou, barbaramente. No entanto, havia uma grande diferença: este sofrimento ocorreu na vida real, isto é, não era a história de um dos livros que ele lia, pelo que não houve hipótese de ter um final feliz. Bolívar acabou, então, por matá-la, o que lhe deixou uma grande angústia provocada pelas atividades iníquas do homem sobre a Amazónia, a sua flora e fauna. Por isso, nos romances, o Velho encontrava o amor, a proteção e o respeito que não via no mundo em que vivia, dado que neste o sofrimento não tinha fim.

Em conclusão, este é, sem dúvida, um dos mais completos livros que alguma vez li, cheio de carinho, com uma linguagem de fácil compreensão, e, portanto, recomendo a sua leitura, independentemente das preferências literárias ou da idade de cada um.

Texto 21: OS SONHADORES de António Mota, Rui Teixeira, nº16, 7ºE

Data de edição: fevereiro 2015

Este livro está dividido em três partes.

Na primeira parte, o narrador fala-nos de um reencontro entre dois amigos do liceu, Armando Rosas e Gilinho. Depois de tanto conversarem, Gilinho diz a Rosas que anda a escrever um livro para vender, e Rosas oferece-se para o dactilografar. Quando chega a casa, a primeira coisa que faz é sentar-se à frente da máquina de escrever e começar a dactilografar o livro de Gilinho.

Na segunda parte, o narrador começa logo a contar-nos a história de Gilinho que é nada mais nada menos que a sua história de infância. Gilinho vivia com sua mãe e seus avós numa terra chamada Plameiro. Seu pai abandonara o Plameiro quando Gilinho era muito novinho e, por isso, nunca o tinha conhecido. Entretanto, Gilinho começou a trabalhar como sapateiro com o seu chefe, Guilhermino Bicho. Guilhermino contava a Gilinho como era o mundo fora do Plameiro e também histórias antigas. Apesar de Guilhermino ser adulto era o grande amigo de Gilinho e sabiam tudo um do outro.

Entretanto, o narrador conta como Gilinho ficou apaixonado por Deolinda, para quem fez umas sandálias novas. Passado algum tempo, um novo namoro surgiu e Gilinho andava tão feliz que até andava a trabalhar melhor. Não só aconteceu com Gilinho, mas também com o seu patrão. Guilhermino, um dia, disse a Gilinho que não suportava mais andar sozinho e que então ia casar com Dona Rosinha. Passado pouco tempo, Dona

Rosinha morreu e Guilhermino ficou sozinho. A oficina fechara e Gilinho não tinha trabalho. Guilhermino achava Gilinho muito esperto e por isso decidiu pagar-lhe os estudos. Como já tinha feito o 4º ano há algum tempo, começou a ir todos os dias a casa da professora, para relembrar a matéria. Quando chegou o dia, Gilinho estava muito ansioso. Despediu-se da mãe, da avó e foi apanhar a camioneta. Em Penafiel fez vários amigos, como o Rosas, mas também alguns inimigos, como o Francelin. Um dia decidiu ir ao circo, que era perto da sua residencial, e nem comeu para poder comprar o bilhete. Durante o espetáculo, veio-lhe ao pensamento que o violinista podia ser o seu pai, pois era muito parecido consigo. Depois do espetáculo tiveram uma conversa e Gilinho teve a certeza que era o seu pai. Este deu-lhe duas notas de cem escudos e uma viola. Quando acabou o liceu, Gilinho voltou ao Plameiro, porém nunca contou à mãe que tinha encontrado seu pai e guardou a viola em casa de Guilhermino Bicho.

Na terceira parte, Rosas acabou de dactilografar o livro. Como não podia ir a casa de Gilinho entregar o livro, pediu a um amigo para o ir levar. Contudo, o livro é roubado e nunca mais se viram os rascunhos. O Rosas, sentindo-se culpado, pediu imensas desculpas a Gilinho, mas este disse -lhe que não queria saber do livro para nada, e que o que importava era que eles iam continuar a ser grandes amigos.

Na minha opinião...

Os Sonhadores, apesar de não ter sido o meu livro favorito, contem uma grande lição de vida que todos devemos seguir: às vezes, vamos para concretizar um sonho e, de repente, vai tudo por água abaixo, mas mesmo assim ficamos com os amigos que é o que mais importa. Penso que é um livro com uma linguagem acessível (mesmo tendo algumas palavras 'caras' para a nossa idade) que se lê muito bem.

Aconselho este livro aos meus colegas porque, como já disse, é um livro que se lê muito bem, e que tem uma grande lição de vida.

Texto 22: AS MULHERZINHAS de Louisa May Alcott, Sofia dos Santos, nº25, 7ºF Data de edição: fevereiro 2015

Louisa May Alcott nasceu em 1932 em Filadélfia, na Pensilvânia e nunca casou, pois como ela dizia: "Liberdade é um marido melhor do que amor". Escreveu o livro *As Mulherzinhas* em 1868 e como o sucesso alcançando foi enorme, escreveu, em 1869, *Boas Esposas*, *Homenzinhos* em 1871 e *A Rapaziada de Jo* em 1886, entre outros.

As Mulherzinhas conta a história das irmãs March e da sua família. Ao longo do livro podemos contemplar o crescimento da bela e romântica Margarida (Meg) de 16 anos, a arrapazada e independente Josefina (Jo) de 15, a tímida e frágil Elizabeth (Beth) de 13 e a mimada e criativa Amy de 12, tal como o seu amadurecimento face a uma vida cada vez mais difícil. O livro retrata as aventuras e desventuras e todas as alegrias e tristezas que pairam sobre a vida da família March: a ida do pai para a guerra, sempre na esperança do seu regresso; os trabalhos com que as irmãs mais velhas se deparam todos os dias para ajudarem a família; a difícil e continua tentativa de domínio do "mau génio" de Jo; a alegria de Beth ao receber um piano com que podia tocar e cantar, alegrando tudo e todos, incluindo a si própria; a caridade das irmãs e da mãe March com a família dos Hummels, que era constituída por uma pobre mãe viúva com os seus seis filhos, um ainda recém-nascido. Mais tarde, Beth acaba por contrair a doença que vitimara três dos membros da família Hummels: a escarlatina.

Todos estes episódios proporcionam ao leitor umas longas e deliciosas horas em frente a um livro que o conquista logo nas primeiras páginas e que o prende à história da família March, como só um livro com a qualidade de *As Mulherzinhas* consegue.

Ma minha opinião...

Este livro é um dos meus preferidos e um dos que marcou a passagem da minha leitura infantil para uma leitura mais adulta. Recomendo-o a qualquer pessoa que queira passar bons momentos e que goste de se afundar completamente na vida e história das personagens, pois quem lê o livro *As Mulherzinhas* é inconscientemente levado para o simples e acolhedor mundo das irmãs March, dos seus sentimentos e sensações.

Texto 23: FINAL DO CONTO O BÚZIO de Sophia, Diogo Ribeiro, nº8, 1ºB
Data de emissão: fevereiro 2015

Num momento de solidão, encostado a uma rocha, o Búzio começou a pensar se o Mar poderia ou não falar. Para comprovar isso, fez-lhe uma pergunta:

-Estás aí? Consegues falar comigo?

Por alguns momentos, nada se ouviu. Todavia, quando o Búzio já não esperava uma resposta, o Mar respondeu:

-Sim, mas não contes a ninguém.

-Porquê?- perguntou o Búzio.

-Porque só tu é que tens o poder de falar comigo. Se contasses a alguém, pensariam que estavas maluco - respondeu o Mar.

-Mas será que consigo falar contigo, ou estou a delirar?- perguntou o Búzio.

-Não. Tu tens mesmo esse poder, mas só o descobriste agora - retorquiu o Mar.

Passados uns minutos de conversa, veio uma onda grande e o Búzio acordou. Tinha sido um simples sonho.



O Polvo feliz - Diogo Silva, 5ºB

Texto 24: CONTINUAÇÃO DO CONTO "FREI JOÃO SEM CUIDADOS", Margarida Fonseca, nº19, 7ºA
Data de emissão: fevereiro 2015

Contudo, o rei não se deu por vencido. Passados três dias, mandou chamar de novo Frei João Sem Cuidados para lhe propor mais dois enigmas, ameaçando condená-lo à morte, pela segunda vez, caso este lhe não soubesse responder. Só que, desta vez, Frei João apresentou uma contraproposta: se acertasse, o rei teria de abdicar do trono.

Para evitar batotas, o rei aprisionou o moleiro na masmorra do seu castelo e ordenou que dois guardas vigiassem, dia e noite, Frei João. Este não deixava de pensar nos enigmas que o rei lhe tinha apresentado: "Quantas peças de roupa tem a realeza?" e "Quantos raios tem o sol?". Então teve uma ideia: entreteria os guardas com anedotas, histórias e canções de embalar, até adormecerem. Assim aconteceu. Quando, finalmente, adormeceram, deixou dez carneiros a balir no quarto, fechou as cortinas e cobriu os guardas com mantas pegajosas, embebidas em geleia. Se acordassem, a geleia impediria-os de se moverem. Desta forma, pôde correr em direção à povoação mais próxima, ao encontro de três amigos. Perguntou-lhes, então, quantas peças de roupa tinha o rei. Depois foi ao encontro de um cientista, que o ajudou na resposta ao segundo enigma.

Chegado o dia de se apresentar ao rei, Frei João, envaidecido, mostrou toda a sua esperteza, desta vez sem a preciosa ajuda do moleiro.

- Então, quantas peças de roupa tem a realeza? – perguntou o rei.

- Saiba, Vossa Majestade, que tem a quantidade certa de duzentos e setenta e oito fatos de alta costura – respondeu Frei João.

- Ah!? É mentira. Tenho duzentos e setenta e sete. Vais ser condenado!

- Calma, calma aí! Sua Majestade não disse a que realeza se referia, pois existem quatro reis no condado. – retorquiu Frei João.

- De facto... bem, desta escapas. E agora: Quantos raios tem o sol? – tornou o rei.

- Para saber isso, teria de tapar a camada de ozono, pois os raios solares crescem dia após dia e, como hoje é dia de chuva, é impossível saber tal coisa.

- Realmente... parece ter razão.- concordou o rei.

- Agora, liberte o meu amigo e deixe-nos em paz – pediu ainda o Frade.

O rei libertou o moleiro e nunca mais incomodou Frei João Sem Cuidados, tendo abdicado do trono. Assim, não houve mais enigmas capazes de afligir o espertalhão.

Texto 25: POR CAUSA DE UM LIVRO, Daniel Castro, nº6, 1ºB
Data de emissão: fevereiro 2015

Eu posso ser uma pessoa que não é grande fã de livros, mas houve um livro especial que a minha bisavó, antes de morrer, me deu para ler.

A capa do livro tinha uns óculos, um quadro e uma câmara fotográfica das antigas. O título era "Um Pintor de Retratos". O livro falava de um pintor que se tornara conhecido pelas suas belíssimas pinturas. Depois foi para a guerra, para tirar fotografias e descreveu-a como um autêntico inferno. Viu mulheres e crianças inocentes a morrer, tudo isto por causa de uns políticos que não chegaram a acordo. A meio do livro, eu já estava a pensar para mim o porquê da minha bisavó mo ter deixado, até que descobri uma mensagem dela que dizia: "Meu querido Daniel, eu sei que não gostas deste tipo de leitura, mas verás que este livro, no final, te oferecerá uma lição de vida".

Intrigado, continuei a ler e, quando cheguei ao final, descobri outra mensagem: "Se chegaste ao fim deste livro é porque ficaste curioso. Lembra-te: a vida não é fácil de conquistar; é preciso trabalhar e tentar compreendê-la. Espero que a leitura deste livro te prepare para situações semelhantes às que este pintor sofreu. Tu tens o sonho e o poder de tornar o mundo melhor. Desde pequeno tenho esperança em ti!"

E foi por isso que este livro me marcou e vai marcar para o resto da vida. Irei fazer o mesmo com os meus filhos, netos e bisnetos e assim, aos poucos e poucos, tornaremos este mundo melhor.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

A revista do projeto Comunicar
com Léguas para ler e escrever.
No Padrão.

5. TEMPO DE POESIA

O projeto **Comunicar** privilegia a poesia nesta secção, inaugurada em 2010. Porque a poesia é a árvore da vida, feita de palavras e de versos, de nuvens e de sonhos, de interrogação e de desespero, cristalizados em sílabas que interrogam, revelam, deslumbram e permanecem.

Os nossos jovens poetas cantam, no ritmo cadenciado das suas palavras, a vida e o amor, em vislumbre da vida que se contempla do alto da frescura da juventude, feita de porquês e de angústias, mas também de calma contemplação e de serena alegria...

Texto 1: RIMAS COM ANIMAIS, alunos do 2.º E da EB de Gondivai **Data de edição: março de 2015**

O corpo da serpente
desliza pelo chão.
Quando aparece de repente
eu é que não ponho a mão.

Era uma vez um cão
chamado Tobias.
Era tão brincalhão
que brincava com enguias.

É o aniversário de um gato,
por isso é um dia muito feliz.
Comeu o bolo no prato
e até sujou o nariz!

O leão é muito feroz
e tem dentes afiados.
Quando corre é veloz
atrás dos veados.

Lá vai o canguru a saltar
na bolsa leva a cria.
Vai a cria a mamar
para não ficar fria.



Texto 2: ENTRE LAMÚRIAS E AMORES, Helena Areias, nº6, 6ºE
Data de edição: novembro 2014

Lá chorava Maria,
a ver a partida,
de sua maior alegria,

Vai indo no seu cavalo,
D. João, sua paixão,
Vai até ao litoral
para a guerra de S. Baião.

Ele promete voltar
sem muito tempo ela esperar.
A guerra irá acabar,
Quando os olhos ela fechar.

Passaram muitos anos
e Maria rezava....
Seu amor nao voltara
e ela desesperava.

Cantava noite e dia, a sua mãe Sofia,
para que fosse salvar,
o amor que há muito não via,

Pretendentes chegavam,
para com Maria casar,
mas ela, tristemente,
só se queria isolar.

Maria prometeu casar,
quando seu filho tivesse
idade para reinar.
Assim ela saberia
que seu amor não iria voltar.

D. João estava no mar,
sempre a gritar!
Estava preso por piratas,
que o queriam saquear.

Mais tarde ele se soltou,
e fugiu a nadar.
Foi parar a Filótopia,
onde monges cantavam e
Filósofos estudavam.

Construiu um navio e
pos-se a andar.
Queria ir ter com Maria,
a amada de sua vida.

Maria estava doente,
de desgosto consumida,
e um dia
no seu quarto
de amores morria.

Seu filho subiu ao trono,
de esperança vivia,
E, anos mais tarde,
seu pai aparecia.

Seu pai, D. João, com setenta anos
de tristeza completado ,
sua mulher morta,
e seu filho por mares devorado.

Texto 3: TUDO O QUE EU TE DAVA, Maria João Santos, nº14, 6ºE
Data de edição: novembro 2014

Se os beijos fossem água,
dava-te o mar,
pois tudo que há no mundo
é só para te eu amar.

Se os carinhos fossem folhas,
dava-te uma árvore,
pois dela tu vivias
como a música numa clave.

E se a amizade fosse a vida,
dava-te a minha,
para tu viveres
segundo a fantasia.

Texto 4: AMOR ENTRE MÃE E FILHO, Rita Castanho, nº17, 6ºE
Data de edição: novembro 2014

És a estrela que
brilha no céu.

És aquela que me
acompanha para todo o lado.

És a minha melhor
amiga.

Quem és?

- A MINHA MÃE!

És o meu sol
que me dá calor ,

brilho no meu cobertor
e dás-me muito amor!

És a minha flor
com muita cor.

Todos os dias de manhã
me dás amor.

À tarde dás-me calor
e à noite dás-me o cobertor.

E com todo o fervor te digo:

- Minha mãe, meu amor!

Textos 5: 5 POEMAS, Leonor Silva, nº12, 6ºF
Data de edição: novembro 2014

Amigas 4ever

Amigas são para sempre
mesmo que o para sempre não exista,
pois o destino nos tornou amigas
o coração nos tornou irmãs.

A minha borrachinha

Tenho uma linda borracha
que se chama borrachinha
é branca e retangular
e está sempre limpinha

Trabalha, trabalha muito
para os livros apagar
e quando me esqueço dela
fica logo a protestar!

Todos têm borrachinha.
Mas igual à minha, não!
Ela é muito meiguinha,
e dá-me sempre razão

O Mar

Oh! Mar!
Tanto me fazes suspirar!
Também me permites relaxar
quando para ti estou a olhar.

A tua imensidão
faz-me sentir uma grande paixão.
És azul e brilhante
quando te vejo sinto-me ondulante.

As ondas do Mar

Nas ondas da praia,
nas ondas do mar
quero ser feliz,
quero-me afogar.
Nas ondas da praia,
quem me vem beijar?
Estrela-da-alma,
que me vem salvar.

Um sonho

Posso viver sem sol,
sem ninguém à minha beira,
mas não posso viver
sem um mar à maneira.

Ondas brilhantes
salpicos entre as crianças,
areia molhada,
o sol escaldante.

Pássaro de bico azul
azul, azul do mar...
Era tudo um sonho
e eu estava a imaginar.

Texto 6: ODE À NAVEGAÇÃO, Raquel Sá, nº14, 12ºD
Data de edição: janeiro 2015

Ó dias de hoje, quanto vos adoro!
Por criares a *net* que é a única que está comigo
até altas horas da noite!
Ai *Internet*, é por tua causa que eu sinto
dentro de mim uma grande alegria!
Contigo acabaram os meus dias de tristeza e de angústia.
Por isso, agradeço-te por existires.

Ó *Internet*, ajudas-me em tudo o que preciso!
Ofereces-me o *Google*, através do qual consigo saber tudo
o que quero.
O *facebook* ... Eia novos amigos e aqueles que não vejo
há algum tempo!
O *youtube* onde encontro os mais variados vídeos que
alguma vez pude ver.

Ah *Internet*, o quanto te louvo por seres quem és
e por estares sempre comigo!

Mas há uma coisa que perturba a nossa relação: a bateria
do computador que começa a fazer PI-PI-PI-PI e logo depois
Pum! Vai abaixo,
deixando em mim uma profunda ansiedade de voltar
a estar contigo.
Corro à procura do carregador e click,
coloco-o a carregar e, logo em mim, surge um sentimento de
alívio.

Ah *Internet*, quão importante és para mim! Sem ti
Eu seria um barco à deriva, sem orientação ...
Quero dizer ...
Sem ti não era nada.

Texto 7: ODE ÀS VERDADES, Fátima Faria, nº9, 12ºE
Data de edição: janeiro 2015

Br-r-r-r-r! Um friozito percorre a minha espinha!
O inverno chegou e com ele
As misérias do povo.
Chove, neva, até faz sol
Mas o frio permanece.
Homens erguem-se cedo para trabalhar
E as crianças preparam-se para levantar.

Uma névoa ainda está no ar
Mas nada os impede de ir.
Ah! Como tenho pena deles! E de mim!
Se Adão não tivesse respondido à proposta de Eva,
Talvez ainda estivéssemos num campo ensolarado, sem fim!

De segunda à sexta, todo o mesmo ritual.
Agricultores para campos, pescadores para o mar,
Advogados para tribunais, médicos para consultórios.

Estes últimos todos num *brinquinho*,
Todos *três-chique* de fatinho!

Mas cada um é o que é.

E como é.

Não importa a passagem do tempo, nada muda:

A minha vizinha surda

Ouve música como passatempo.

La-la-la-la-la, ouço eu. Se ao menos soubesse a letra,

Seria alguém muito mais feliz.

O meu gato ainda pensa que é um lagarto

E põe-se a rastejar pelo chão.

A minha mãe acredita que sabe cozinhar.

E o meu pai crê que sabe nadar...

E eu? Eu aqui no meio disto tudo ainda pareço sano,

Quando penso que sei escrever.

Texto 8: ODE AO ESPÍRITO NATALÍCIO, Inês Ferraz, nº13, 12ºE
Data de edição: janeiro 2015

Ó menino, que prenda tu nos deste

Ó menino, a quem te chamam de Jesus.

Se não fosse aquele anjo, que seria de nós?

E sem essa tua data?

Ai até dói pensar!

Desde que chegaste aqui, tudo mudou.

Desde a tua partida tudo mudou ainda mais.

Ah aqueles sinos!

Ah aqueles sinos que tocavam nessa tua data!

Mas agora não.

Agora são aquelas máquinas

Mas é melhor, mas é melhor aquele som

Ka-tching, Ka-tching, plim, plim plim!

Oh e aquele amor, aquela fraternidade?

Ó I-pad, ó Samsung, o quão vocês me lembram do tempo do menino.

Ó Gaspar, ó Belchior, ó Baltasar!!!

Ai como agradeço a vossa vinda e o televisor HD.

Mas menino, mas menino, se visses a melhor

Já não és menino.

Cresceste e engordaste! Essa tua cara cheia de barba branca

Ho! e o teu fato, o teu fato vermelho cheio de adereços e veludos.

Mas há melhor, mas há melhor.

Agora os meninos perseguem-te, veneram-te.

Ai como te adoro!

Como adoro aquele teu saco vermelho, como adoro a tua forma de sorrir

HO, HO, Ho, dizes tu à noite.

E as crianças eufóricas, espumando-se pela boca.

He-lá *shoppings*, com lojas a abarrotar!

He-lá correrias com os *Action Men*!

He-lá descontos da *Barbie*!

He-lá relógios *Swatch*!

He-lá! He-lá!

Transformem-me num peluche, num carro!
Quero ter essa fraternidade, esse amor!
Ai o verde, ai o dourado, ai aquele cheiro adocicado!
Quero mais, quero mais, quero enterrar-me!

Ai menino, se pudesses ver a música no ar, o amor!
Katching Katching ,plim, ,plim!

Ai como te amo *I-phone 6!*

Texto 9: ODE NOBEL, Renata Borges, nº15, 12ºD
Data de edição: janeiro 2015

Triste o dia em que ligo a televisão
e a primeira notícia ouvida: jovem
baleada na cabeça apenas por querer ir à escola!

Felicidade, algum tempo depois, ligo a televisão
E ouço que ela recuperou. Uma felicidade imensa penetra no meu ser.
E pensar que tudo isto conduziu a um enorme movimento...
Um enorme movimento de reflexão sobre o desrespeito pelos direitos das crianças
Ah, que nem consigo respirar devido à enorme FELICIDADE que sinto...

Viva, Viva Malala, por lutares por tantos!
Hurra pela tua força e pela tua coragem! HURRA!
Viva pelos teus dezassete anos e pelo teu Prémio Nobel da PAZ!

Lutas por todos nós,
Fazes-me tão feliz!
Fazes-me querer ser como tu...
Ai, a admiração que nutro por ti!

Hurra para ti e para quem te ensinou a ser assim...
Hurra, hurra, VIVA!

E sim, sim, sim, uma caneta e um papel têm muita força.
Viva, Viva, Viva e obrigada Malala!

Texto 10: ODE PORTUGUESA, Sandra Silva, nº16, 12ºD
Data de edição: janeiro 2015

Um país de miséria está Portugal.
Reina o desemprego, reina a pobreza.
Pessoas desacreditadas no Portugal de hoje.

Chefes de família obrigados a emigrar
Deixam para trás aquilo que construíram durante anos, do nada.
São estas famílias que sofrem o *bombardamento* da maldita distância.

Oh Portugal, porque fazes isto aos teus próprios filhos?
Deverias deixar permanecer aqueles que te acolhem no coração.
Deverias permitir o crescimento de grandes senhores dentro do
teu íntimo para te levar ao extremo do engrandecimento.

Nos aeroportos, todos os dias, todos os dias, famílias a despedir-se...
Emigrantes partem para o desconhecido a fim de melhorar a
vida da família que fica.
Tu, Portugal, és tu que deverias dar oportunidades a famílias
unidas, humildes e trabalhadoras.

Onde foi que te perdeste para permitir tais injustiças?
Portugal, o meu pai emigrou por tua culpa.
És o principal responsável pela saudade com que somos obrigados a adormecer...
Oh Portugal, pergunto: PORQUÊ?

Texto 11: UMA ODE FEITA DE SALTOS ALTOS, Cláudia Almeida, nº6, 12ºD
Data de edição: janeiro 2015

Cansei. Sinto-me cansadamente cansada.
Tento perceber, mas a minha mente não acompanha a sociedade que me envolve.
Cresci e com isso aprendi que a igualdade é dos valores mais importantes.
Ah, a igualdade! Tamanha palavra de tão pouco uso.

Nasci mulher, adoro ser mulher e adoro-me por isso!
Admiro a força feminina. Se sou feminista?
Todas nós devíamos ser feministas.

Cansei. Sinto-me cansadamente cansada.
Quero ruas seguras, quero liberdade,
Não temer o homem que passa, o carro que avança.
Quero noite, quero festa, quero diversão,
Posso ter direito a isso, ou não?
Quero a saia mais curta, o salto mais alto, a dança mais sensual ...
Quero sem julgamentos, sem medos.

Cansei. Sinto-me cansadamente cansada.
"A mulher deve nascer, ser doméstica, passiva e casar",
Dizem os machistas, com tom de autoridade. ARRRRRRRRRRE que cansei!
Quero igualdade, quero votar, quero poder de decisão,
Quero a mulher um ser livre, sem obstáculos como a negação.

Cansei. Sinto-me cansadamente cansada.
Mulheres que me ouvem – lutai por vós, lutai por nós.
Sejam livres como pássaros, belas como borboletas,
Sejam, e acima de tudo sejam!

Eh-lá mulheres que me ouvem e vos fazeis ouvir!
Eh-lá rebeliões aqui, ali, acolá...
Eh - lá que já vejo mulheres ao poder,
Eia! Eia! Eia-hô, mulheres ao poder!
Eh-lá, que o feminino veio para ficar.
Eia! Eia! Não se conformem, questionem,
Não aceitem, não desistam, corram, lutem!

A igualdade é um mito, eu sei.
O machismo é uma constante, eu sei.
O feminismo? É só defendido por alguém que acredita na igualdade de géneros.
O feminismo? Nunca matou ninguém.
O machismo? Mata todos os dias!
Ah, poder a igualdade ser sentida em toda a parte!

Textos 12: PEQUENOS POEMAS, Rita Miranda, nº30, 10ºF
Data de edição: janeiro 2015

Memória e Passado

Lá longe na memória,
Ecoa o passado,
Solitário lá vagueia,
Perdeu-se da vida, o coitado.

Solidão

Doce solidão,
Que me envolve em seus braços,
Aquele que outrora me fizera sofrer
E que agora me faz perder o espaço.

Viajante

Ai! Dói-me a alma!
Sussurra o eterno viajante,
Viajante da sua,
Mas um contínuo ambulante.

Perguntas irreais

Colocar um ponto na vida,
Ou colocar a vida num ponto?
Há quem não prefira nenhuma,
E eu ambas confronto.

Texto 13: UM SONHO BEM REAL
José Moreira, nº 16, 9º B
Data de edição: março 2015

Ontem, uma noite de luar.
Perdi-me num sonho,
Comecei a viajar.
E através do tempo e do espaço
Onde fui eu parar?

À proa de um barco,
Num dia de tempestade em alto-mar,
Mas algo que não esperava encontrar:
Um brilho no olhar!

E nesse olhar,
Que vi eu?
A determinação,
A vontade de chegar.

A vontade de chegar mais longe,
A vontade de chegar mais perto,
De abrir horizontes,
De descobrir o desconhecido.

E nesse pequeno barco,
Nessa frágil nau de madeira,
O sonho tornou-se real:
A tripulação de Portugal!

Texto 14: O NOSSO MAR
Sara Castro, nº 25, 9ºB
Data de edição: março 2015

É o vento, é a luz,
É o sol, é o mar.
É ver e amar
Aquele brilho que seduz!

Abrir os braços e voar,
Viajar pelos sete mares,
Acreditar no impossível e amar.
Desejar, enfrentar e sonhar.

Um dia, iremos lá parar
Naquele mar majestoso,
Com o seu brilho maravilhoso,
Mas só quando deixar de acreditar.

O mar só irá acabar,
Quando o sol não nascer,
Quando o último ser morrer,
Quando todos formos viajar: nunca.

Iremos viajar
Longe, no infinito,
Onde tudo será bonito,
Onde tudo terá sentido.
Onde a realidade não seja cruel
E o mar?

O Mar ficará, permanecerá
E nos beijará com os seus lábios de cetim.

BOM DIA

QUANDO O SOL SE ESCONDEU

A MENINA NUNCA PRETA

A PARECEU

E FEZ UMA CARETA

CHOUVEU

A ÁGUA QUE CAIU

ENCHOU O TANQUE VAZIO

UM PARDAL E UMA ANDORINHA

VIERAM E BEBERAM FRESCUINHA

DEPOIS O SOL VOLTOU

E DISSE QUANDO ENTROU

NO QUINTAL

- BOM DIA SENHORA

- BOM DIA SENHOR

ANITA
CAROLINA
SOFIA
CLARA

Trabalho de Anita, Carolina, Sofia e Clara
Pré-Escolar de Gondivai
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Textos 15: ACRÓNIMOS, Bruno Silva, nº7, 7º A, Ricardo Oliveira, nº25, 7º A, Gonçalo, nº7, 7ºC

Data de edição: janeiro 2015

Barco – Gosto de andar de barco e de navegar pelos rios.

Ratatui – Eu aprecio muito esta comida.

Urano – Não simpatizo com este planeta, porque é feio.

Noruega – É o país onde se pesca o melhor e mais famoso bacalhau.

Ondas – Quanto maiores, mais belas e desafiadoras.

Rir. Gosto muito, porque me faz sentir feliz.

Iguanas, répteis que dispenso bem.

Cão, um animal não adorado mas também não odiado; gosto deles calmos.

Almôndegas, são bem deliciosas, mas não mais do que uma boa francesinha!

Ratar bolachas dá-me cá um prazer! Faço-o quando estou com fome e não há nada para fazer.

Dados. Não tenho paciência para eles, pois todos os jogos em que entram aborrecem-me.

Orca, animal hostil mas muito bonito.

GATO - o meu animal de estimação. Tenho dois: um deles é uma fêmea, chama-se Kira. É preta e branca, pequena, com olhos grandes e amarelos, com a pupila enorme, patas brancas como umas pantufas; o outro é um macho e chama-se Garfield por ser cor-de-laranja e branco. Também tem olhos grandes e amarelos e é muito meigo. Deita-se em qualquer lado, desde que receba mimos.

OITO - o meu número preferido.

NATUREZA – Uma preciosa amiga que devemos respeitar e proteger.

CIÊNCIA - Apesar de não parecer, vibro com as explosões das experiências feitas em laboratório.

ÁRTICO - não gosto nada do frio, mas sim do calor, por isso adorava viver no Brasil.

LEGUMES - não lhes acho muita piada, mas lá os vou comendo. Não todos.

OBEDIÊNCIA - costume obedecer às pessoas, exceto quando considero inapropriado o que me mandam fazer.

Texto 16: OS JOVENS, QUE FUTURO? André Silva, nº4, 7ºF

Data de edição: fevereiro de 2015

O futuro dos jovens,
Está a piorar,
O roubo e o álcool,
Deles se vão apoderar.

Ir à escola?
Para quê trabalhar?
Tenho a droga ao meu lado,
De que mais vou precisar?

Tirar um curso,
Se roubar é um recurso?!
Tenho o dinheiro na mão,
Sem me levantar do cadeirão!

O futuro dos jovens,
São bares e discotecas,
Usam cada vez menos roupa,
Daqui a pouco andam de cuecas!
Tu sabes
Que há pessoas que querem ajudar
Basta os amigos certos ao teu lado,
Para querereres acreditar.

Há outros caminhos,
Que podes escolher.
Tens é de saber viver...

Texto 17: O MAR, alunos do 1ºA
Data de emissão: fevereiro 2015

O mar transmite a transparência da vida.
O mar é a cor dos olhos que me alegram.
O mar é o meu respirar!
O mar é um infinito...
Somos grãos de areia face ao mar.
Mar é um ser cristalino e sereno.

Maria Matilde
Helena Sousa
Catarina Moreira
Fábio Magalhães
João Silva



Navio a naufragar - Diogo Silva, 5ºB

Texto 18: VIAGEM AO PARAÍSO
Nádia Marinho, nº20, 9ºB
Data de edição: março 2015

O mar cantando,
A areia fluindo,
A brisa que balançava em meu redor,
Fazia-me navegar até ao esplendor.

A harmonia, a alegria ...
Uma enorme confusão,
Mas algo interrompia
Tanta emoção.

Estava na hora de voltar
À triste vida real...
Mas, de certeza, iria guardar
Aquela paisagem fenomenal.

**Texto 19: NÃO SEI COMO DIZER-TE (I),
Diogo Silva, nº 9, 9VOC B
Data de emissão: fevereiro 2015**

*A propósito de Herberto Helder
(1930-2015)*

Não sei como dizer-te, mas...
Um par de dias sem ti,
é um sacrifício total.
Tenho uma estranha obsessão
pelo teu lado intelectual.
Quando te vejo na posse de outros,
fico fora de mim.
Penso logo que sim,
desta vez vai ser o fim.
Esperaria por ti horas a fio.
Fosse à noite, à chuva ou ao frio.
Tudo valeria a pena,
só para não voltar a sentir
aquele vazio...

**Texto 20: NÃO SEI COMO DIZER-TE (II),
João Almeida, nº15, 9VOC B
Data de emissão: fevereiro 2015**

*A propósito de Herberto Helder
(1930-2015)*

Não sei que mais fazer...
Mãe, tanta coisa anda por dizer
tanto sentimento por explicar
És o melhor que alguém pode ter.
Não sei como te dizer...

Desculpa se algum dia te fiz sofrer!
És tudo aquilo que sonho ser.
Sei que nunca te dou descanso
És o sentido deste meu viver.
Não sei como te dizer...

Tu és quem me viu crescer,
Este poema é para te agradecer
A certeza deste meu saber:
És a Mulher da minha Vida!
Jamais te irei esquecer...

Não sei como dizer-te...
Não sei como te dizer...

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

A revista do projeto Comunicar
com Línguas para ler e escrever.
No Padrão.

6. ESCREVER ou VOZES DA COMUNIDADE

O projeto **Comunicar** constrói esta secção, Escrever ou Vozes da Comunidade, não somente com as vozes dos alunos, mas com todas as vozes que fazem, e farão parte, da construção da nossa comunidade educativa de ontem e de hoje.

Não interessa o tipo de texto, prosa ou verso, tema ou assunto, língua materna ou língua estrangeira. Interessa sim a participação, o abrir de mundos particulares, reflexões de tempos de outrora ou de um porvir idealizado. Na voragem dos tempos, apenas as palavras importam e permanecem, pois são as palavras que nos ligam em comunidade, que nos fazem pensar e crescer, em partilha de leitura e em polifonia de vozes.

**Texto 1: POEMA AO PAI, António Estrela,
Funcionário AEPL
Data de edição: janeiro 2015**

O Outono já findou mas as folhas não param de cair
O Inverno também partiu mas não parou de chover
A Primavera já se foi mesmo sem ter florescido
O Verão chegou mas o sol ainda não apareceu.
Tudo se foi em minha vida
A única coisa que ficou são tuas lembranças
Essas insistem fazer em mim moradia.
Tudo na vida se torna nada
No momento que perdemos
A pessoa que nos dava motivos
Para tentar transformar nada em tudo.
O vento traz o teu riso que sempre me fazia rir!...
E o mundo vai dar voltas sobre voltas em redor de ti
Até toda esta memória se extinguir de mim.



Texto 2: POESIA NA BIBLIOTECA, Ana Araújo e Carolina Marques, 10ºE
Data de edição: dezembro 2014

Neste texto vamos falar de um Recital de Poesia que decorreu no dia 5/12/2014, pelas 14h30, na Biblioteca da Escola Secundária do Padrão da Légua. Esse mesmo evento contou com a presença de Pedro Lamares, um ator, ou melhor, um fraseador.

Quando era adolescente e teve de escolher uma área a seguir, no ensino secundário, optou por artes, mas apercebeu-se que não era bem aquilo o que queria. Primeiro teve vontade de ser piloto. Mais tarde, considerou a hipótese de ser cozinheiro, mas também não era cozinhar o que queria. Então, como aprendera a tocar guitarra, seguiu a carreira da música, concretamente música sacra (que não tinha nada a ver). Depois da música sacra, foi estudar teatro. Apenas queria representar e não ser professor de teatro, embora hoje em dia o seja. Fez teatro, mas também participou em novelas e filmes, porém continuou a pensar que ainda não era aquilo o que queria fazer. Considerou-se muito coerente (no sentido irónico). Ao longo destes anos, em que andava meio confuso, lia poesia, principalmente de Fernando Pessoa, seu ídolo, verificando que a poesia desse poeta se ia adequando ao seu dia-a-dia e o inspirava. Começou, então, a recitar a poesia que costumava ler e daí surgiu a sua profissão atual, à qual chama fraseador, porque é um termo mais interessante. Escreveram-lhe uma parte de um livro, para que fosse lido por ele. Declamou vários poemas de poetas conhecidos, como Fernando Pessoa e fraseou um poema de "O Guardador de Rebanhos", que lhe foi indicado pelo padrao.

Concluindo, o Recital foi bastante interessante, pois, para além de declamar poesia, o ator/fraseador falou e interagiu com o público. Podemos ainda retirar uma outra conclusão: que, ao longo da nossa vida de estudos, nem sempre seguimos um traço contínuo ou temos uma ideia concreta do que queremos para a nossa carreira profissional. Exemplo disso? Pedro Lamares!

Texto 3: AS QUATRO FLORES, António Estrela, Funcionário AEPL
Data de edição: janeiro 2015

Mergulho dentro das expectativas dos meus sonhos.
Sinto a neblina dos tempos
Cair sobre meu corpo cansado...
Desço os degraus da minha existência
Agrupando cada perda que tive

Nos obstáculos dos meus caminhos.
Incendeio meu coração com o vosso amor!
Esse amor que grita sedento dentro de mim.
Os meus amores mais queridos germinando
Nos meus olhos a canção mais sagrada
Em sua poesia,

E então,

Abri meu coração suavemente
E dele retirei um pouquinho de amor

Que plantei com tanto carinho
E nasceram quatro flores desta semente.
Todas cresceram lentamente
Seguras que seguiam seu caminho
Pareciam dizer.

Devagarinho,
Ficaremos muito mais perfumadas.
Então baptizei cada uma
Com os nomes de!...
Sofia.
Hugo.
Bruna.
Ema.

Agora estes lindos botões
Perfumam a saudade dos meus netos
Que guardo com muito amor.
E das muitas que tenho no jardim
Gostava de dar ao mundo inteiro
O perfume mais belo destas
Quatro flores.

Texto 4: ADEUS, António Estrela, Funcionário AEPL
Data de edição: janeiro 2015

Sinto uma tristeza imensa,
Necessito de chorar.
Tenho o meu corpo cansado,
Já não acredito no teu olhar.
A hora da partida é agora,
Para quê adiar?

O teu perfume virou fel.
Tua boca já não me sorri mais.
Preciso esquecer,
Preciso fugir do que nunca foi meu.

Vou plantar uma flor em outro jardim.

Preciso despertar deste pesadelo
E tentar novamente ser feliz!

Texto 5: ELOGIO AOS VALORES DO SABER, José Alberto Monteiro, Professor EMRC AEPL
Data de edição: fevereiro 2015

É na qualidade de profissional educativo e membro importado com esta comunidade educativa que deixo a ideia de uma visão partilhada e de novas possibilidades, num futuro aberto a cada um e a todos, no porvir de uma escola construída em conjunto, convicto de que o resto também passará por aqui.

Outrora, desde o contexto medieval até à modernidade, era possível estabelecer, com alguma segurança, numa relação de causa-efeito relativamente aos dinamismos sociais, culturais, económicos e académicos, onde o ensino parecia controlar os movimentos das ciências, que elas próprias produziam, bem como os seus impactos, na estruturação e na manutenção ou alterações dos esquemas de vida pessoal social e profissional. Este clima mais ao menos ameno, que se foi mantendo até ao último quartel do século passado e que nos permitia pensar a proximidade e o futuro com relativa segurança, no que diz respeito às opções de vida, aos rumos do saber em ordem à projeção profissional, com estabilidade financeira, - este clima ameno, dizia - foi cedendo espaço e lugar ao momento a que todos assistimos, de profundas transformações, em que os atributos de rapidez e da imprevisibilidade se disponibilizam para substituir a calma e o estável. A predição simbólica de Marshal McLuhan traduz com expressividade o momento que atravessamos: já "olhamos o futuro por um retrovisor"... Este momento é também caracterizado de forma lúcida por Boaventura Sousa Santos, quando se refere ao "ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que se repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais (...) na vida vivida e na personalidade (2000:45) Começámos assim a criar a consciência crescente da resignificação das palavras e dos conceitos a que estávamos habituados. Mas mais do que mera resignificação dos usos e costumes e códigos linguísticos, e portanto das formas de vida, que faziam coincidir língua, ciência e ação e vice-versa, dá-nos a sensação de que ao ser-nos retirado um sentido ou um significado do seu lugar, se colocam lá, ao mesmo tempo, e em substituição, o "nada e o tudo", o "vazio" e "qualquer coisa". Trata-se portanto da emergência de uma nova ordem fundada na desordem. Como nos diz Edgar Morin, "esta nova ordem contempla igualmente a desordem". É uma nova ordem onde, com muita dificuldade, conceberemos a divisão simplista, dicotómica e antropológica, arrumada em razão, por um lado, e em emoção, por outro. Esta nova ordem cheia de desordens, onde a desordem parece ser a nova "ordem", não se situa apenas ao nível das ciências ou das técnicas, mesmo que possam ser elas as grandes

impulsionadoras de tudo isso que está a acontecer. Esta "nova ordem" estende-se a quase todos os domínios da vida pública, como da vida privada. Tanto no domínio público como no privado, sob a afirmação de que "o mundo é uma aldeia global", assistimos à perda substancial das instituições, vulgo: (estado - igrejas - sistemas de educação - contextos familiares], que eram outrora os marcos e as referências de vida e da ação. Esta cultura sem códigos estende-se aos domínios da arte, dos meios de comunicação, da moda, onde cada um encena, fala, veste e sente à sua própria maneira, numa espécie de torre de babel, onde parece não ser preciso qualquer tipo de entendimento. Indiferentes aos códigos socioculturais e às tradições, os consensos tornam-se débeis, as promessas perdem importância e revelam-se as convicções. É por isso que qualquer um de nós se dá ao luxo de dizer: "cá para mim" "na minha opinião" "eu acho que", "penso eu de que", "estou convicto de/que", "comigo é assim"... Esta expressividade polifónica e politeísta, em que cada um parece ser o "senhor" (deus) de si e dos outros, de carácter solipsista e de uma subjetividade reveladora, empobrece o pensamento e faz emergir a lógica dos afetos. Ora, a emergência dos afectos resulta, quase sempre, em narcisismo situacionista: - É o gosto por si, indiferente ao sabor da diferença: lembrar-se-ão daquele spot publicitário (de uma marca de leite?): "se eu não gostar de mim quem gostará?" "Gostar" ou "não gostar" sustentam as voluntariedades e o sucesso. A solução ética de arranjo para esta questão tem vacilado entre a perda de diálogo e a tolerância mútua. O valor da tolerância tem sido ultimamente o pano de fundo da convivência com a alteridade.

Agora, para complicar as coisas, peço-vos que se virem para a pessoa que está ao vosso lado, e lhe digam diplomaticamente: "**eu tolero-te!**". Depois deixem que o outro vos diga o mesmo: "**Eu também te tolero**" Experimentem a sensação!!! Ao utilizarmos o verbo "tolerar" em vez do substantivo "tolerância" damos-nos conta da vergonha de sermos inferiores ou superiores, tanto na proximidade como na distância. Então, porque não **compreender** em vez de tolerar? Porque não a **compreensão** em vez da tolerância? De facto, "tolerar" pouco exige do tolerante e do tolerado, a não ser a passividade dos lugares em que cada um se encontra: de superioridade ou de inferioridade. Por outro lado, "compreender" exige a saída de cada um dos interlocutores, ao encontro do outro, para conhecer e perceber as lógicas das diferenças. Ao contrário, a ideia de compreensão sustenta-se na lógica do acolhimento do diverso e secundariza a retórica da emancipação, que não é afetuosa nem oblativa, nem desenvolve as liberdades dos interlocutores. A inclusão da diferença precisa, por isso, de um lato entendimento e de compreensão do seu próprio movimento, sob pena de derivação em subjetivismo individualista, em vez de subjectividade reveladora crítica e criativa que inclui peculiaridades sem preconceitos. É pois no âmbito desta ampla licitude e da humana e oportuna conveniência, que não podemos condenar ao ostracismo nem ao exílio, os valores que permitem a difusão e o uso do saber, e a criação e a imaginação, por mais esquisitos que nos possam parecer. Isto obriga-nos a ser **inteligentes** - inteligentes, no mais profundo sentido da palavra: *Inte+legere*, que significa: "ler entre" e "ler por dentro". Quer dizer, perante um contínuo alvoroço global e local, que acontece, a cada movimento de uma respiração, importa procurar conexões de sentido - ou seja, importa "**ler entre**". Por outro lado, contexto não isenta ninguém de participação consciente, procurando "**ler por dentro**" a essência do saber, do agir e do sentir, ajustando aqui o equilíbrio entre razão e emoção, que António Damásio tão bem propõe, no "erro de Descartes". Dito de outra forma, e utilizando a fórmula moderna das ciências, "Ser inteligente" é ter capacidade e competência para desconstruir. Ora, desconstruir não é destruir: - nem o legado, o que nos deixaram, - nem a inovação (ou que está para vir). Desconstruir é procurar e desmontar "peça-por-peça", com abnegação e profundidade os conceitos, os slogans, os objetos e as propostas que o fruir moderno nos apresenta. Esta tarefa possível e desejável não é fácil, mas também o fácil nunca fez ser ninguém! Com tudo o que tem de bom ou de mal, gostemos ou odiemos, a diferença está definitivamente instalada. O que nos falta agora, para além de a entender, é criar perspectivas de atuação realizadora. Para tal, torna-se necessário que libertemos o pensamento, para que o pensamento nos liberte! Mas é também necessário libertarmos-nos das amarras do comodismo e da dependência requerida ou decretada por oscilação

governamental. O cultivo do saber e o próprio saber merecem ser exaltados e defendidos por qualquer grau de ensino. Por este cultivo arriscamo-nos a ser uma verdadeira ameaça ao comodismo de muitos, à complacência dos que vivem bem com a ignorância dos outros, e à prepotência ignorante dos que alimentam a inveja perante a qualidade e o sucesso. Trabalho abnegado e pensamento livre são premissas da superação (com inteligência), das dificuldades a atravessar. O trajeto do AEPL não foge a esta regra: alunos e encarregados de educação a aspirar melhores aprendizagens, melhor ensino, bem para além da proeminência decretada do português e da matemática; professores que renovam as condições de aprendizagem; auxiliares da ação educativa envolvidos nos dinamismos pedagógicos; direção que promove o contributo de todos; projetos que ultrapassam a versão folclórica da participação submissa à avaliação (...) são desafios a que não se pode voltar as costas! O sentido de acolhimento e de inclusão que o PE do AEPL preconiza pressupõe que nos aceitemos como somos, com a evolução que já fizemos e as identidades que promovemos. Mas, isso agora é tão-somente o nosso ponto de partida para conseguir mais e melhor. Se o desafio é abrangente e multifacetado, não podemos cingir-nos à obtenção do sucesso a qualquer preço ou ao retrocesso (back to basics) do “saber ler, escrever e contar” mas antes à procura de formação em múltiplos campos do saber. Não é nem a televisão nem a internet, que “lecionam” ao domicílio, de forma (quase) grátis – a novos e velhos, estudantes e analfabetos, ricos e pobres (...) – que nos dá o saber. Por este saber rasteiro e primário, todas as pessoas pensam saber superficialmente de tudo, mas profundamente acabam por não saber nada de nada; permitem-se fazer afirmações deslocadas e até julgar, absolver e condenar... e tudo muito rapidamente, em contraposição com investigação e o trabalho árduo de criar possibilidades. Pensar é “pesar”, “ponderar” – e isto custa muito trabalho! Ao contrário: “achar” é gratuito e aleatório – mas também não aponta saídas e possibilidade de realização efetiva. As tecnologias e a informação são essenciais, mas o nosso cérebro aberto está primeiro. Por isso, cultivar um ambiente livre (e até divertido) é propiciar o florescimento da imaginação humana e, conseqüentemente, apontar possibilidades de saída e de engrandecimento. Pessoas sombrias e burocráticas só geram desânimo, confusão, acréscimo de reuniões e papelada. A alegria do educar e a sã convivência precisam de ser recuperadas.

Feito o elogio dos valores do saber, convicto de algum acolhimento e generosidade pessoal, e como parte da identidade do AEPL, resta-me dizer, seguindo K. Popper, que “nunca ninguém saberá o bastante para ser tolerante, e que ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar”.

Texto 6: PÁGINA DO DIÁRIO DE UM PROFESSOR, Conceição Teixeira, Professora de Português AEPL

Data de edição: fevereiro 2015

26 de fevereiro de 2013

Hoje dei aos meus alunos o poema “Aniversário” de Fernando Pessoa.

Fui eu a lê-lo. Tive medo que o “assassinassem”, não por maldade, mas por pura ignorância. É tão difícil para um adolescente compreendê-lo!

Queria lembrar-lhes que eles estão no tempo do dia de anos, festejado com bolo, com os primos, com todos ainda. Estão no tempo que Pessoa lamenta ter perdido, mas sobretudo não ter dado valor quando o tinha “o que eu fui de amarem-me e eu ser menino (...) o que só hoje sei que fui. A que distância, nem a acho! E a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas!”.

Queria dizer-lhes que era preciso terem atenção, darem conta do que têm... e que talvez possam ainda “trazer o passado roubado na algibeira”.

Queria dizer-lhes que os poetas não nos ensinam a viver, mas ajudam-nos a viver, lamentando menos. Não disse. Depois do poema de Pessoa ficou, simplesmente, um silêncio ... de Pessoa!

Quem sabe, não entenderam, então, tudo o que não disse!

Texto 7: O QUE SERÁ, QUE SERÁ, Luísa Pacheco, Professora de Filosofia AEPL
Data de edição: fevereiro 2015

Adaptado da letra de Chico Buarque

O que será, que será...
Que nasce do espanto, de um qualquer olhar
Que não pede licença pra questionar
E que liberta a arte de duvidar
Que pede autonomia, a raciocinar
Que quer-se radical, com sabedoria
Que veio de Mileto, de uma tal Sophia
Que está em cada idade, ou geração
Que incita à liberdade, de dizer não
Que se aprende sozinho, ou com alguém
Que é desassossego, mas sabe bem
E que é desafio...

O que será, que será
Que é Gnosiologia e Ontologia
Que aplica regras de ouro e de magia
Que faz tremer falácias e outros enganos
E que transforma servos, em soberanos
Que destrói cavernas em Mundos de sombra.
E que abraça tudo que é real
Que alerta a Ciência do que está mal
E julga a impunidade, sem qualquer clemência
Mas diz um sim bem alto à excelência
Na busca de um sentido para «o estar aqui»
E que é consciência...

O que será, que será...
Que é prova de fogo, ao preconceito
Que faz apelo à Ética, no Direito
Mas que nem sempre parte de algo perfeito
Que se vai construindo a cada instante
Que fere a indiferença do ignorante
E que vive no sonho de qualquer Infante
Que navega no mar da contradição
Que procura salvar-se pela Razão
E proteger-se bem, do que é banal
Aspirando sempre a um Ideal
Ao que só tem valor...

O que será, que será...
Que ocupa todo o espaço que está vazio
E refresca a mente como água do rio
Que agita todo o mundo, que é revelia
Que é feito de bebida que não sacia
E que ninguém possui como queria
Que brota em cada um e dá alegria
Mas que não dá sossego nem nunca dará
Que nem mil teorias vão determinar
E que nem mesmo a História irá explicar
O que não tem descanso, nem nunca terá
Mas que é terapia...





CELEBRAÇÃO DOS AFETOS

Nesta atividade foi realizado um **coração humano**, no átrio do pavilhão A, coração esse que foi previamente desenhado pelos **alunos de Geometria Descritiva do 11º ano**, com a orientação do respetivo docente. Também fez parte desta atividade a construção de um **Muro dos Afetos**, constituído por mensagens de afetividade, que os elementos da comunidade escolar foram criando, ao longo do dia 13 de fevereiro. Desta atividade constou, ainda, a oferta de **Abraços Grátis**, por parte de um grupo de alunos. É de salientar a articulação realizada com a professora responsável pelo **Projeto de Educação para a Saúde** e com uma Assistente Operacional, que colaborou na decoração do espaço da exposição. **Lúcia Reis, Professora de Filosofia AEPL**

Texto 8: CARTA ABERTA À MÃE, Mariana Ribeiro, nº14, 7ºE
Data de edição: março 2015

Padrão da Língua, 17 de março

Querida mãe,

Sempre te quis escrever uma carta, mas, felizmente, não tenho razões negativas para isso. Agora, eis a minha carta, que podes ler sem rodeios.

Sinto que mudei, mãe. Sinto que o meu medo de te desiludir é maior. Que tudo à nossa volta mudou. Lembro-me de quando era criança e tu me empurravas no baloiço. Eu via o céu, azulado e com nuvens brancas. O sol brilhava eternamente. Agora, já sei andar sozinha de baloiço. Tento dizer-to, mas tu teimas em voltar a empurrar-me. Eu digo que não preciso de ti e o sol desaparece e em troca da sua luz vêm as nuvens negras. Mas às vezes eu caio, mãe. E tu estás sempre lá para me levatares e voltares a empurrar o baloiço, para eu continuar a sentir o sabor da vida.

Mãe, gostava que percebesses isto: por vezes, eu sei balançar sozinha, sem a ajuda de ninguém. Eu apenas quero sentir a alegria e a sensação estranha de crescer... Ainda assim, obrigada, mãe. Obrigada por tudo o que és e tudo o que fazes por mim. Obrigada.

Um beijo enorme da tua filha, Mariana.

Texto 9: A FAMÍLIA E OS JOVENS, Manuela Pinto, Assistente Operacional
Data de edição: março 2015

A família é o nosso pilar, pelo companheirismo e entreaajuda. Sem a família, não seria possível o desenvolvimento físico e moral dos jovens, bem como o seu equilíbrio emocional. A relação entre pais e filhos, baseada no diálogo, ajuda os jovens a abrirem-se, a falarem dos seus sonhos e problemas.

Só assim os jovens, a partir da sua família, poderão construir um futuro melhor.

Texto 10: A FAMÍLIA, Maria do Céu Gomes, Assistente Operacional
Data de edição: março 2015

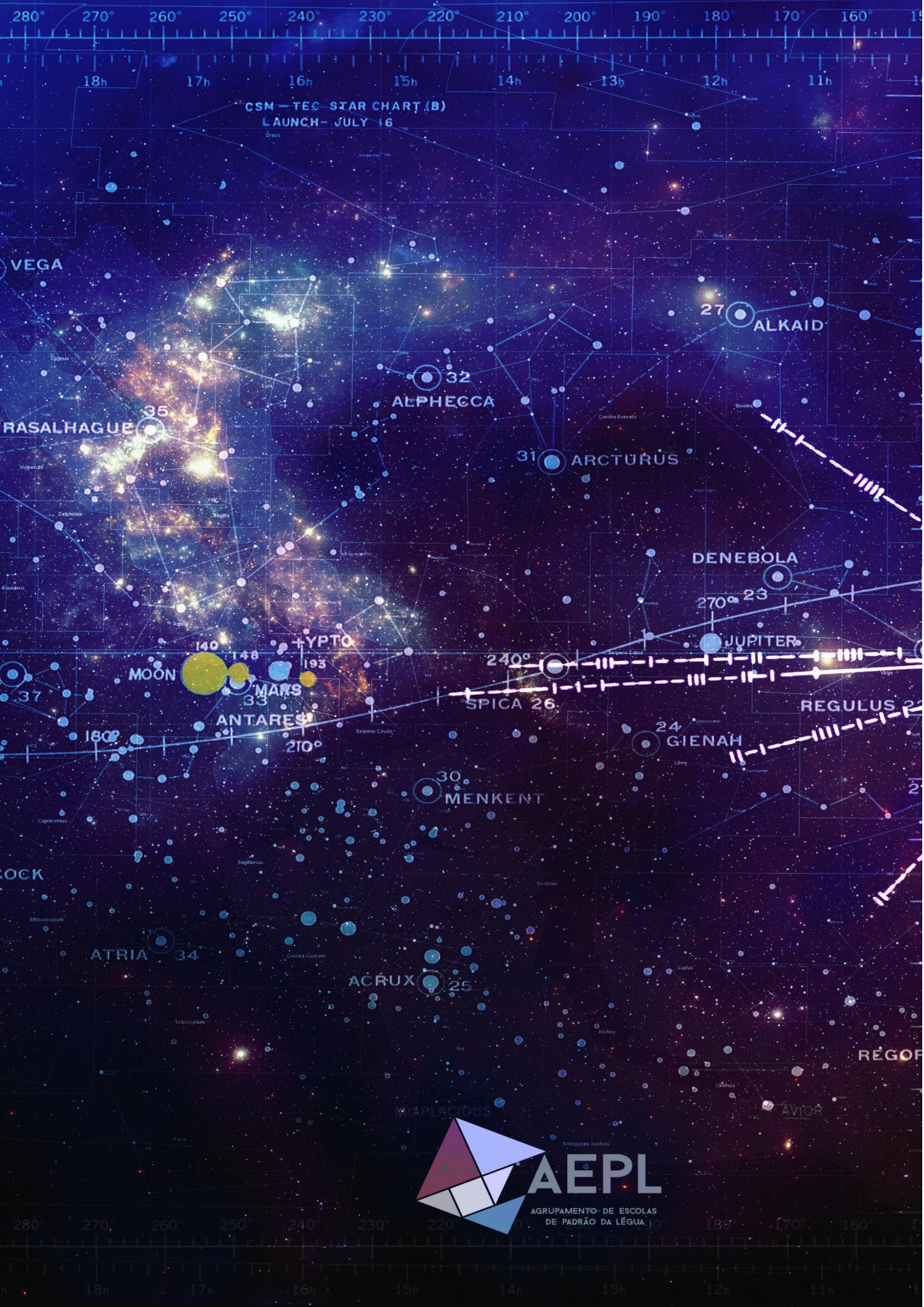
A família é a base do nosso dia-a-dia, pois nela encontramos amor e amizade. A família é a nossa ajuda, tanto em tempos de dificuldades como de alegrias.

Uma boa relação entre todos os membros da família, e em especial com os filhos, aberta, de diálogo, é essencial para a formação dos jovens, para que eles consigam, masi tarde, orientarem-se sozinhos, serem responsáveis e livres.

“Atrever-me-ia a dizer que há alguma coisa de intrinsecamente bom em todos os seres humanos, que, entre outras coisas, tem origem no atributo de consciência social que todos possuímos.

E sim, também há algo de intrinsecamente mau em todos nós, feitos que somos de carne e osso, com o desejo de perpetuar e mimar o ego.

Nelson Mandela, *Conferência Mundial sobre Religião e Paz* (1994)



CSM - TEC STAR CHART (B)
LAUNCH - JULY 16

VEGA

RASALHAGUE 35

ALPHECCA 32

27 ALKAID

31 ARCTURUS

DENEBOLA

27 23 JUPITER

MOON 140

MARS 148

ANTARES 33

240 SPICA 26

REGULUS 2

24 GIENAH

30 MENKENT

ATRIA 34

ACRUX 25

REGOR



AEPL
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
DE PADRÃO DA LÉGUA